

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

AARON INÁCIO SILVA FREITAS

**A “RELIGIÃO” DOS CENTENNIALS:
O DESENVOLVIMENTO DE UMA ESPIRITUALIDADE DIGITAL**

São Leopoldo

2023

AARON INÁCIO SILVA FREITAS

**A “RELIGIÃO” DOS CENTENNIALS:
O DESENVOLVIMENTO DE UMA ESPIRITUALIDADE DIGITAL**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em
Teologia
Área de Concentração: Teologia
Prática

Pessoa Docente Orientador: Prof.Dr. Iuri Andréas Reblin

São Leopoldo

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F866r Freitas, Aaron Inácio Silva
A "religião" dos centennials: o desenvolvimento de uma espiritualidade digital / Aaron Inácio Silva Freitas ; orientador Iuri Andréas Reblin. – São Leopoldo : EST/PPG, 2023.
141 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2023.

1. Centennials. 2. Geração Z. 3. Cibercultura. 4. Religião. 5. Espiritualidade. I. Reblin, Iuri Andréas, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

AARON INÁCIO SILVA FREITAS

**A “RELIGIÃO” DOS CENTENNAIS: O
DESENVOLVIMENTO DE UMA ESPIRITUALIDADE
DIGITAL**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia Faculdades
EST
Programa de Pós-Graduação
em Teologia Área de
Concentração: Teologia
Prática

Data de Aprovação: 29 de março de 2023

PROF. DR. IURI ANDRÉAS REBLIN (PRESIDENTE)
Assinado digitalmente

PROF. DR. MARCELO RAMOS SALDANHA (EST)
Assinado digitalmente

PROF. DR. RENATO FERREIRA MACHADO (DOM BOSCO)
Participação por webconferência

Assinado
digitalmente por
Iuri Andréas Reblin
Data: 01/04/2023
09:26:46 -03:00



Assinado digitalmente
por
Marcelo Ramos
Saldanha
Data: 03/04/2023
08:15:13 -03:00



Dedico essa Dissertação a minha amada esposa Jamylle Araujo Melo Freitas por ter me apoiado em todos os momentos e não ter me deixado desistir, bem como a minha mãe, Cirene da Silva Inácio por incentivar nos meus projetos pessoais e ao meu pai, Adalino Inácio Sobrinho (in memorian), que sempre apoiou meu ministério.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, pela salvação e por conceder a graça de conhecê-lo através de sua Santa Palavra. Louvo a Ele por ter me sustentado, porque se não fosse pela sua potente Mão não chegaria até aqui.

Agradeço ao grande amor da minha vida, Janylle Araujo Melo Freitas, por todo apoio e força ao longo da nossa caminhada, por ter sonhado junto comigo com esta conquista, por todo apoio, suporte, carinho e amor, bem como por estar ao meu lado todos os dias não importando o tamanho da dificuldade. Por esse motivo essa é uma conquista nossa. Amo-te com todas minhas forças

Agradeço a minha mãe, Cirene da Silva Inácio, por ser uma mulher guerreira. Obrigado por ser uma motivadora e cooperadora da minha vocação. Sei que a senhora orou por isso, saiba que essa conquista também é sua.

Apesar de não estar aqui, agradeço ao meu pai, Adalino Inácio Sobrinho, porque essa dissertação é uma promessa que fiz ao senhor, com toda certeza, isso está marcado na Eternidade. Até breve!

Agradeço ao Ministério do Guará, em especial, a minha amada igreja da QE 11, todos irmãos e irmãs que oram e torceram por mim, saibam que vocês são parte dessa história. Bem como, agradeço a todos meus amigos e irmãos que tem caminhado comigo.

Ao meu orientador Prof. Dr. Iuri Andreas Reblin, que compartilhou de seus conhecimentos para o meu crescimento profissional, sou imensamente grato pelo apoio e incentivo.

Muito obrigado!

O verdadeiro teólogo é aquele que aprende com humildade, ensina com fidelidade e vive com integridade.

RESUMO

Esta é uma pesquisa bibliográfica que apresenta a temática da Geração Z e a sua relação com a religião. O objetivo geral deste estudo é refletir sobre as características dos *centennials*, em níveis pessoais e sociais, além de verificar as correlações entre as novas mídias e a construção de uma espiritualidade digital. As previsões de que a religião desapareceria da vida moderna podem ser dadas como erradas, porque a religião, na era digital, ganhou nova forma. Ao mesmo tempo, alguns eventos que transtornaram o mundo em anos recentes têm origem religiosa. Paralelamente, as maiores questões e tendências espirituais hoje não podem ser completamente abordadas e compreendidas sem atenção do ciberespaço. A pesquisa é dividida em três capítulos. O primeiro capítulo aborda os *centennials* propriamente ditos, o segundo capítulo discorre sobre a cibercultura e suas consequências na sociedade e o terceiro capítulo está dividido em duas partes: a primeira parte trata de questões introdutórias e a última parte apresenta a relação entre a espiritualidade e a vida digital. Uma reflexão sobre a nova realidade da espiritualidade é a finalidade deste trabalho que enfatiza implicações tanto para o campo acadêmico quanto para o ambiente eclesial com vistas a futuras pesquisas e inquietações.

Palavras-chaves: Centennials. Geração Z. Cibercultura. Digital. Religião. Espiritualidade.

ABSTRACT

This is a bibliographical research that presents the theme of Generation Z and its relationship with religion. The general objective of this study is to reflect on the characteristics of centennials, at personal and social levels, in addition to verifying the correlations between new media and the construction of a digital spirituality. Predictions that religion would disappear from modern life may be wrong because religion, in the digital age, has taken on a new form. At the same time, some events that have upset the world in recent years have a religious origin. At the same time, the greatest spiritual issues and trends today cannot be fully addressed and understood without attention to cyberspace. The research is divided into three chapters. The first chapter deals with centennials themselves; the second chapter discusses cyberculture and its consequences in society and the third chapter is divided into two parts: the first part deals with introductory questions and the last part presents the relationship between spirituality and digital life. A reflection on the new reality of spirituality is the purpose of this work, which emphasizes implications for both the academic field and the ecclesiastical environment with a view to future research and concerns.

Keywords: Centennials. Generation Z. Cyberculture. Digital. Religion. Spirituality.

SUMÁRIO

1	<i>INTRODUÇÃO</i>	17
2	<i>DEFININDO: OS CENTENNIALS</i>	28
2.1	CARACTERÍSTICAS PESSOAIS	31
2.2	CARACTERÍSTICAS SOCIAIS	41
2.3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
3	<i>VIDA DIGITAL: A VERDADEIRA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO</i>	53
3.1	CIBERCULTURA	57
3.2	ASPECTOS CRÍTICOS DA VIDA DIGITAL	69
3.3	A FRAGMENTAÇÃO DO “EU”	80
4	<i>QUESTÕES INTRODUTÓRIAS DA ESPIRITUALIDADE DIGITAL</i>	83
4.1	ASPECTO CULTURAL: PÓS-MODERNIDADE	84
4.2	A INEGABILIDADE DA COSMOVISÃO	96
5	<i>ESPIRITUALIDADE DIGITAL</i>	106
5.1	A SOCIEDADE EM REDE E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS RELIGIOSOS	107
5.2	ESPIRITUALIDADE DIGITAL	114
5.3	PREGAÇÃO AFETIVA	125
6	<i>CONCLUSÃO</i>	130
	<i>REFERÊNCIAS</i>	133

1 INTRODUÇÃO

Durante a composição dessa dissertação, estava em cartaz nos cinemas de todo mundo um filme que trouxe enorme comoção a todos os fãs desse gênero. O filme trata-se de um adolescente que é socorrido por ele mesmo em diversos universos diferentes, “Homem-Aranha: Sem volta para casa”. Nesse trabalho descomunal percebe-se três gerações distintas, que convivem em prol do bem comum.

A primeira personagem é um adolescente ainda no Ensino Médio que vive problemas próprios de adolescente, por exemplo, namoro e o ingresso na vida universitária. Esse é o pano de fundo que complementa toda a saga, um adolescente sendo adolescente, ainda despreparado para a vida adulta.

O segundo Homem-Aranha é um jovem já ingresso na vida adulta, que claramente, sofre com o peso do passado. Devido alguns erros cometidos ao longo de sua história ele sofre com sua autoestima. Essa personagem é o mais solitário de todos os três.

O último a aparecer na saga é o que trouxe mais arrepios nas salas de cinema, é o primeiro Homem-Aranha do universo cinematográfico da Marvel. Essa personagem era um homem de meia idade com sua companheira, que enfrentava circunstâncias normais de um adulto: pagar o aluguel e ter problemas com o chefe.

Na história do filme vemos um adolescente, um jovem adulto e um adulto de meia-idade enfrentando os mesmos inimigos. Mas é inevitável ponderar as idiosincrasias de cada um.

Já nas salas de cinema era quase palpável a histeria em cada frase de efeito. Pessoas aos bordões acotovelando-se em salas completamente lotadas, o mais interessante é observar as mesmas gerações no cinema. Todas com suas características pessoais, mas com uma dose de percepções comuns de cada geração, desde a forma vestir-se até gírias espaçadamente ditas nas salas de cinema.

A pergunta que surge é a razão da nomenclatura “gerações” para falar de um grupo de pessoas e o quanto isso é limitador indenitário? Alguns estereótipos são inevitáveis nos círculos de conversas, a título de exemplo: os *Millennials* são

preguiçosos, os *Baby Boomers* não sabem lidar com tecnologia e que os *Centennials* são viciados em seus celulares.

A grande questão é a mudança de paradigma entre uma geração e outra. As mudanças na comunicação e o avanço na tecnologia eram inevitáveis. A medida que a sociedade avança ela muda sua forma de comunicar, basta lembrar dos sinais de fumaça. Não seria equivocado dizer que tudo mudou e que a forma de enxergar a religião também foi afetada.

Durante muitos anos tenho percebido uma espécie de “êxodo” da juventude na denominação que sou pastor. Aqueles adágios sempre são ditos nas conversas à mesa “quando atingirem a maturidade vão voltar”. Porém, nisso consiste meu espanto: os jovens não estão saindo da igreja, na verdade, eles estão indo para outras igrejas.

Não é que os jovens e adolescentes deixaram de ser religiosos, mas deixaram de ser dogmáticos. As tradições não deixaram de ser importantes, porém foram claramente relativizadas. A racionalidade do culto não foi esquecida, só enfraquecida. Não é que reunir com a comunidade deixou de ser valioso, na verdade, só está sendo revestido de informalidade. A grande pergunta é o porquê dessas mudanças?

Alguns escritores afirmam que os *baby boomers* eram mais religiosos que os *centennials*, quando tinham a mesma idade e como isso demonstra que o espaço ocupado pela religião vem desvanecendo com o passar dos séculos. Por isso, o objetivo geral dessa pesquisa é tentar compreender o fenômeno religioso dentro da Geração Z e como a “vida digital” tem afetado a espiritualidade desse grupo.

Inquestionavelmente, houve uma mudança de paradigma, em que o “ser” religioso dos séculos passados foi substituído pelo indivíduo consumidor de símbolos religiosos. Por que a vivência religiosa dos grandes templos está sendo trocada por uma experiência mais intimista? Por que homem e a mulher hermeticamente racionalista foram transformados em pessoas mais afetivas e quais as consequências para estética da comunidade? Porque a espiritualidade dos *centennials* não está vinculada a institucionalização? Diante disso, surgem duas grandes perguntas centrais: Por que houve essa *metamorfose* religiosa e qual a relação com vida digital? Qual é o espaço ocupado pela espiritualidade na sociedade hodierna, principalmente, entre os *centennials*?

A fim de responder essas perguntas. A dissertação está dividida em três partes. A primeira parte (tópico 2) tem como objetivo apresentar características comuns da Geração Z, diante disso, discute-se a relação dos *centennials* com *internet*, com a profissão, com a sexualidade e com a política, além de analisar os aparentes resultados da vida exposta constantemente ao meio digital.

O segundo capítulo (tópico 3) busca compreender o fenômeno digital e a construção de uma nova sociedade que não está presa em espaços físicos. A convergência dessa nova identidade social tem proporcionado ampla interatividade, porém existem consequências como manipulação por algoritmos, ciberpopulismo, formação deficitária das crianças, sensação de solidão e fragmentação da identidade.

O último capítulo divide-se em duas partes. A primeira parte (tópico 4) trata de questões introdutórias que seriam o fenômeno da pós-modernidade, como fim da era racional e abertura de espaço para o campo afetivo e a “cosmovisão” para demonstrar o caráter pré-teórico da formação da identidade, que muitas vezes não é percebido pela pessoa. A segunda parte (tópico 5) consiste na definição da espiritualidade digital fundamentando-se em uma expressão religiosa mais subjetiva, emocional e desinstitucionalizada.

Diferenciando gerações: *Baby Boomers*, *Geração X* e *Millennials*

No intuito de entender as peculiaridades geracionais com mais clareza e sua influência no ambiente de trabalho, no consumo e nas tendências sociais. É necessário compreender o caminho da multidão, porque isso fala muito sobre os indivíduos dessa caminhada.

Vale destacar que a utilização das categorizações geracionais está embasada em pressupostos mercadológicos da sociedade norte-americana, haja vista que a divisão entre gerações foi pensada a partir do mercado e consumo, consubstanciado em estruturas da publicidade e marketing. Por esse motivo, muitos termos e conceitos são mais próximos da outra América. Entretanto, há um diálogo com a realidade da sociedade brasileira, principalmente, observando as desigualdades sociais presentes no país.

Michael Dimock, presidente do instituto de pesquisa *Pew Research Center*, tem pesquisado sobre grupos geracionais ¹. Conforme o pesquisador, coortes geracionais não são uma ciência, na verdade, seriam ferramentas de compreensão, por isso não são arbitrários. Mas comumente eles são divididos por períodos *Baby Boomers* (1946-1964), Geração X (1965-1980), Geração Y ou *Millennials* (1981-1996) e Geração Z (1997-2010).

Um ponto destacado nas pesquisas geracionais são os eventos que ocorreram simultaneamente com o desenvolvimento daquele grupo, fatores políticos, econômicos e sociais são balizadores da formação geracional. Os grupos identificáveis partilham do ano de nascimento, eventos históricos significativos e fatores críticos de desenvolvimento.

Conforme *Pew Research Center* destacam-se três fatores críticos de desenvolvimento: Efeito ciclo da vida (efeito idade); efeito período; efeito coorte. O efeito ciclo da vida seriam os resultados das escolhas das pessoas em determinado ciclo da vida, por exemplo, as escolhas da mesma pessoa na adolescência não são as mesmas na meia-idade, nenhum pai de família em sua consciência perde noites de sono para ficar jogando *videogame*.

O segundo fator crítico de desenvolvimento é o efeito período, em que os eventos sociais afetam todos indivíduos ao mesmo tempo, poder-se-ia citar a grande recessão de 2009, ou as revoluções afetivas da década de 60 e mais recentemente a Pandemia de Covid-19.

Por último e mais preponderante fator crítico de desenvolvimento é o efeito coorte, que seriam circunstâncias históricas únicas, experimentadas por determinado grupo ou faixa etária, principalmente no período de formação da personalidade.

Por outro lado, o *Harvard Joint Center for Housing Studies*, tem adotado “intervalos constantes de 20 anos”, ponto de partida é o pós-Segunda Guerra Mundial ²

O problema com essas diferentes definições de ano de nascimento é que ou as gerações se sobrepõem ou cobrem diferentes períodos de

¹ DIMOCK, Michael. Defining generations: *Where Millennials end and Generation Z begins*. Washington, 17 jan. 2019. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2019/01/17/where-millennials-end-and-generation-z-begins/>. Acesso em: 15 fev 2022

² MASNICK, George. *Defining the Generations*. Cambridge, 28 nov. 2012. Disponível em: <https://www.jchs.harvard.edu/blog/defining-the-generations>. Acesso em: 15 fev 2022

idade, tornando as análises de dados muito complicadas. Para grande parte da pesquisa feita no *Joint Center for Housing Studies*, definimos o *baby boom* como a coorte nascida de 1945 a 1964, o *baby bust* de 1965 a 1984 e o *echo boom* de 1985 a 2004. A principal razão para escolher essas datas é fazer com que as três gerações cubram faixas etárias iguais de 20 anos e tenham faixas etárias que se alinhem com as faixas etárias normalmente publicadas (tradução nossa)

O pós-Segunda Guerra é indiscutivelmente o início de demarcações. Os demógrafos e outros analistas tem chegado ao consenso sobre como definir as gerações pós-Segunda Guerra Mundial, no que diz respeito à nomeação das gerações quanto à definição das faixas etárias de cada geração. Há um consenso geral de que os mais velhos dessas gerações são chamados de *baby boomers*, que nasceram entre meados da década de 1940 e meados da década de 1960. A faixa dos anos 1946 a 1964 correspondem ao período de aumento das taxas de natalidade, coorte que se alinha melhor com as faixas etárias típicas.

Os *baby boomers* gozam do status de serem a única geração oficialmente definida pelo *U.S Census Bureau*. Em contrariedade com as demais gerações, para *baby boomers* encontra-se um marco específico, como a deflagração da taxa de natalidade, que é naturalmente explicada com o retorno dos soldados americanos a suas casas depois dos enfrentamentos contra os alemães, essa manifestação singular foi preposicionada pela formação de famílias com muitos filhos, destaca-se ainda que no mesmo período houve a criação de pílulas anticoncepcionais ³.

Os *baby boomers* amadureceram em um período marcado por instabilidade, seja de ordem econômica ou social, interna ou externa, reverberada pela influência do comunismo em todo mundo. No ano de 1949, a extinta União Soviética testou sua primeira Bomba Atômica, nesse mesmo ano o partido comunista chinês encabeçado por Mao Zedong assume o controle do país. A autora Valerie Grubb sintetiza os fatores críticos de desenvolvimento: a revolução sexual e movimentos de direitos civis ⁴. Uma geração formada em

³ GRUBB, Valerie M. *Conflito de Gerações: desafios e estratégias para gerenciar quatro gerações no ambiente de trabalho*. São Paulo: Autêntica Business, 2018. E-pub. Não paginado

⁴ GRUBB, Valerie M. 2018. Não paginado.

meio a guerras e incertezas, impulsionados pela morte de líderes políticos (John F. Kennedy e Martin Luther King Jr.).

Essa reorganização da sociedade ocorreu principalmente com o surgimento de famílias com rigorosos padrões de comportamento e uma hierarquia rígida, os filhos por sua vez, deveriam apenas sujeitar-se a esse cenário. À medida que cresciam os jovens da geração *baby boomer* contestavam as estruturas sociais da época, de modo que, os jovens foram às ruas pregar contra a infalibilidade governamental.

Inúmeras questões foram colocadas em pauta, como a discussão da diversidade social seja por raça ou preferência sexual, e alteração do papel da mulher na sociedade. Diante do caos presenciado naquele interregno, os jovens da *baby boomer* receberam a missão de mudar o mundo, como dito por Sidnei Oliveira (2016)⁵, portanto, essa rigidez e intencionalidade dos *baby boomers* deram lugar à libertária geração X.

Tumulto e promessa são dois marcos das experiências de vida dessa geração (*baby boomers* – acréscimo nosso). Como jovens adultos, eles foram moldados pela guerra e pela inquietação social, e, já na idade madura, experimentaram as mais altas taxas de divórcio da história.⁶

Em meados dos anos 1960, surge no cenário social a Geração X. Graças à baixa taxa de fertilidade dos pais, ela também é conhecida como *Baby Busters*, pessoas nascidas durante a depressão de bebês, em oposição aos *Baby Boomers*, pessoas nascidas durante a explosão de bebês⁷. O efeito coorte dessa geração é extremamente conturbado, dar-se-á pelo fato dos anos 60 serem conhecidos como anos rebeldes, essa rebeldia torna-se uma das principais marcas desse queto social.

Não só topetes altíssimos, tiaras coloridas, calças boca de sino e roupas extravagantes, essa Geração X desafia não só a moda, mas nos anos 60, a humanidade desafia o impossível. O russo Yuri Gararin torna-se o primeiro

⁵ OLIVEIRA, Sidnei. *Gerações: encontros, desencontros e novas perspectivas*. São Paulo: Integrare Editora, 2016. E-pub. Não paginado

⁶ GRUBB, Valerie M. 2018. Não paginado.

⁷ GRUBB, Valerie M. 2018. Não paginado.

homem a entrar no espaço. Já em 1967, na África do Sul, ocorre o primeiro transplante de coração. No fatídico dia de 20 de julho de 1969, o homem pisa na Lua por meio da missão espacial Apollo 11.

Também nessa década os Beatles lançaram seu primeiro disco. No Brasil, Música Popular Brasileira garante seu espaço no cenário nacional, ainda nasce o movimento do Tropicalismo. No final dessa década ocorre o primeiro festival de *Woodstock*, sem esquecer do movimento *hippie* que tem uma enorme alavancada.

Mais do que qualquer outra geração até então, a Geração X cresceu em famílias com dupla fonte de renda, embora também houvessem ainda muitas famílias com uma única fonte de renda. Também conhecida como Latchkey Generation⁸, ou geração com a chave de casa, porque os pais passavam grande parte do dia no trabalho, os filhos viviam por conta própria e aprendiam a ser independentes desde cedo, uma vez que geralmente ficavam em casa sozinhos. A autossuficiência é outra marca registrada dessa geração, essa percepção é muito bem demarcada por Sidnei Oliveira⁹

[...] vida em família estava se alterando profundamente. As atribuições deslocavam-se entre o casal e seus filhos. O pai não era mais o único responsável por suprir os recursos. A mãe agora deveria e queria participar ativamente conquistando um emprego registrado. Contudo, esse era também um novo desafio e muitas vezes as mulheres somente conseguiam dar sua parcela de colaboração exercendo atividades consideradas “tipicamente” femininas, como professora, enfermeira, secretária ou até mesmo vendedora de cosméticos e utensílios. Os filhos também eram estimulados a ajudar de alguma forma e muitos tiveram seu primeiro emprego ainda no início da adolescência.

O mesmo autor conclui demonstrando de modo ainda mais prático¹⁰

Não era apenas a televisão que devia ser compartilhada. Nos lares desse período, também era comum existir apenas um banheiro para uma família de, em média, seis pessoas. Os filhos, naturalmente, deveriam dividir o quarto, as roupas e os brinquedos. Sendo assim, tudo era socializado dentro das residências, despertando nas crianças da Geração X uma necessidade fundamental de individualidade. Dessa forma, o estímulo dos pais para que o jovem começasse a trabalhar ainda na adolescência se encaixou perfeitamente nos anseios dessa geração: conquistando o próprio dinheiro, teriam mais

⁸ GRUBB, Valerie M. 2018. Não paginado.

⁹ OLIVEIRA, Sidnei. 2016. Não paginado.

¹⁰ OLIVEIRA, Sidnei. 2016. Não paginado.

independência. Como resultado, esses jovens ficaram muito mais expostos ao mercado de trabalho e inauguraram um movimento inédito pela busca de facilidades que permitissem usufruir com mais intensidade de seus desejos.

Essa busca por independência, é demonstrada por um termo cunhado na época “*workaholic*”, que seria alguém viciado em trabalho, na verdade, poder-se-ia dizer um trabalhador compulsivo. Esse novo estilo de vida elucida uma geração ferida pela falta de atenção dos pais, que busca motivadamente pela ganancia e competitividade, bem como o desejo de provar algo a alguém ou a si próprio.

Ser jovem por si só é romper com paradigmas, existe sim na juventude um desejo por liberdade. Muito embora tenham crescido no contexto da queda do Muro de Berlim, do fim da Guerra Fria e de avanços tecnológicos acelerados já mencionados, a Geração X tem forte senso de ceticismo em relação aos políticos e aos líderes empresariais. Portanto, a Geração X é fomentada por um espírito libertário e desiludido, principalmente, no Brasil por sofrer intensas mudanças políticas. Em 21 de Abril de 1960, a capital é transferida do Rio de Janeiro para Brasília. Em 31 de março de 1964, um golpe militar tira do poder o presidente João Goulart, assim inicia-se a Ditadura Militar. Os movimentos estudantis nessa época, foram expressivos em todo o mundo, no Brasil, por exemplo, foi marcado por inúmeros enfileiramentos de estudantes contra os militares.

Por fim, essa busca incessante por autonomia desemboca na criação dos filhos. Se um jovem da Geração X compartilhou seu dormitório com os irmãos, certamente ele se esforçará para proporcionar ao seu filho um quarto individual. Se teve de trabalhar desde cedo para pagar os estudos, irá priorizar escolaridade para seu filho, comumente até o Ensino Superior. Se desejou viajar para o exterior e não pôde, planejará muito bem para que seu filho possa ter essa oportunidade. Os pais da Geração X querem proporcionar aos filhos tudo que desejaram na juventude, mas não conseguiram realizar ¹¹.

Nesse afã de suprimento dos filhos, desabrocha a Geração Y ou mais conhecidos como *Millennials* (1981-1996), uma geração que inicialmente atrasa

¹¹ OLIVEIRA, Sidnei. 2016. Não paginado.

os desafios e consequências da maturidade. Essa parentalidade tipo helicóptero, sempre pairando por cima dos filhos, no intuito de protegê-los resultou no fato que alguns *Millennials* se encontraram despreparados para a vida adulta.

É inegável que o desconforto gera mudança, enquanto o conforto gera inércia, já dizia a primeira Lei de Newton que “um corpo em repouso tende a permanecer em repouso”. Ao constantemente suprir as necessidades dos jovens, a Geração Y inicia lentamente sua maturidade econômica, entrando no mercado de trabalho somente após a formação superior. Além disso, toda a infraestrutura e facilidades proporcionada pelos pais acarretou em uma relativa dependência, fazendo com que os jovens da Geração Y também adiassem a exposição a alguns desafios com consequências, como a independência financeira ou a formação da própria família ¹².

Nesse mesmo sentido Valerie Grubb é cirúrgica em seu diagnóstico ¹³

Ouvindo desde o berço que são especiais e valiosos, os Millennials cresceram sob os cuidados de todos os adultos ao redor deles. Essa geração introduziu a era de “todos recebem medalhas” como prêmio pela participação e aprenderam a esperar recompensas imediatas pelo trabalho árduo. Ao mesmo tempo, os Millennials aprenderam a conversar com abertura e em público sobre seus sentimentos, exigem muito feedback e querem ardentemente fazer diferença positiva no mundo. Uma enquête ampla sobre as atitudes dos Millennials no local de trabalho ofereceu o seguinte resumo: os Millennials “reivindicam significado, mentoria e meritocracia em ambientes de trabalho que aproveitam as suas contribuições”.

Entretanto, a BBC News Brasil escreveu uma matéria em julho de 2021 com o seguinte tema: “O que deu errado com os *millennials*, geração que foi de ambiciosa a 'azarada'” ¹⁴. Havia grandes expectativas para a primeira geração que nasceu com os computadores por perto, entretanto, essa geração é conhecida por outros adjetivos. É inegável que o mundo não foi gentil com eles, houve a Grande Recessão de 2009. Em uma reportagem do Washington Post

¹² OLIVEIRA, Sidnei. 2016. Não paginado.

¹³ GRUBB, Valerie M. 2018. Não paginado

¹⁴ IDOETA, Paula Adamo. O que deu errado com os millennials, geração que foi de ambiciosa a 'azarada'. São Paulo, 25 jul 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57938082>. Acesso em: 1 mar 2022

de 2020, nomeia os *millennials* como a geração mais azarada da história dos EUA¹⁵. O autor da reportagem Andrew Van Dam diz

Depois de contabilizar a crise atual, o millennial médio experimentou um crescimento econômico mais lento desde que entrou no mercado de trabalho do que qualquer outra geração na história dos EUA. Os millennials carregarão essas cicatrizes econômicas pelo resto de suas vidas, na forma de ganhos mais baixos, menos riqueza e marcos atrasados, como a casa própria. (tradução nossa)¹⁶

A recessão de 2009 é vista como o grande coorte social dos *millennials*, provavelmente, jamais voltem a recuperar de tamanho baque. A grande recessão é como uma lesão na carreira de um atleta, havia grande expectativa até o “cruzado anterior” rompesse e acabasse com as pretensões daquele jogador.

Depois do caos causado em pela recessão o mundo precisou se recompor isso significa ajustes fiscais, flexibilização das regras trabalhistas e maior competitividade no mercado de trabalho.

É inegável que a instabilidade econômica é um protelador de processos, devido a renda menor os *millennials* são mais lentos que as gerações anteriores para o avanço comum da sua vida, por exemplo, eles demoram mais para se casar, sair da casa dos pais e ter filhos.

Não somente a recessão, mas outros eventos servem de coorte geracional. A maioria dos *millennials* tinham entre 5 e 20 anos quando os ataques terroristas de 11 de setembro abalaram o mundo todo. A geração do milênio também cresceu à sombra das guerras no Iraque e no Afeganistão, que aguçaram visões mais amplas dos partidos e contribuíram para a intensa polarização política que molda o ambiente social atualmente, isso corroborou para que durante a eleição de 2008, onde a força do voto dos jovens se tornou parte da conversa política e ajudou a eleger o primeiro presidente negro dos EUA.

¹⁵ DAM, Andrew Van. The unluckiest generation in U.S. history: *Millennials have faced the worst economic odds, and many will never recover*. Washington, 5 jun 2020. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/business/2020/05/27/millennial-recession-covid/>. Acesso em 1 mar 2022

¹⁶ DAM, Andrew Van, 2020.

Somado a isso o fato de que os *Millennials* são a geração adulta com maior diversidade racial e étnica na história dos EUA ¹⁷. Essa inclusão e diversidade é percebida no aumento de oportunidades no mercado de trabalho, justamente, por essa ser a primeira geração que as mulheres são mais numerosas que os homens nas faculdades ¹⁸.

Uma outra aparente virtude é a inovação em caráter financeiro, por talvez não conseguirem um emprego dos sonhos, bem como os infortúnios da vida, os *millennials* tem buscado ter seu próprio empreendimento. Em uma notícia do site do Governo do Brasil em outubro de 2021, em que entre maio e agosto, o país registrou a abertura de 1,4 milhão de novos negócios, aumento de 26,5% em relação ao mesmo período de 2020¹⁹. Isso significa que os ditos como “azarados” estão lutando com as armas que possuem em suas mãos.

Destaca-se ainda que esses “nativos digitais” corroboraram para o avanço da comunicação e tornaram-se a primeira geração global. Apesar do excesso de cuidado dos pais que foi prejudicial aos *millennials*, eles buscaram a conectividade como principal meio de interação social que é um marco para os *centennials*, que são o tema dessa pesquisa.

¹⁷ DIMOCK, Michael, 2019.

¹⁸ GRUBB, Valerie M. 2018. Não paginado

¹⁹ Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2021/10/brasil-registra-recorde-em-abertura-de-empresas-no-2o-quadrimestre>. Acesso em: 10 mar 2022

2 DEFININDO: OS CENTENNIALS

A geração *pós-millennials* possui várias nomenclaturas. A revista *AdvertisingAge* define *iGen* como a melhor nome para essa geração ²⁰. Outro nome sugerido para esse grupo é Geração Z, seguindo a ordem comum, porque os *Millennials* são denominados como Geração Y.

Neil Howe juntamente com William Strauss sugeriu que o nome fosse *homelanders*, em que observou que esse grupo geracional cresceu durante uma grande preocupação com a segurança ²¹, entretanto, esse vocativo não difundiu devido uma precipitação ao delimitar essa geração nascendo no ano de 2005, que não é nem de perto apoiado pela grande maioria dos pesquisadores. Vale destacar que Neil e William cunharam o termo *Millennials* ²².

Outra expressão usada é *centennials*, sendo denominada amplamente em caráter acadêmico além de ser adotada por grandes centros de pesquisa como A.S Bureau, por exemplo. Diante dessas consideráveis possibilidades essa dissertação denominará de modo simultâneo e intercalável: *Centennials*, Geração Z e *Pós-Millennials*.

Mas, afinal, quem são os *Centennials*? Jean M. Twenge, psicóloga com pesquisas voltadas para demandas geracionais descreve dez tendências desse grupo social: sem pressa (adolescência mais prolongada); vida digital (uso constante de smartphones); baixo contato pessoal (declínio da interação ao vivo); inseguros (aumento de transtornos psíquicos); descrentes (declínio do contato com a religião); isolados socialmente (diminuição da vida comunitária); inseguros financeiramente (novos horizontes no trabalho); indefinidos (novos posicionamentos em relação a sexualidade); inclusivos (aceitação, igualdade e

²⁰ HOROVITZ, Bruce. After Gen X, Millennials, what should next generation be?. New York, 04 mai 2012. Disponível em: <https://abcnews.go.com/Business/gen-millennials-generation/story?id=16275187>. Acesso em 18 mar 2022

²¹ HOWE, Neil. Introducing the Homeland Generation (Part 1 of 2). New York, 27 out 2014. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/neilhowe/2014/10/27/introducing-the-homeland-generation-part-1-of-2/?sh=657d76bc2bd6>. Acesso em 18 mar 2022

²² TWENGE, Jean M. *iGen: por que as crianças superconectadas de hoje estão crescendo menos rebeldes, menos felizes e completamente despreparadas para a idade adulta*. São Paulo: nVersos, 2018. p. 22.

liberdade de expressão); independentes politicamente (dissociação político-partidária)²³.

Outra escritora que caracteriza a geração Z, é a autora brasileira Simone Emanuel, ela afirma que “Suas principais características são otimismo, imediatismo, hábito de fazer várias tarefas ao mesmo tempo, gosto por novas tecnologias, busca por propósito, flexibilidade no trabalho, preocupação com o meio ambiente e causas sociais”²⁴, enxerga-se aqui, inúmeras familiaridades e aparentes discordâncias entre ambas autoras, que serão tratadas simultaneamente ao longo do capítulo.

Caso alguém coloque no Google a expressão “Geração floco de neve”, o grupo retratado são os *pós-millennials*. Essa nomenclatura traz inúmeras reverberações, a saber, uma geração que se contempla única, mas é demonstra sua fragilidade. Assim como os flocos de neve são singulares, todavia ao caírem em uma superfície com temperatura diferente são derretidos facilmente. Poder-se-ia usar esse binômio (singularidade e fragilidade) como ponte comunicativa aos *centennials*.

É indiscutível que juventude é uma fase ímpar na vida e algumas características são impregnadas nesses anos, por exemplo, a rebeldia, desejo de autoafirmação. No periódico “Nascidos em Tempos Líquidos” de Zygmunt Bauman e Thomas Leoncini apresentam a tatuagem como marca pública, identitária e geracional, fundamentando-se na pesquisa assinada pela *The Harris Poll* isso corrobora para a singularidade dos *centennials*²⁵.

Três entre dez americanos tem tatuagens, e a maior parte deles não se limita à primeira [...] quase metade dos millenials (47%) e mais de um terço da geração X (36%) tem pelo menos uma [...] Entretanto, somente 13% dos babys boomers tem tatuagem.

A partir desse apontamento, as pessoas de qualquer coorte geracional, buscam expressar na pele, na estética, na moda ou na cultura os mais profundos

²³ TWENGE, Jean M., 2018. p. 17

²⁴ EMANUEL, Simone. *Geração Z: quem são e como se comportam os jovens nascidos na era digital*. Rio de Janeiro, 2020. E-pub. Não paginado

²⁵ BAUMAN, Zygmunt; LEONCINI, Thomas. *Nascidos em tempos líquidos: transformações no terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. p.16-17.

estigmas de seu coração. Dentro de cada comunidade o “eu interior” caminha para sua distinção e peculiaridade ²⁶

[...] desde quando o conceito de “comunidade” começou a ser relegado às margens do pensamento e da práxis social surgiram o conceito de “identidade” e a práxis da “identificação do eu” para preencher o vazio que seu preconizado desaparecimento abriria nas rotinas vigentes de posicionamento e classificação social.

Obviamente, a adolescência é uma fase da vida, na qual, as idiossincrasias são mais percebidas, nas palavras de Rose de Melo Rocha e Josimey Costa da Silva ²⁷

Os jovens constituem uma parte essencial dessa cultura fragmentada, parcelada, mas também múltipla e plurivocalizada. Sua participação se define pelo consumo simbólico como fabricação de sentidos atravessados por fluxos vinculados à economia, à política e ao imaginário. Isso cria também novas sensibilidades plurais e nomadismos que refletem em determinações da vida urbana e arcaísmos do *anthropos*, do homem universal cuja linguagem é audiovisual, formando jovens ambivalentes complexos. Ao invés de universos juvenis, há pluriversos. Abordar a juventude dessa maneira requer integrar diversos modos de pensar, incluindo aparentes contradições internas, as desordens e antagonismos, que se tornam complementares.

Em suma as autoras afirmam “Não se fala, portanto, em juventude ou juventudes, mas jovens e juventudes” ²⁸. Isso significa que a adolescência é uma fase de peculiaridades só encontradas nesse interregno da vida.

De agora em diante, dividir-se-á as características dos *Centennials* em relação a vida privada e a vida pública, outrossim, será feita a análise do comportamento do indivíduo para com ele mesmo, por exemplo, os processos normais da vida adulta, sua relação com o ambiente digital e os transtornos de comunicação gerados pelo uso constante dos *smartphones*, bem como do indivíduo para com as relações sociais: comunicação social, trabalho, sexualidade e política. A relação com a religião será tratada posterior e especificamente nessa dissertação.

²⁶ BAUMAN, Zygmunt; LEONCINI, Thomas, 2018. p. 20

²⁷ BORELLI, Sílvia. H. S; FILHO, João Freire (orgs). Culturas juvenis no Século XXI. São Paulo: EDUC, 2018. p. 126

²⁸ BORELLI, Sílvia. H. S; FILHO, João Freire (orgs), 2018. p. 127

2.1 CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

A primeira característica pessoal a ser ventilada é retardamento da vida comum, ou melhor dizendo, prolongamento da adolescência. Calligaris afirma que adolescência é o sonho da liberdade do adulto ²⁹

[...] a adolescência, excluída da vida adulta, rejeitada num limbo, acaba interpretando e encenando o catálogo dos sonhos adultos, com maior ou menor sucesso. Mas, através de todas as suas variantes, ela sempre encarna o maior sonho da nossa cultura: o sonho da liberdade. Ou seja, por tentar dispensar a tutela dos adultos, a rebeldia adolescente se torna uma encenação do ideal cultural básico. Por esse motivo, as condutas adolescentes em toda as suas variantes se cristalizam, se fixam e tornam objeto de imitação

A adolescência, portanto, é um sonho ideal. A liberdade não é somente o sonho americano, mas o sonho social. O individuo sem hora para acordar, sem responsabilidades, sem obrigações, sem ônus, em que vive somente os prazeres é quase uma utopia, provavelmente, esse limbo da infância para a vida adulta é o que mais se aproxima dessa tão sonhada liberdade. Não é tão difícil entender o porquê alguém lutaria tanto para retardar essa fase.

Entretanto, não é correto colocar no mesmo “pacote” todos os adolescentes. O Brasil é um país extremamente diverso e desigual. Por esse motivo fazem-se ressalvas a Calligaris.

Ao entrevistar alguns adolescentes, Jean M. Twenge, afirma que as moças e rapazes, não costumam sair e nem se envolver em relacionamentos (namoros). Conforme ela os “*iGen*” (termo preferido pela autora para os *centennials*) são menos propensos a sair sem a companhia dos pais, portanto, retardam a experiência de independência familiar ³⁰. Conforme dados estáticos ela ratifica ³¹

Agora, aqueles beijos no rinque também rarearam: os adolescentes da *iGen* são menos propensos a namorar. Em comparação com o pessoal das gerações *Baby Boomer* e *X*, na mesma idade, apenas metade dos *centennials* que estão terminando o ensino médio já sai para namorar.

²⁹ CALLIGARIS, Contardo. A adolescência. São Paulo: Publifolha, 2014. p. 57

³⁰ TWENGE, Jean M., 2018. p. 36.

³¹ TWENGE, Jean M., 2018. p. 36.

No início dos anos 1990, quase três entre quatro estudantes do 1º ano do ensino médio às vezes namoravam, mas em 2010 apenas metade fazia isso

Essa afirmativa desagua em questões lógicas como os adolescentes nessa fase da vida fazerem menos sexo que seus antecessores, isso significa diminuição na taxa de natalidade ou diminuição em doenças sexualmente transmissíveis. Por consequência, o declínio da atividade sexual e gravidez na adolescência é um claro sinal da desaceleração geracional.

Esse crescimento mais lento é percebido em outras questões, por exemplo, trabalhar e ingerir bebidas alcoólicas. A autora defende que algumas experiências são até vivenciadas, porém com maior lentidão ³²

No ensino médio, os *centennials* são surpreendentemente menos propensos a testar esses marcos outrora quase universais na adolescência, essas primeiras experiências inebriantes de independência em relação aos pais que fazem o jovem sentir adulto pela primeira vez. Até os *centennials* que alcançam tais marcos durante o ensino médio o fazem com algum atraso em relação as gerações anteriores. Isso inclui os prazeres da vida adulta, como sexo e álcool, quanto as responsabilidades da vida adulta, como trabalhar e dirigir. Para o bem e para o mal, os adolescentes da *iGen* não têm pressa para crescer. Atualmente, os jovens de dezoito anos parecem com os de quatorze anos antigamente, e os de quatorze parecem ter dez ou doze anos.

Isso expõe que adolescência tem sido prolongada, bem como a infância. De modo mais claro, algumas características da adolescência têm avançado até a vida adulta, justamente, porque os *centennials* estão demorando para alcançar marcos iniciais da maturidade (pense em maturidade como independência), destarte, essa trajetória no desenvolvimento está mais devagar.

Mas qual o supedâneo para essa lentidão? Há três motivos listados pela autora. O primeiro decorre da diminuição de integrantes familiares. As famílias estão menores, os pais raramente têm mais de três filhos, isso significa que os pais passam mais tempos com seus filhos e filhas. Logo, durante essa fase de “maturação identitária” os adolescentes, ao invés de passarem essa fase

³² TWENGE, Jean M., 2018. p. 58-60

sozinhos, eles passam na companhia da mãe ou do pai, gerando esse “freio” na maturação da identidade desses indivíduos³³.

Segundo motivo flui de estudos sobre o desenvolvimento cerebral que evolução cerebral córtex frontal (área do cérebro responsável pela tomada de decisão) é concluída aos 25 anos. Assim sendo, alguns estudiosos afirmam que os adolescentes não têm aptidão para tomar decisões. Mas autora discorda veementemente desse argumento³⁴.

O último motivo é uma nova visão sobre os pais e mães, como já tratado nesse trabalho, a parentalidade helicóptero. Os pais e mães não são vistos como distantes, mas como amigos e parceiros, à vista disso, os *centennials* convivem mais com os pais, assim, sempre estão por perto. Essa falta de responsabilização e redoma criada ao redor dos filhos reverbera em uma geração mais frágil ou até mesmo amedrontada com a vida.

A rebeldia característica dos adolescentes e jovens das gerações anteriores mudou drasticamente, alguns *pós-millennials* são favoráveis a superproteção dos pais. Esse ponto é claro na pesquisa de Twenge³⁵

Quando perguntei a vinte *centennials* por que ser criança é melhor que ser adulto, quase todos disseram que ser adulto envolvia um excesso de responsabilidade e que quando eram crianças só tinham de se divertir, pois os pais se encarregavam de tudo

Como um pastor certa vez disse “maturidade é independência”, independência essa que a geração Z tem refreado. Os *centennials* devido o amadurecimento tardio podem ser figurados como um eterno “Peter Pan”, mesmo sabendo que precisam crescer e responsabilizar-se eles preferem a facilidade da vida infantilizada.

A segunda característica pessoal dos *pós-millennials* é a vida digital. Diferentemente, das demais gerações que o ambiente *online* era parte da vida delas, para os *centennials* a vida *online* é a vida deles. Nesse grupo não há mais vida pública ou privada, tudo é público e tudo é publicado. Esse ponto é claro, a vida *online* e a vida *offline* confundem-se, logo, o conceito *all-line* retrata melhor a Geração Z.

³³ TWENGE, Jean M., 2018. p.60.

³⁴ TWENGE, Jean M., 2018. p. 61

³⁵ TWENGE, Jean M., 2018. p.65

É importante ressaltar que a fase da adolescência é fundamental para construção da identidade da pessoa e novas tecnologias podem servir como fonte de informação e socialização ³⁶

A teoria dos sistemas ecológicos ou perspectiva ecológica da análise em relação ao desenvolvimento humano compreende o processo desenvolvimental como um fenômeno resultante da interação dinâmica da pessoa com o seu contexto, em determinado tempo sócio-histórico. Portanto, é por meio das interações sucessivas do indivíduo com pessoas, objetos e símbolos que o processo de desenvolvimento ocorre. Essas interações possibilitam situações e resultados mais ou menos protetivos que influenciam no curso desenvolvimental da pessoa focalizada.

Em uma pesquisa realizada nos Estados Unidos afirma que os nativos digitais gastam mais de oito horas por dia na *internet* e redes sociais, isso significa que as horas de trabalho dos pais dos *centennials* é equivalente ao tempo de consumo das tecnologias digitais pelos adolescentes da Geração Z ³⁷.

Todavia, essa não é precisamente a realidade do Brasil. Devido a uma grande desigualdade que ainda assola a nação a utilização da *internet* é diferente nas regiões do país.

Em pesquisa realizada no ano de 2008, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), analisou a frequência e finalidade do uso da *internet*, diante disso, constatou-se que populações com níveis socioeconômicos mais elevados têm maior contato com o ambiente digital. As regiões Norte e Nordeste demonstram menor acesso a *internet* em relação como Sul, Sudeste e Centro-Oeste ³⁸.

Outro dado que reforça a disparidade ao acesso a *internet* é um estudo feito por Spizzirri também no ano de 2008. Conforme a pesquisa, os alunos da rede privada utilizavam mais a *internet* no âmbito doméstico do que os alunos

³⁶ HABIGZANG, Luísa Fernanda I.; DINIZ, Eva; KOLLER, Sílvia H. (Orgs.). *Trabalhando com Adolescentes: teoria e intervenção psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 182.

³⁷ Kaiser Family Foundation. *Generation M2: Media in the Lives of 8- to 18-Year-Olds*. Disponível em: <https://www.kff.org/other/event/generation-m2-media-in-the-lives-of/>. 20 jan 2010. Acesso em: 05 mar 2023.

³⁸ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apud HABIGZANG, Luísa Fernanda I.; DINIZ, Eva; KOLLER, Sílvia H. (Orgs.). p. 184

da rede pública de educação. Isso deixa implícito que, provavelmente, não possuíam computadores em casa para uso familiar ³⁹.

Entretanto, no ano de 2022, em pesquisa apoiada pelo IBGE expõe que “A *Internet* chega a 90,0% dos domicílios do país em 2021, com alta de 6 pontos percentuais (p.p.) frente a 2019, quando 84,0% dos domicílios tinham acesso à grande rede”. Isso significa que ainda existem locais não contemplados com acesso as novas mídias digitais, porém pode-se afirmar que é uma minoria da população. Possivelmente, a tendência é que esse número diminua ainda mais nos próximos anos ⁴⁰. Todavia, não seria necessariamente correto afirmar que esses dados demonstram maior igualdade social no Brasil, mas revelam que o acesso a *internet* é quase indispensável.

A Geração *pós-millennials* nasceu abraçada com computadores. Estão familiarizados com o *modus operandi* dos meios digitais, acompanharam toda modernização dos aparatos eletrônicos e já possuem no seu “DNA” as grandes mudanças de comportamento e relacionamento gerados pela era tecnologia ⁴¹.

No cotidiano torna-se ainda mais evidente. Antes de irem dormir, checam as redes sociais (*WhatsApp, Instagram, TikTok, Twitter, Facebook, Snapchat ou Youtube*), depois de verem alguns vídeos e fotos pegam no sono. Quando acordam a primeira coisa que fazem é pegar o celular para desligar o despertador. O celular é a última coisa que pegam antes de dormir e a primeira que pegam ao acordar. Se por acaso acordarem no meio da noite, com toda certeza, irão pegar o celular novamente. Na prática poder-se-ia afirmar que são viciados em seus *smartphones*.

Tudo e todos estão nas redes sociais. De modo simples, até mesmo as relações sociais são alteradas por essa nova realidade, por exemplo, se uma adolescente posta uma foto no seu IG do *Instagram* e sua amiga não “comenta” ou “curte” essa foto, possivelmente, haverá uma discussão por conta desse “deslize”.

³⁹ SPIZZIRRI, R.C.P. apud HABIGZANG, Luísa Fernanda I.; DINIZ, Eva; KOLLER, Sílvia H. (Orgs.). *Trabalhando com Adolescentes: teoria e intervenção psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 186.

⁴⁰ NERY, Carmen; BRITTO, Vinícius. *Internet já é acessível em 90,0% dos domicílios do país em 2021*. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34954-internet-ja-e-acessivel-em-90-0-dos-domicilios-do-pais-em-2021>. Rio de Janeiro, 16 set 2022. Acesso em: 06 mar 2023

⁴¹ SIMONATO, Marcelo. *Liderando juntos: um novo olhar para a gestão das gerações atuais*. São Paulo: Literare Books Internacional, 2020. Não paginado

Até mesmo, a forma de demonstrar interesse em alguém mudou, caso alguém se interesse por outra pessoa, ele não dirá isso pessoalmente ou por meio de cartinhas, mas irá curtir três ou mais fotos dessa pessoa. A vida passou ser conduzida *online* a fim que todos possam ver.

As preferências, os gostos, as peculiaridades, as opiniões, os questionamentos, tudo absolutamente tudo, está nas redes sociais. Caso um *centennial* discorde de um posicionamento político, ele irá no seu *Twitter* e expor sua indignação. Caso goste de um vídeo, ele publicará no *stories* do *Instagram*. Caso uma garota queira chamar a atenção, ela irá postar uma foto bonita ou sensual, às vezes indiscreta, para ganhar curtidas e comentários.

Fazendo uma breve digressão, psicólogos tem estudado os efeitos dos “likes” e comentários nas mídias sociais, e percebeu-se que ao receber uma “curtida” o cérebro libera um hormônio chamado “dopamina”, esse hormônio é responsável pela alegria, é o mesmo hormônio produzido pelo uso de drogas ⁴², ou seja, o efeito da curtida é o mesmo gerado pelo uso de entorpecentes, por isso, pode-se falar em vício em redes sociais. Posto isto, algumas moças ou moços, passam dos limites para ganharem o máximo de curtidas em suas fotos. De certo modo, as redes sociais *hackeiam* o cérebro das pessoas, tornando-os cada vez mais dependentes ⁴³

A realidade das gerações nascidas em berço tecnológico é de rotina diária inteiramente ligada à conexão virtual. O aparato tecnológico se transformou em uma extensão do próprio corpo, que é capaz de fornecer uma gama de possibilidades ao portador, como entretenimento, informação, comunicação e assim uma autonomia que gera profunda dependência.

A vida digital tem inúmeros efeitos nessa geração: imediatismo, publicidade pessoal, exposição virtual, mudança na comunicação e multitarefa. O imediatismo é uma das grandes características dos nativos digitais. Buscam na vida real a imediata resposta encontrada na vida virtual. Pensam rápido,

⁴² LOAIZA, Melissa Velásquez e MELO, CAROLINA. Carência por like está quimicamente relacionada ao vício, alerta especialista. São Paulo, 30 out 2021. Disponível <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/carencia-por-like-esta-quimicamente-relacionada-ao-vicio-alerta-especialista/>. Acesso em 10 de abr 2022

⁴³ SIMONATO, Marcelo, 2020. Não paginado

agem rápido, querem soluções rápidas. Dessa forma conseguem acompanhar o excesso de informações e estímulos diários.

A publicidade pessoal mostra como um fator marcante para essa geração. Os jovens da Geração Z, são competitivos, eles querem mostrar publicamente suas conquistas pessoais, expõem seu melhor lado e apresentam um estilo de vida atraente aos seus seguidores, fazendo com isso seu *marketing* pessoal. Provavelmente, essa publicidade seja em decorrência da aprovação dos demais, demonstrando uma instabilidade emocional que será tratada adiante.

Essa exposição virtual, decorre de uma vida *all-line*, hoje em dia tudo é “publicável”, até mesmo a comida colocada à mesa pode render uma postagem. Porém, assim como tudo é passível de ser exposto, tudo é passível de ser comentado e criticado, afinal se é público as pessoas irão expor sua opinião sobre aquilo. Com isso surge o conceito de *cyberbullying* ⁴⁴

O *cyberbullying* é termo utilizado para publicação de uso de material online que não seja pessoal, ou seja, da própria pessoa que faz a publicação, com intuito de intimidar ou hostilizar uma pessoa, difamando a mesma perante outras pessoas. Ele pode transformar de forma irreversível a vida de muitos conectados, pois a exposição atinge grande escala, diferente de antigamente em que mesmo que uma notícia fosse exposta em uma escola, bastaria trocar de colégio e tudo estaria esquecido

A forma de comunicação mudou drasticamente, o telefonema foi abandonado por mensagens, de texto ou áudios através do *WhatsApp*, na verdade, ligar para alguém é quase invasivo. O “stories” do *Instagram* substituem os vídeos gravados em cartões de memória, por intermédio de vídeos curtos, as pessoas expõem sua vida, família, amigos e atividades cotidianas, é um *reality show* sem prêmio no final. Porém, diferentemente, dos *realitys* convencionais as pessoas publicam nas redes sociais só a parte boa da vida ⁴⁵, entretanto, a autora Simone Emanuel retrata um movimento crescente pela veracidade

Ao mesmo tempo em que perfeição e exposição da vida cor-de-rosa sejam epidêmicos na internet, existe um movimento crescente, principalmente por indivíduos dessa geração, no qual a aceitação da imperfeição e a valorização das singularidades têm se mostrado crescente. Em grande parte, esse movimento vem como resposta aos

⁴⁴ EMANUEL, Simone, 2020. Não paginado

⁴⁵ EMANUEL, Simone, 2020. Não paginado.

padrões de beleza e supervalorização da perfeição encontrados atualmente

Os *centennials* não consomem TV ou jornais impressos como antigamente, quando querem saber de alguma notícia procuram nos sites de pesquisa ou nas redes sociais por meio de *hashtags*. Hoje a comunicação é rápida e direcional.

Essa geração é multitarefa, eles conseguem conversar no *direct* do *Instagram*, enquanto fazem uma outra atividade. Não estão mais presos como as gerações passadas onde a família sentava-se à frente da TV e viam o mesmo programa, eles conseguem estar diante da TV com os pais, mas vendo uma série na *Netflix* no celular. Essa fluidez de afazeres é uma grande demarcação de consumo, afinal os *pós-millennials* são consumidores vorazes de informação.

A terceira e quarta idiossincrasias pessoais são indissociáveis: o baixo contato pessoal e a insegurança emocional. Diante da beleza aparente da vida *all-line*, a vida real não é atraente como deveria ser. Os *centennials* estão à beira de uma crise de saúde mental. De certo modo, quanto mais tempo em frente as telas, menos interações sociais e maior probabilidade de doenças mentais.

Provavelmente, essa vida mais individualizada seja herança dos *boomers*, da Geração X e dos *millennials*, justamente, pela mentalidade transmitida, em que o homem é a grande marca da cultura. Os filmes como *Rambo*, *Braddock*, dentre outros reforçam o poder da individualidade, justamente, porque um homem sozinho é capaz de vencer um exército. Isso é claramente uma marca da individualidade. Culturas individualistas focam mais no “eu” e menos nas regras sociais, é irrefutável o efeito da autopromoção e autoestima como marcas dessa individualização.

A arte e a cultura são grandes representações do imaginário social de uma época. Os filmes costumeiramente de vida juvenil como *American Pie* ou *Curtindo a vida Adoidado*, foram substituídos por trilogias como: *Jogos Vorazes*, *Maze Runner* e *Divergente*. Para Jean Twenge isso ilustra uma geração menos narcisista em relação as anteriores, talvez o sonho da outra América tenha mudado de visionária para realista, uma vida menos badalada e mais “traumática”⁴⁶.

⁴⁶ TWENGE, Jean M., 2018. p. 114.

Em uma pesquisa realizada feita pelo *Monitoring the Future* perceberam que o nível de satisfação da Geração Z havia despencado, portanto, “à medida que os adolescentes passavam menos tempo ao vivo com os amigos e mais tempo em seus *smarthphones*, sua satisfação com a vida despencava”⁴⁷.

Descobriu-se o “vilão”, o *smartphone*, porque indiretamente aumentam a solidão, afinal substituem a interação social ao vivo. Ou seja, com os *centennials* passando mais tempo na frente das telas e menos tempo em coletividade, a solidão e depressão irão aumentar vertiginosamente.

O cálculo é simples: mais *smartphone*, menos diálogo ao vivo, mais solidão; mais diálogo ao vivo, menos *smartphone*, menos solidão. Isto posto, a vida diante das telas e a vida em coletividade são inversamente proporcionais.

A vida *all-line* criou seu próprio *habitat*, suas verdades e suas características. As mídias sociais são moldadas pelas preferências de uma geração do mesmo modo que colaboram para moldar o mundo ao seu redor, essa constante imersão na vida digital, agora ainda mais através do *Metaverso*, em que existe uma vida na vida digital, nesse ambiente pode-se ir ao trabalho, ir à igreja, ir ao shopping e até namorar.

Porém, o aumento da depressão entre jovens é um dos principais fatores dos *pós-millennials*. Mas por que? As redes sociais expõem sentimentos de inadequação: ninguém posta uma foto no *Instagram*, quando brigou com o namorado, ou quando brigou com os pais, ou quando o animal de estimação morreu, ou quando foram demitidos de seus empregos. Comumente, as pessoas transparecem uma vida perfeita, em que são bem-sucedidos em tudo que fazem, são vencedores natos.

Entretanto, obscurecimento desse excesso de autoafirmação ocultam uma enorme vulnerabilidade. As postagens luxuosas e autopromocionais, comumente, disfarçam uma vida ansiosa e depressiva. Essa atitude de algumas pessoas aproximam-se dos Dramas Gregos, em que as personagens colocam máscaras para uma apresentação teatral.

Ultimamente, tem surgido uma profissão, os blogueiros e blogueiras, que são pessoas com grande influência digital que ganham a vida promovendo marcas, poder-se-ia falar em *YouTubers* também. Ao pensar de modo crítico,

⁴⁷ TWENGE, Jean M., 2018. p. 115

essas pessoas tem a autorização dos seus seguidores para viverem uma vida utópica. Ninguém quer seguir um blogueiro ou blogueira baixo-astrol, na verdade, as pessoas querem sonhar com a vida desses personagens digitais criados pelas redes sociais. Consequentemente, seus seguidores concedem autorização para serem quem não são e venderem o que não vivem.

Se não bastasse, essa vida imaginária, os *centennials* no habitat digital sofrerem as consequências dessa vida pública, por exemplo, *cybberbullying* (já citado), *fake-news* e cultura do cancelamento, esses três inimigos da vida digital recorrentes na vida dos adolescentes do Séc.XXI.

O primeiro é o *Cybberbullying*, que é o *bullying* feito pelas redes sociais, normalmente, usando perfis falsos, o fato de serem anônimos é grande facilitador dessa prática. As *fake-news* são notícias falsas provenientes de fontes não confiáveis. Já o cancelamento seria a manifestação de uma comunidade digital que não aprove o posicionamento de outrem com isso deixam de seguir, praticam o *cybberbullying* ou criam *memes* vexatórios, é como se aquela pessoa deixasse de existir naquela rede social.

Justamente, por terem uma vida *all-line* os jovens e adolescentes da Geração Z são inseguros, porque tem medo de caírem em situação que arruíne sua vida. Demonstrando graficamente, Jean Twenge, afirma que ⁴⁸

O súbito aumento agudo nos sintomas depressivos ocorreu quase que simultaneamente à disseminação total dos *smartphones* e à queda das interações ao vivo. Portanto, não é coincidência as tendências estarem tão ligadas, especialmente porque passar mais tempo em redes sociais e menos tempo em interação social ao vivo tem correlação com a depressão.

A psicóloga norte-americana expõe uma teoria sobre a relação da depressão e vida digital, proporcionada pelos *smartphones* ⁴⁹

(1) mais tempo gasto diante de telas gerou diretamente mais infelicidade e depressão, (2) mais tempo gasto diante das telas gerou menos interação social ao vivo, o que então gera infelicidade e depressão

⁴⁸ TWENGE, Jean M., 2018. p. 125

⁴⁹ TWENGE, Jean M., 2018. p. 135

Mas como isso pode ser comprovado? Através do sono, é inegável que durante o sono são liberados hormônios fundamentais para a sobrevivência, ou seja, quem dorme menos produz menos hormônios, dentre eles a endorfina, o hormônio da alegria. Além disso, privação de sono é ligada a vários problemas dentre eles perda cognitiva, diminuição de anticorpos, ganho de peso, aumento da pressão arterial e suscetibilidade a quadros de ansiedade e depressão.

Conforme dados expostos pela autora, os adolescentes dormem menos de sete horas por noite e a principal causa da falta de sono dos *centennials* tem sido seus *smartphones*.

O uso de novas mídias é fator mais fortemente relacionado a privação do sono e a única atividade que aumentou significativamente entre 2012 e 2015 (anos que houveram o aumento de quadros depressivos entre adolescentes e jovens). A luz azulada emitida por esses dispositivos eletrônicos informa ao cérebro, que ainda é dia, de modo que não precisa de repouso. Logo, o uso constante de celulares se revela como causa fundamental para a insônia, à vista disso significa que essas novas tecnologias afetam negativamente a saúde física e mental. A proposição é simples: mais celular gera menos sono; menos sono gera mais sintomas e quadros depressivos ⁵⁰.

A vida *all-line* dos *pós-millennials* diminuiu a interação social e aumentou doenças mentais, desta maneira, o número de homicídios caem, enquanto os suicídios sobem. Isso pode ser consequência da vida digital.

2.2 CARACTERÍSTICAS SOCIAIS

A primeira característica social desse grupo é a diminuição da vida comunitária. Essa diminuição não é por escolha, mas por criação. O efeito da parentalidade “superprotetora” por parte dos *millennials* provocou uma formação acanhada e até medrosa por parte dos seus filhos, no caso os *centennials*. Viver em segurança e manter seguro é uma necessidade. Obviamente, ninguém quer arriscar sua vida de modo leviano, ninguém vive à flor da pele como a Geração X. Todavia, esse excesso de zelo corrobora para uma vida mais pacata por parte dos *pós-millennials*.

⁵⁰ TWENGE, Jean M., 2018. p. 135-138

É quase contraditório, afirmar solidão diante de inúmeros recursos comunicativos. Entretanto, a solidão pode ser percebida ⁵¹

O artigo *Computers in Human Behavior* (2019), inclui um estudo intitulado *Sentindo-se Sozinho Entre 317 Milhões de Outros* e mostra uma pesquisa feita na internet durante sete dias, analisando a quantidade de pessoas que utilizam a hashtag *solidão*. Durante a semana do estudo, vinte duas mil e setecentas pessoas em média utilizaram a hashtag *solidão*, alertando a urgência de se estudar o tema

Os *centennials* bebem menos, usam menos drogas, brigam menos que seus antecessores, e isso demonstra uma vida com menos riscos ⁵². Esse excesso de zelo resulta em efeito porco-espinho. O medo de sofrerem provoca um isolamento, ou seja, mesmo com sete bilhões de pessoas no mundo e incontáveis meios digitais de estreitamento de laços as pessoas continuam distantes. Assim como porco-espinho evita com outros animais cheguem perto, assim é a Geração Z. Na medida, que as pessoas aproximam os espinhos impedem o contato mais próximo, e o que é pior é fato desses espinhos serem parte de quem são, os medos, receios e traumas tem sido parte da identidade dessa geração.

Talvez esse seja o estigma da vida contemporânea, afinal, a tecnologia que aproxima quem está do outro lado do oceano, distancia aquele que está do outro lado da rua. As redes sociais que por natureza deveriam propiciar acolhimento, na verdade, tem provocado isolamento.

Essa dinâmica tem influenciado em um estilo de vida mais solitário e independente. Apesar do ser humano desenvolver suas potencialidades em comunidade, o medo de sofrer cria uma barreira autoproteção e afastamento. As novas relações, emanadas das mídias digitais que deveriam aumentar a quantidade de relacionamento, em contrapartida, tem diminuído.

Em pesquisa feita em 2002, revela que depois do advento da *internet* os adolescentes são menos propensos a realizarem atividades esportivas, sair em grupo e manter contato com familiares ⁵³.

⁵¹ SIMONATO, Marcelo, 2020. Não paginado.

⁵² TWENGE, Jean M., 2018. p 167-178

⁵³ ALBUQUERQUE, O.M.B. apud HABIGZANG, Luísa Fernanda I.; DINIZ, Eva; KOLLER, Sílvia H. (Orgs.), 2014. p.185.

A boa e velha conversa à mesa que favorece a troca de experiências, contatos, cheiros, risos, caretas e olhares, foi substituída pelos dedos rápidos. Aquilo que antes trazia acaloramento tem se esfriado vertiginosamente.

O medo e isolamento tem criado situações novas. Essa “vida na bolha” tem impedido os *centennials* de lidarem com o diferente e de até serem confrontados. Em severa crítica de Greg Lukianoff e Jonhatan Haidt sobre espaços seguros nos *campi* universitários dos EUA, traduzem a solidão proposital dos jovens e adolescentes, os quais nas palavras dos autores são uma “geração mimada”⁵⁴. Os espaços seguros são locais destinados aos estudantes com intuito de expressarem suas opiniões sem nenhum pudor, entretanto com o passar do tempo, os espaços seguros tornaram-se um local de proteção contra tudo aquilo que gera confrontação.

A preocupação demasiada com os afetos dessa geração tem formado adultos inexperientes para vida comum. A vulnerabilidade em excesso gerou distanciamento de tudo aquilo que possa causar danos. Isso chegou ao ápice trágico quando uma escola em Boston, proibiu a brincadeira pique-pega, por ser “perigosa”⁵⁵.

Mais uma vez Jean Twenge acerta ao dizer⁵⁶

Os *centennials* parecem apavorados com os perigos físicos, assim como com os perigos emocionais da interação social da vida adulta. Sua cautela notória ajuda a mantê-los seguros, mas também vulneráveis, pois ninguém está imune a decepções e sofrimentos. É impossível eliminar definitivamente todos os riscos, especialmente para uma geração que acha que qualquer opinião discordante causa dano emocional

Não correr riscos não é a mesma coisa que estar seguro. Segurança é diminuição de danos e não sua anulação. Quanto mais usam os dedos para comunicar socialmente, menos comunicam-se com seus corações e expressões.

⁵⁴ LUKIANOFF, Greg; HAIDT, Jonhatan. The coddling of the American Mind. The Atlantic, 2015.

⁵⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/PlanetaBizarro/0,,AA1332932-6091,00-ESCOLA+NORTEAMERICANA+PROIBE+BRINCADEIRA+DE+PEGAPEGA.html>. Acesso em 17 abr 2022

⁵⁶ TWENGE, Jean M., 2018. p. 193.

O oásis de proteção da Geração Z, na verdade, está se tornando sua prisão. Eles estão sozinhos no meio da multidão.

A segunda característica social é voltada para relação com o trabalho, que seria a busca pela sonhada segurança financeira. Devido o avanço da *internet* e das mídias digitais, as percepções de emprego tornaram-se diferentes. Para um *baby boomer* emprego é aquilo que faz com ele levante todos os dias, sair de sua casa, pegar seu carro, ônibus ou metro e chegar no local de trabalho, por conseguinte, essa geração associa emprego com espaço geográfico.

O trabalho remoto vivenciado na pandemia de Covid-19, é inimaginável. Um senhor de mais de 70 anos, não consegue imaginar a relação “trabalho e casa” na mesma sentença. Por ele trabalhado fora metade de sua vida, em que passou mais de 35 anos fazendo a mesma rotina.

Os *centennials* perfazem a maioria dos formados em idade tradicional em faculdades, já estão inseridos no mercado de trabalho e alguns trabalharam em regime *homeoffice* no último ano. Anteriormente, seria inconcebível fazer um Mestrado Acadêmico em regime EaD. A forma de pensar trabalho mudou abruptamente nos últimos dois anos.

Uns 10 anos atrás não era possível imaginar pessoas fazendo vídeos para postar em uma rede social, muitos menos alguém vivendo com os lucros desses vídeos. Como explicar para um avô que sua neta é *YouTuber*?

Advogados, médicos, professores, empreendedores ou pastores precisaram adaptar-se a essa nova realidade, que veio para ficar. Hoje em dia fala-se em audiência, consulta, aula, empresas e cultos *online*. Os dias atuais não tem carros voadores como previsto nos filmes da década de 80, mas não precisa pegar o carro para ir em lugar algum. Nem mesmo para ir ao restaurante, basta algumas “passadas” de dedo no celular e a comida chega na sua porta.

Com muitas formas de ganhar dinheiro, muitos adolescentes e novos adultos tem repensado a vida acadêmica. Infelizmente, esse novo mundo não tem atrelado conhecimento com dinheiro, entretanto, a psicóloga norte-americana Jean Twenge traz luz a um fato inesperado ⁵⁷.

Os *centennials* também tem menos interesse em trabalhar em grandes corporações, mas são mais interessados dos os *millennials* em setores

⁵⁷ TWENGE, Jean M., 2018. p. 193.

considerados mais estáveis, como a polícia ou as forças armadas. Embora tais trabalhos envolvam riscos físicos, a remuneração é garantida e há menos dispensas. Em geral, os *centennials* tem uma posição diferente dos *boomers* em relação a vários ambientes de trabalho, desaprovando mais alguns populares e gostando mais de outros menos populares. Aparentemente, os *centennials* veem mais semelhanças nesses ambientes de trabalho tão diferentes do que as gerações anteriores, sendo menos propensos a aprova-los totalmente, assim como detesta-los. Eles parecem não se importar muito onde irão trabalhar; muitos deles só querem um emprego

Uma conclusão pode ser tirada, os *centennials* estão abertos a novos horizontes, desde que haja estabilidade, não importando a satisfação com aquilo que faz, segurança é realmente o necessário. Essa prática pode ser consequência dos testemunhos da Grande Recessão vivida pelos *millennials* ou temor ao mundo característico da Geração Z. Como já dito, os *pós-millennials* são mais lentos para entrarem no mercado de trabalho, mas quando entram querem o segurança.

Esse é o grande contraste da Geração X com *centennials*. Aqueles buscam sentido e relevância no mundo, eles queriam mudar o mundo, já esses querem simplesmente viverem suas vidas de modo ordenado e ordinário.

Não é incomum, um jovem deixar sua faculdade e ingressar no Exército, segundo ele “o Exército paga melhor que o estágio”. Não há de ser dito que os *centennials* não tem expectativas altas sobre si mesmos, porém são um pouco mais cientes da realidade do que seus antepassados.

Realismo é palavra que define a relação do *centennials* com o trabalho, em que importante é estabilidade. Eles sabem que precisarão trabalhar muito para conquistarem seus espaços no mercado de trabalho, por isso, Valerie Grubb diz que em seu livro que um *Millennial* recusou um cargo de gerencia por considerá-lo como “chato”⁵⁸. Enquanto, os *millennials* buscam sentido, os *centennials* querem salário⁵⁹

Os *centennials* estão correndo apavorados, pois querem segurança em um mundo inseguro. Administradores que lhes deem alguma segurança e ajuda poderão contar daqui a uma ou duas décadas com um grupo de jovens mais trabalhadores

⁵⁸ GRUBB, Valerie M, 2018. Não paginado

⁵⁹ GRUBB, Valerie M, 2018. Não paginado.

Conclui-se que, apesar das novas formas de emprego disponíveis, os *centennials* buscam aquelas que concedam estabilidade e segurança para seu futuro.

A terceira e quarta característica social expõem a sexualidade e o caráter inclusivo dos *pós-millennials*. Não seria equivocado unificar ambas, e dizer que os *centennials* demonstram uma sexualidade inclusiva, porém tardia.

A sexualidade sempre foi identitário social, desde os primórdios da humanidade percebe-se a necessidade de satisfação sexual, as cidades de Sodoma e Gomorra conforme o relato bíblico são um exemplo evidente disso.

Nas confissões do Bispo de Hipona, Agostinho, há o relato das lutas contra a luxúria e concupiscências. Entretanto, mais que vontade de potência, a sexualidade é contemporaneamente fomento para desenvolvimento ontológico.

Influenciado pelo Platonismo, Santo Agostinho, afirma a frase “*Noli foras ire, in teipsum redi; in interior homine habitat veritas*” (Não vá para fora, volte para dentro de si mesmo. No homem interior habita a verdade). O filósofo canadense, Charles Taylor, traduz de modo ontológico essa frase, ao assinalar que “o mundo que conheço existe para mim, é vivenciado por mim ou pensado por mim, ou tem significado para mim”. Esse movimento de interiorização do ser, é a principal fonte da *Self Age* (era do “eu”) ⁶⁰.

De modo simplificado, o homem ou mulher são aquilo que consideram sobre si. A humanidade tem associado quem são com aquilo que gostam, principalmente, em questões sexuais.

Ligia Mesquita, repórter da BBC em Londres entrevistou os empresários do cantor Pablo Vittar ⁶¹

Pablo, que nasceu Phabullo Rodrigues da Silva, em São Luís, no Maranhão, e vive em Uberlândia (MG), muitas vezes usa o pronome masculino quando fala de si mesma, apesar de ser uma drag mulher. E diz que as pessoas podem chamá-la de ela ou ele, como queiram. “Contanto que seja com respeito”, diz ela, que é gay e se define como sendo de gênero fluído, se identificando tanto com o masculino quanto com o feminino [...]”

⁶⁰ TAYLOR, Charles. As fontes do Self: *a construção da identidade moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 4º Ed, 2013. p. 171-173

⁶¹ MESQUITA, Lígia. Pablo Vittar quer mirar público adolescente em 2018 - e diz não temer críticas. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-42513721>. Acesso em 30 de abr de 2022

Nessa fala, claramente, distingue-se sexo, gênero e sexualidade, um vocabulário muito comum nas conversas dos *centennials* sobre o assunto. Sexo diz respeito com a genitália, no caso pênis ou vaginas, salvo exceções biológicas hermafroditas ⁶².

O teólogo e filósofo, Pedro Dulci elucida a questão do gênero ⁶³

Gênero tem a ver com a maneira como a pessoa se enxerga, identificando-se com os padrões de comportamento masculino e feminino – ou ainda oscilando entre um e outro, o que costuma ser classificado como gênero fluido – esperados por uma determinada sociedade. Para algumas pessoas, essa identidade de gênero corresponde a seu sexo biológico (são as pessoas cisgêneros); para outras, não existe essa correspondência (são os transgêneros).

Por fim, sexualidade ou orientação sexual pode ser compreendida com o que fazemos tanto com nosso corpo quanto nosso gênero ⁶⁴, ou seja, sexualidade está consubstanciada na subjetividade do indivíduo, na medida que ele olha “para dentro de si”, depreende seus gostos e preferências, portanto, a sexualidade da geração Z está mais do que nunca ligada a sua individualidade.

Ainda como ponto fundante, nota-se a influência cultural dos *Queers Studies* no imaginário sexual dessa geração, em que a sexualidade deve ser libertária, possivelmente, motivados pelo “discurso de reação” de Michael Foucault ⁶⁵, a Teoria Queer tenta desconstruir padrões sociais heteronormativos. Essa é a principal reivindicação “desconstruir a identidade socialmente comum, para uma identidade além do gênero de nascimento”, resultando em fluidez ao invés de estaticidade. Logo, fica evidente que não há necessariamente ligação entre sexo, gênero e sexualidade, cabendo somente a subjetividade do indivíduo.

Os *centennials* cresceram em meio essa movimentação sexual, desde a revolução afetiva na década de 60, os beijos de orientação homoafetiva tem

⁶² FINE, Cordelia, *Testosterona Rex: Sexo, ciência e sociedade*. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2018. p. 103.

⁶³ DULCI, Pedro. *Identidade e sexualidade: Reformando nossa visão de conceitos fundamentais*. Brasília: Editora Monergismo, 2020. p. 21

⁶⁴ DULCI, Pedro, 2020. p.22

⁶⁵ FOUCAULT, Michael. *A história da sexualidade: a vontade de saber*, vol 1. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 111

crescido nas telonas do cinema e televisão. Nos dias atuais é costumeiro filmes de grande bilheteria apresentarem essa roupagem, assim como Jean Twenge afirma “a vasta maioria dos *centennials* não vê razões para duas pessoas do mesmo sexo sejam impedidas de casar”⁶⁶.

Ao crescerem em um ambiente pautado em discussões sobre gênero e sexualidade os *centennials* são mais abertos ao diferente, não somente em assuntos sobre sexo, mas também sobre raça, justamente, por viverem em uma sociedade multifacetada, eles concedem maior abertura para sua convivência. Os jovens e adultos da Geração Z tem um contato sem precedentes com a diversidade. Obviamente, seria leviano falar no fim do racismo ou fim do preconceito sexual, porém é inquestionável maior acessibilidade nessas pautas.

Apesar dessa discussão ser cada mais pública e comum, os *centennials* tem desenvolvido uma sexualidade mais digital por assim dizer, devido ao uso exacerbado de seus *smartphones* o acesso a sites pornográficos é rotineiro para adolescentes de ambos os sexos. Infelizmente, a fragilidade emocional dessa geração possibilita tais experiências danosas ao seu desenvolvimento sexual.

Ao terem receio da experiência negativa, muitos jovens têm nutrido sua satisfação com mulheres e homens digitais. Em entrevista concedida à *SiriusXM*, a cantora e compositora Billie Eilish, uma *centennial*, expõe seu contato com a pornografia, que em suas palavras “é uma desgraça”, assim exposta na notícia⁶⁷

A cantora e compositora disse acreditar que ver o conteúdo enquanto tão jovem havia “destruído” seu cérebro e causado pesadelos. [...] Eilish disse considerar um “verdadeiro problema” que a pornografia possa distorcer os limites do que é considerado normal durante o sexo, incluindo o consentimento.

Essa “destruição” é confirmada por inúmeros especialistas em psicologia. Afinal, degradação do sexo por meio da pornografia é um problema incalculável para juventude do Séc. XXI, muitos jovens têm trocado a experiência usual do sexo para navegar em sites de conteúdo adulto. Os danos causados podem ser seríssimos, por exemplo, objetificação do corpo do outro até mesmo levando ao

⁶⁶ TWENGE, Jean M, 2018. p. 256-257

⁶⁷ Redação BBC Brasil. Billie Eilish diz que exposição à pornografia aos 11 anos a deixou com pesadelos. São Paulo, 15 dez 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59665609>. Acesso em 30 abr de 2022

vício, problemas esses que muitas vezes só serão comprovados em um casamento posteriormente.

Não somente a pornografia, mas também “nudes” (nome adotado para fotos de nudez) é uma realidade social dessa geração. Muitos garotos e garotas praticam sexo virtual dessa maneira, em que trocam fotos despidos e despidas através de seus dispositivos.

Provavelmente, o consumo da relação sexual digital seja uma das causas para muitos jovens estarem procrastinando a experiência de uma vida à dois, seja no namoro ou casamento. Afinal, “se consigo satisfação individualmente, para que me envolver com o outro?”. Em 2015, na revista *Monitoring the Future e American Freshman Survey*, o desejo de “formar uma família” caiu para terceiro lugar na lista de prioridades, a primeira vez desde de 1969 (Geração Woodstock)⁶⁸.

Isso significa que desenvolver uma sexualidade saudável depois do casamento, bem como ter filhos, não é uma prioridade para essa geração. Mais uma vez, a individualidade é percebida como supedâneo geracional.

Essas são marcas da sexualidade *pós-millennials*: inclusividade para o diferente (transgêneros); constante consumo da pornografia; visualização de “nudes”; procrastinação da vida à dois. Em suma, o amplo acesso a *internet* tem proporcionado facilidade ao conteúdo sexual, porém, isso pode ser prejudicial a saúde sexual de uma geração inteira.

A última característica social está atrelada a política. O Brasil e o mundo estão completamente polarizados, direita e esquerda, ainda continuam com pauta das conversas no *happy hour*. Embora, os pós-estruturalistas defendam queda dos “ismos” ideológicos, isso não é visto claramente no cotidiano dos indivíduos.

Nas eleições presidenciais de 2018, foi visto uma clara manifestação eleitoral. Nas redes sociais houve um grande engajamento por parte de celebridades (o que se repete em 2022). As pessoas famosas e comuns têm usados as muitas plataformas para exporem sua opinião, outra grande marca dos *centennials*. Todos devem ter opinião e opinar sobre tudo. O indivíduo não

⁶⁸ TWENGE, Jean M, 2018. p 247

precisa ser alguém formado na área, é necessário somente opinar e isso revelar o cerne da relação da Geração Z com a política: o individualismo ⁶⁹.

Da mesma forma que os *centennials* e *millennials* evitam instituições como a religião e o casamento, um número crescente deles não se identifica com os partidos políticos dominantes [...] Atualmente, as gerações mais velhas também tem mais essa propensão a ser politicamente independentes. No entanto, os *centennials* e *millennials* são muito mais propensos a serem independentes do que os *boomers* e os silenciosos nos últimos anos. Assim, o crescimento dos independentes é um efeito geracional pontual – adultos de todas as idades se afastaram dos grandes partidos.

Assim como na vida, na política, os *centennials* são mais subjetivos e relutam contra paradigmas. Por isso, não querem influência partidária em suas opiniões, bem como não buscam firmar suas convicções em suas famílias e religiões.

É inegável que a “cosmovisão” dos *centennials* é algo sem precedentes, porque esse prisma mais egocêntrico e comumente libertário afetou todas esferas da existência desse grupo. Pautas como liberação da maconha, aborto, pena de morte, por exemplo, são firmadas no egocentrismo *centennials*, de certo modo eles estão dispostos a estender suas liberdades aos outros mesmo que eles não usufruam delas ⁷⁰.

O subjetivismo cultural e o pensamento independente são dois alicerces dessa geração. Entretanto, é notório a desconfiança e insatisfação política mais do que seus precursores. A perda de confiança devido incontáveis escândalos de corrupção geraram descredito e até alienação.

A combinação de desconfiança e desinteresse político é outro ponto factual dos *centennials*, todavia, esse cinismo para com o governo não aplica ao desinteresse com causas governamentais. Mesmo que muitos *centennials* não acreditem no governo, eles levantam a bandeira algumas pautas de seus interesses.

⁶⁹ TWENGE, Jean M, 2018. p 247.

⁷⁰ Redação Pew Research Center. In Debate Over Legalizing Marijuana, Disagreement Over Drug's Dangers In Their Own Words: *Supporters and Opponents of Legalization*. Washington, 14 abr 2015. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/politics/2015/04/14/in-debate-over-legalizing-marijuana-disagreement-over-drugs-dangers/>. Acesso em 1 mai 2022

De modo prático, o cidadão da Geração Z não se interessa sobre o que o Presidente diz, mas levanta a opinião sobre “não desmatamento da Amazônia”, o que deixa claro mais uma vez sua subjetividade, porque não há manifestação desde que não afete meus interesses ⁷¹.

A internet e o individualismo da geração i requerem autenticidade acima de tudo, conforme o princípio fundamental de “seja você mesmo”. Os *centennials* querem alguém que tenha visões coerentes e não as mude por causa dos outros. [...] Os *centennials* até mais do que os *millennials* que os antecederam, tem pouca paciência com os candidatos políticos tradicionais, pois os considerem desonestos, indignos de confiança e ligados às grandes instituições que eles desprezam.

Portanto, caso alguém tente agradar essa geração politicamente, será importante valorizar sua individualidade frente ao partido, não ser dogmático, ter tendências libertárias, bem como perceber as singularidades desse grupo geracional.

2.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, os dispositivos nas mãos dessa geração prolongaram sua infância e isolaram as pessoas umas das outras, resultando em grupos mais intimistas e até mais fragilizados, procurando em suas conquistas pessoais encontrar sentido para sua vida, porém quando não acontece do modo que esperam, acabam desabando emocionalmente por suas inseguranças, medos e receios.

O novo mundo criado pelo digital é inquestionavelmente mais libertário, acessível e inclusivo. Libertário porque no ambiente virtual todos podem expor suas opiniões e questionamentos, sem dogmas ou cercas ideológicas, não havendo necessidade de capacitação formativa, basta achar, pensar, escrever e postar. Acessível é ligado facilidade de acessar inúmeras informações não importando a idade, sexo, regionalidade ou grau de instrução. Inclusivo porque

⁷¹ TWENGE, Jean M., 2018. p. 317-18

todas e todas integram a vida digital, dentro daquele ambiente várias comunidades podem habitar e relacionar, independente de cor, raça ou sexualidade.

Diante disso, é notório o porquê da indefinição sobre sexualidade, inclusão de muitas vozes no debate social e a independência política, afinal não se prendem mais em “cosmovisões” abrangentes, mas em subculturas individuais. Entretanto, o benefício oferecido pelos *smartphones* é comprovado na maior abertura e igualdade diante da diversidade cultural dessa época.

Obviamente, esse capítulo não tem por objetivo caracterizar peremptoriamente os *centennials* ou expressar uma limitação sobre esse grupo geracional. Sabe-se que o ser humano é multifacetado, por isso, qualquer tentativa de delimitação acaba sendo reducionista.

A relação entre o uso da *internet*, *smartphones*, redes sociais e os efeitos causados nas pessoas ainda é muito recente, por esse, motivo a intenção foi apresentar alguns questionamentos e dados que apontam a condução da Geração Z, de modo que, essas investigações propõem uma mudança paradigmática para o futuro próximo.

Porém, a fim de conhecer melhor os *pós-millennials* é necessário entrar no *habitat* desse grupo, entretanto esse *habitat* não é formado por paredes, luzes, símbolos, ritmos e tangibilidade, mas ao mesmo tempo é formado por algoritmos que podem formar paredes, luzes, símbolos, ritmos e que desaguam na tangibilidade, na verdade, não é fundamental espaços físicos, somente espaço para a criatividade do indivíduo.

Assim como o espaço é exuberante em sua infinitude, o ciberespaço também é belo por seu infinito de possibilidades e realidades. A agilidade dos dedos é o único limite para incontáveis descobertas. De certo modo, para entender os *centennials* é necessário tentar compreender o ciberespaço. Sendo que vislumbre de esperança para os *centennials* é libertarem-se do jugo de seus temores, assim alcançarem seu lugar na história, ao mesmo tempo que teclam nas telas de seus *smartphones*. A vida digital proporcionada pela *cibercultura* e suas consequências serão pensadas no próximo capítulo.

3 VIDA DIGITAL: A VERDADEIRA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

A sociedade está mergulhada em espaços estéticos gerados pela cultura midiática (televisão e redes sociais), em que essa visibilidade da vida pública e anônima hipervaloriza o consumo não só material como também emocional. A contemporaneidade “posta” tudo o tempo todo, portanto, tudo se torna uma relação de consumo, desde idas ao *shopping center* até saídas ao campo, tudo interpenetra o status ordinário.

O consumo de certo modo perdeu sua autenticidade, porque não se usa uma roupa porque é confortável, mas porque fica legal na foto. A icônica frase “penso, logo existo” de René Descartes, nos dias atuais seria facilmente adaptada para “publico, logo existo”.

O consumo deixou de ser algo consumerista, para ser uma questão existencial (consumismo). A perda de autenticidade retratada no parágrafo anterior é perceptível nesse processo individualista e desagregador do uso de roupas de grife.

A sociedade buscando uma inserção em determinados ambientes utiliza alguns tipos de vestimenta comuns àquele gueto social. Os adolescentes vestem-se quase “uniformizados” quando se encontram, ou seja, um grande marco identitário que seria o vestuário, degradingolou. Essa tese é comprovada pelo movimento “*hype*”⁷². Infelizmente, o Brasil é um país de classes sociais discrepantes. Por esse motivo, esse fenômeno (“*hype*”) ocorre na classe mais alta dos jovens e adolescentes, porém não deixa de ser uma situação que vale destacar como exemplo de consumo exacerbado.

Pierre Bordieu percebeu a sociedade incorporada ao indivíduo e indivíduo incorporado na sociedade, em que hábitos se desnudam no contato do agente com uma determinada conjuntura social vivencial. Sendo que o hábito não é

⁷² FARIAS, Adriana. Movimento ‘hype’: *jovens gastam 3 000 reais em moletom e 6 000 em tênis Eles buscam peças raras de marcas da moda ‘streetwear’ e sustentam o “vício” revendendo itens com lucros que atingem os 350%*. São Paulo, 19 jun 2018. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/consumo/movimento-hype-outfit-roupas-caras/>. Acesso em: 25 ago 2022

materializado em toda sua estrutura fora do seu campo ⁷³. Em suma, a individualidade do agente só é visível dentro do organismo social, nota-se então, a fluidez do agente aos estímulos externos.

Quem percebe isso claramente é Marcos Rodrigues de Lara⁷⁴

Uma noção de identidade juvenil percebida por meio da experimentação do consumo cultural e da concepção de mundo e de tempo está fortemente marcada pelo uso do consumo como significativo instrumento na formação de uma identidade da categoria conceitual de juventude feita e realizada pelos agentes que com ela se identificam. A noção de que a percepção e a prática do consumo, no cotidiano, estão hoje marcadas por um regime de organização que se caracteriza pela constituição socializadora, mediatizada e estetizada é parte constituinte das práticas sociais desses jovens, que se percebem como parte integrante de um grande sistema hierarquizado de relações sociais

O consumo como supedâneo da existência já havia sido pensado no Séc.XX, por Guy Debord, em que o ideólogo francês afirma o consumo de espetáculos como pressuposto da modernidade ⁷⁵

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação. As imagens que se destacaram de cada aspecto da vida fundem-se num fluxo comum, no qual a unidade dessa mesma vida já não pode ser restabelecida. A realidade considerada parcialmente apresenta-se em sua própria unidade geral como um pseudomundo à parte, objeto de mera contemplação. A especialização das imagens do mundo se realiza no mundo da imagem autonomizada, no qual o mentiroso para si mesmo. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não vivo.

O autor é ainda mais incisivo quando define consumo de espetáculos como uma cosmovisão ⁷⁶

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. O espetáculo não pode ser compreendido como o abuso de um mundo da visão, o produto de técnicas de difusão maciça das imagens. Ela é uma *Weltanschauung* (cosmovisão – tradução nossa) que se tornou efetiva, materialmente traduzida. É uma visão de mundo que se objetivou

⁷³ Essa tese de Pierre Bordieu é vista no livro “A produção da crença: contribuições para a economia dos bens simbólicos”. São Paulo, Zouk; 3º Ed, 2004.

⁷⁴ BORELLI, Silvia. H. S; FILHO, João Freire (orgs), 2018. p. 135.

⁷⁵ GUY, Debord. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016. p. 13

⁷⁶ GUY, Debord, 2016. p.14

Tony Reinke, por sua vez, define espetáculo ⁷⁷

[...] um espetáculo é sempre algo visível que atrai o olhar da coletividade. Um espetáculo pode vir na forma de uma bela fotografia, um outdoor chamativo, um desenho animado criativo, um pôster de revista, um comercial inteligente ou um videoclipe. Pode ser uma peça publicitária ou uma sagaz “antipublicidade”; uma série de comédia ou uma sátira “anticomédia”; um programa de entrevistas ou uma cínica “antientrevista”. Espetáculos podem valer-se da metalinguagem: programas de TV sobre programas de TV, publicidade sobre publicidade, filmes sobre filmes. São espetáculos as paisagens ambiciosas de um videogame, séries de televisão, o vídeo de um atleta em um momento de glória ou até mesmo um GIF viral das redes sociais

O autor ainda divide espetáculos em acidentais (vídeos virais) ou intencionais (uma propaganda) ⁷⁸. Destaca-se que o ambiente criado pelo “digital” busca consumir o consumidor, não só ter contato com aquilo demonstrado, mas internalizar aquela experiência.

O ser humano transcende na necessidade de consumo, é indubitável a ferocidade por espetáculos. O indivíduo consome a si mesmo, em uma relação de autoafirmação narcisista. O indivíduo consome o próximo em uma relação sócio-pessoal. O indivíduo consome o ambiente (cultura) que está inserido. De certo modo, o consumo retroalimenta-se na medida que ele próprio consome e é consumido. Não obstante o foco dessa dissertação é a relação, comumente de consumo entre o indivíduo e a vida digital.

Arriscamos a ser o primeiro povo da história capaz de tornar suas ilusões tão vividas, tão persuasivas, tão realistas, ao ponto que podemos viver dentro delas. Somos o povo mais iludido da terra. Contudo, não nos atrevemos a nos desiludir, pois nossas ilusões são o próprio lar em que vivemos, são nossas notícias, nossos heróis, nossas aventuras, nossas formas de arte, nossa própria experiência (tradução nossa) ⁷⁹

Os seres humanos são atraídos por aquilo que apreciam, logo, consomem aquele espetáculo, tornando a realidade subjetiva. Aquilo que desejam

⁷⁷ REINKE, Tony. *A Guerra dos Espetáculos: o cristão na era da mídia*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2020. p. 18.

⁷⁸ REINKE, Tony, 2020. p.18.

⁷⁹ BOORSTIN, Daniel J. *The image: A guide to Pseudo-Events in America*. New York: Vintage, 2012. p. 240.

confunde-se com sua identidade. Mesmo gêmeos idênticos são diferentes em seus gostos, justamente, por relacionarem com espetáculos distintos. De fato, a relação de consumo é ontológica. Portanto, o ser humano é moldado pelas mídias sociais, pelos jogos eletrônicos, pela televisão, pela política ou por seus relacionamentos.

O que aconteceu foi a mudança de senhorio, em que o “fabricante” tornou refém dos desejos e preferências dos “consumidores”. A promessa de felicidade oferecida pelo serviço é uma marca capitalizada da sociedade contemporânea. Quem percebe isso com maestria apesar de ter escrito há mais de vinte anos foi John Benton. Os cinco sentidos tato, paladar, visão, audição e olfato, são os senhores das relações de consumo da pós-modernidade ⁸⁰.

Após a descrença na racionalidade e na ciência como força motriz da sociedade no Séc.XX, os agentes sociais acreditavam nos sentimentos e experiências pessoais como fato gerador das visões de mundo hodiernas. Como diz o pastor inglês “cabe às pessoas encontrar, não a verdade absoluta, mas aquilo que é a minha verdade [...] Tudo o que importa é poder fazer com que as coisas funcionem para mim” ⁸¹. Há certo romantismo no sentimento, porque segue-se o coração e não a compreensão verdadeira da realidade.

Na sociedade terapêutica coloca-se em dúvida as grandes metanarrativas trocando-as por subculturas individuais. Outrossim, o ar que preenche os pulmões pós-modernos é o culto ao individualismo e a mentalidade de consumo⁸². Porém, isso será tratado posteriormente nessa dissertação.

Diante da mentalidade de consumo cria-se três pressupostos ⁸³. Primeiro, o principal objetivo do consumo é proporcionar satisfação ao indivíduo. É uma espécie de “terapia de varejo”, em que o senhor (consumidor) sai feliz daquela experiência.

Segundo pressuposto, através da escolha a sociedade pós-ideológica expressa sua identidade. Logo, a identidade tribal do indivíduo é fomentada pelos desejos daquela pessoa ou grupo.

⁸⁰ BENTON, John. O Cristão em uma Sociedade de Consumo. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. p. 13

⁸¹ BENTON, John, 2002. p.32-33.

⁸² BENTON, John, 2002. p.36

⁸³ BENTON, John, 2002. 30-38

Terceiro e último, diante a negação das grandes narrativas universais. Os pós-estruturalistas criaram a “hermenêutica da dúvida”, afinal, a verdade universal é construída e não achada. Outrossim, isso reverberou em uma filosofia de vida que “exalta o tangível e o imediato”, aquilo que é internalizado aqui e agora.

3.1 CIBERCULTURA

Não existe “espaço” que proporcione melhor experiência, entretenimento e consumo que o ambiente digital. Por exemplo, ao fazer uma pesquisa sobre “café”. O internauta (consumidor) entra nos sites de busca clique após clique, *link* após *link*, ele foi completamente dominado pela experiência. Sua visão e tato já estão comprometidas no ato da pesquisa, agora, dependendo do indivíduo, ele irá fazer um café para submergir aquela sensação onde seu paladar, olfato e audição entrarão na “dança”.

A tecnologia intensifica aptidão para algo, além de aumentar a influência sobre intenções pessoais. De acordo com Tony Reinke ⁸⁴

As tecnologias individuais que podemos usar estão rapidamente se tornando um ecossistema tecnológico do qual não podemos escapar. Entramos em uma era em que todas as nossas maravilhas tecnológicas estão se tornando tão interconectadas que assumem características evolutivas biológicas — um sétimo reino da natureza, um ecossistema unificado e reforçado

Esse “ecossistema” não foi criado de um dia para outro, mas é um processo evolutivo assim como a sociedade se desenvolvia. Os passos da tecnologia são os passos da humanidade, por assim dizer. Novas demandas geraram novas tecnologias, bem como, novas tecnologias gerarão novas demandas.

Inicialmente, as tecnologias começaram com a necessidade suprir alguma carência da humanidade, por exemplo, a roda. A roda foi colocada nos veículos para facilitar a locomoção das pessoas. Depois surgiram as carroças,

⁸⁴ REINKE, Tony. Deus, tecnologia e a vida cristã (livro eletrônico). São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2022. E-pub. Não paginado.

depois os carros, depois carros manuais, depois carros automáticos, depois carros elétricos e, hoje em dia, o motorista é dispensável.

Deste modo, o “ecossistema” criado e proporcionado pela tecnologia é uma floresta dentro inúmeras outras micro-florestas ⁸⁵

[...] essa rede global, circular e interconectada de sistemas, subsistemas, máquinas, tubos, estradas, cabos, correias transportadoras, automóveis, servidores, roteadores, códigos, calculadoras, sensores, arquivos, ativadores, memória coletiva e geradores de energia — toda essa grande engenhoca de peças inter-relacionadas e interdependentes forma um único sistema

O momento é chegado que a tecnologia computacional é onipresente ⁸⁶. Não só categoricamente, mas por meio da interação. O ser humano envolve-se com tecnologia e computadores em todo seu cotidiano.

Na interpenetração (dois mundos distintos que existem independentemente, porém só satisfazem na sua comunicabilidade) de vida natural com a vida digital “os sistemas de informação precisam de uma informação para que funcionem, mas a informação sub-representa a realidade”⁸⁷. Essa comunicação de dois mundos é inquestionável, afinal, uma constatação feita é que a vida digital está alterando o desenvolvimento cerebral dos jovens.

O uso de *smartphones* não é só indispensável, mas tornou-se uma obsessão para os primeiros anos de idade da criança, e um vício para os mais velhos ⁸⁸. Tony Reinke apresenta um dado interessante: “Costumamos verificar nossos celulares cerca de 81.500 vezes por ano ou uma vez a cada 4,3 minutos enquanto estamos acordados” ⁸⁹.

Schuurman apresenta quatro possibilidades de interação com a tecnologia, mas a poder-se-ia parafrasear para “quatro possibilidades de interação com o mundo digital”. A primeira possibilidade é a rejeição, os *Amish's* são um exemplo de grupo social que não faz uso da vida digital. A segunda possibilidade é a indiferença, que rejeita ausência de neutralidade no mundo

⁸⁵ KELLY, Kevin apud REINKE, Tony, 2022. Não paginado.

⁸⁶ SCHUURMAN, Derek C. Moldando um mundo digital: *Fé, cultura e tecnologia computacional*. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2019. p. 20.

⁸⁷ LANIER, Jaron apud. SCHUURMAN, Derek C, 2019. p. 29

⁸⁸ ELIZABETH, Kilbey. Como criar filhos na era digital. São Paulo: Fontanar, 2018. p. 91-94

⁸⁹ REINKE, Tony, 2020. Não paginado

digital, que seria obscurecer a existência daqueles que fomentam a *web*. Terceira possibilidade, aceitação irreflexiva do mundo digital, esses indivíduos são “zumbis digitais”, foram completamente consumidos pelo sistema. Quarta e mais prudente, é o uso com responsabilidade, em que o indivíduo usa e reconhece a necessidade da rede digital, mas é capaz de determinar os limites entre esses dois mundos.

Por esse motivo, entender a *cibercultura* (conforme Pierre Levy) é importante para entender os *centennials*, justamente, por serem verdadeiros consumidores do mundo digital.

Inicialmente, o ciberespaço precisa ser visto como o resultado de um movimento transcultural de jovens ávidos pela experiência coletiva proporcionada pela *web*. Além disso, abrir os horizontes para novas possibilidades da relação do mundo digital e a economia, política, cultura e sociedade.

As telecomunicações elucidaram uma grande mudança na epistemologia humana, Pierre Levy, afirma que as telecomunicações são um “novo Dilúvio”⁹⁰

As telecomunicações geram esse novo dilúvio por conta da natureza exponencial, explosiva e caótica de seu crescimento. A quantidade bruta de dados disponíveis se multiplica e se acelera. A densidade dos links entre as informações aumenta vertiginosamente nos bancos de dados, nos hipertextos e nas redes. Os contatos transversais entre os indivíduos proliferam de forma anárquica. É o transbordamento caótico das informações, a inundação de dados, as águas tumultuosas e os turbilhões da comunicação, a cacofonia e o psitacismo ensurdecedor das mídias, a guerra das imagens, as propagandas e contrapropagandas, a confusão dos espíritos.

A *cibercultura* expressa o surgimento de um novo mundo, completamente diferente das antigas formas culturais, em que de fato consegue-se falar em uma realidade mundial. Todas as idades, sexos e nações se relacionam. As novas telecomunicações implicam em reconhecimento do outro, aceitação de cooperação, associação e negociação. Diversas formas de transações são possíveis, tal como, trocas de conhecimento e cultura.

Diante desse “novo Dilúvio”, o autor expressa ainda a necessidade de mutualidade e inteligência coletiva para socialização nesse mundo. Na

⁹⁰ LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010. 3ªEd. p. 13.

cibercultura não é cada um por si, mas todos por todos, deixando claro, portanto, necessidade de interpenetração como supedâneo desse ambiente ⁹¹.

A arca do primeiro dilúvio era única, estanque, fechada, totalizante. As arcas do segundo dilúvio dançam entre si. Trocam sinais. Fecundam-se mutuamente. Abrigam pequenas totalidades, mas sem nenhuma pretensão ao universal. Apenas o dilúvio é universal. Mas ele é intotalizável.

As pequenas arcas da era digital só conseguirão navegar, se guardarem suas individualidades, mas tiverem espaço para sociabilidade. Nas sociedades digitais os diferentes tornam-se um, nessa perspectiva, o autor dispõe: “o ciberespaço como suporte da inteligência coletiva é uma das principais condições de seu próprio desenvolvimento” ⁹².

Não somente isso, mas devido o ciberespaço e seu espectro participativo, socializante, emancipador e coletivo, na verdade, o ciberespaço constitui um dos melhores remédios para o distanciamento cultural.

Inicialmente em sua obra, o filósofo francês, busca definir a *cibercultura*. Mas antes de compreender o adorno, precisa-se “limitar” a estrutura. Por essa razão, a infraestrutura é um ponto destacado. Mas no que consiste essa infraestrutura? Seria o tratamento, a memória, a transmissão, as interfaces, a programação e os programas.

O tratamento de modo geral seriam os “processadores”, que são cada vez mais baratos e rápidos ⁹³. A memória é cada vez menor e com maior capacidade de armazenamento, fala-se hoje em *petabyte* (que seriam mil *terabytes*) ⁹⁴. A transmissão é a via de comunicação, de certo modo, é conhecido como “modem” (ou até cabos de fibra óptica, por exemplo), que são cada vez menores, melhores e mais baratos ⁹⁵. A interface é o termo usado para “todos os aparatos materiais que permitem a interação entre o universo da informação digital e o mundo ordinário” ⁹⁶. O programa ou software são instrumentos codificados, afim de fazer com que um ou mais processadores executem uma tarefa ⁹⁷. Já os programas

⁹¹ LEVY, Pierre, 2010. p.16

⁹² LEVY, Pierre, 2010. p.29

⁹³ LEVY, Pierre, 2010. p.33

⁹⁴ LEVY, Pierre, 2010. p.34

⁹⁵ LEVY, Pierre, 2010. p. 35

⁹⁶ LEVY, Pierre, 2010. p.37

⁹⁷ LEVY, Pierre, 2010. p.40-41

aplicativos permitem ao computador prestar serviços específicos aos seus usuários, *Microsoft Word*, por exemplo.

O computador não é um maquinário central, porque suas funções pulverizaram em um novo ecossistema, portanto, esse sistema está “em toda parte e a circunferência em lugar algum, um computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado: o ciberespaço em si”⁹⁸.

A *cibercultura* é o espelho da sociedade contemporânea marcada pela hiperculturalidade, de tal forma que, fala-se em desintegração do horizonte⁹⁹

Desaparecem os contextos que dão sentido e identidade. Fragmentação, pontualização e pluralização são sintomas do presente. Valem também para a experiência temporal de hoje. Não há mais tempo que seja cumprido por uma bela tessitura de passado, presente e futuro, ou seja, pela história, por um arco de suspensão narrativo. O tempo fica nu, ou seja, despe-se de narrativa.

Retornando a ilustração colocada por Pierre Levy sobre uma inundação de arcas no imenso mar da vida digital, Byung-Chul Han, elucida esse fato através da comunicação de várias culturas¹⁰⁰

O mundo composto hipertextualmente consiste, por assim dizer, de incontáveis janelas. Nenhuma das janelas, contudo, abre para um horizonte absoluto. Mas essa ancoragem do ser a que falta o horizonte permite um novo modo de andar, uma nova perspectiva

A diferença é que na “vida comum” percebe-se a presença várias texturas culturais, enquanto na “vida digital” é fomentada por sistemas binários. Apesar da separação entre “vida comum” e “vida digital” na ordinariedade social é impossível vivenciar uma dicotomia.

A impossibilidade de dissociação está na questão da virtualidade da *cibercultura*. O mundo virtual é completamente imersivo através da infraestrutura digital, permitindo comunicação e interação entre os usuários. Diante da aglutinação de indivíduos nas mídias sociais o ambiente virtual tornasse vivencial.

⁹⁸ LEVY, Pierre, 2010. p. 45

⁹⁹ HAN, Byung-Chul. *Hiperculturalidade: cultura e globalização*. Petrópolis: RJ: Vozes, 2019. p. 93.

¹⁰⁰ HAN, Byung-Chul, 2019. p.94

A *internet* proporciona maior pluralidade e democratização do conhecimento. A sociedade em grande parcela é dependente do *online*, por esse motivo usasse o termo *all-line* ¹⁰¹.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto Qualibest, as redes sociais mais acessadas pelos brasileiros em 2019 foram Youtube (93%), Facebook (92%) e Instagram (83%). [...] Segundo o estudo, os brasileiros são usuários cada vez mais presentes das redes sociais. Antes acessado por 82% dos usuários (pesquisa realizada em 2016), o YouTube hoje é usado por 93% dos usuários. Além disso, este é o canal preferido de 23% dos internautas brasileiros destes, 52% dizem atraídos pela rede social devido sua capacidade de mantê-los informados e atualizados.

Quando alguém deseja fazer uma comida nova, ela vai ao Google pesquisa receitas. Quando desejar fazer a instalação de um papel de parede, ela vai ao *YouTube*. Para saber alguma informação sobre um assunto vai aos jornais digitais disponíveis. Nos grandes centros urbanos, uma pessoa a caminho de seu emprego escuta um *podcast*. Esses são exemplos mais corriqueiros do uso da Internet e como ela facilita a vida do usuário.

O filósofo francês afirma sobre o virtual ¹⁰²

É virtual toda entidade “desterritorializada”, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo particular.

Essa universalização do digital propaga a copresença e a interação de quaisquer pontos do espaço físico. Mais do que nunca, o ciberespaço evidencia a possibilidade de um estilo de vida quase independente de lugares geográficos. De certo modo, é um mundo novo, no mundo antigo ¹⁰³.

A extensão do ciberespaço acompanha e acelera uma virtualização geral da economia e da sociedade. Das substâncias e dos objetos, voltamos aos processos que os produzem. Dos territórios, pulamos

¹⁰¹ NOVO, Benigo Nuñez. O mundo virtual: *As mídias sociais são os meios que garante a comunicação virtual, são os programas instalados no computador ou acessíveis na internet que por meio dos navegadores, permitem seu funcionamento.* Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/curiosidades/o-mundo-virtual.htm>. Acesso em: 1 nov. 2022

¹⁰² LEVY, Pierre, 2010. p. 49.

¹⁰³ LEVY, Pierre, 2010. p. 50-51

para a nascente, em direção às redes moveis que os valorizam e os desenham. Dos processos e das redes, passamos às competências e aos cenários que as determinam, mais virtuais ainda. Os suportes de inteligência coletiva do ciberespaço multiplicam e colocam em sinergia as competências. Do design à estratégia, os cenários são alimentados pelas simulações e pelos dados colocados à disposição pelo universo digital. Ubiquidade da informação, documentos interativos interconectados, telecomunicação recíproca e assíncrona em grupo e entre grupos: as características virtualizante e desterritorializante do ciberespaço fazem dele o vetor do universo aberto. Simetricamente, a extensão de um novo espaço universal dilata o campo de ação dos processos de virtualização

Entretanto, essa cooperação vai além dos indivíduos, mas é todo um ecossistema que participa dessa compreensão. Henry Jenkins trabalha sobre essa interação comunicacional, porém utiliza outra nomenclatura, ele chama de convergência. Por convergência, ele se refere ao fluxo e fluidez das mídias sociais ¹⁰⁴

[...] fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam.

A circulação de conteúdo por intermédio dos vários sistemas concorrentes depende claramente dos consumidores e navegantes da *internet*, entretanto, mais que algo técnico a “convergência” tratada pelo autor americano é uma transformação cultural. Não obstante, a convergência não é palpável, “mas ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com os outros” ¹⁰⁵.

Destaca-se ainda, a interdependência entre os agentes/consumidores, justamente, pela limitação humana de guardar informações, bem como as subculturas de cada um, as pessoas precisam uns dos outros para vivenciar a plenitude da vida digital providenciando uma “inteligência coletiva” ¹⁰⁶. Nenhum ser humano é autossuficiente, diante disso, necessita-se gerar um conhecimento comunitário.

¹⁰⁴ JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2009. 2º Ed. p. 29.

¹⁰⁵ JENKINS, Henry, 2009. p.30

¹⁰⁶ Conceito amplamente trabalhado por Pierre Levy e posteriormente definido nessa dissertação.

O autor propõe um ideário que em pleno 2022, é inquestionável “a convergência já está ocorrendo e é um processo irreversível”. Pode ser facilmente predito que a integração, interconexão serão cada vez mais interdependentes e universais. Não é a teleologia da convergência, mas sua realidade que tanto assusta. No ambiente digital o cidadão se comunica ou “morre”. A convergência envolve a mudança tanto na produção de sistemas como de conteúdos, em que consumidores são consumidos quanto consomem simultaneamente.

O poder participativo das comunidades, pessoas e sistemas sociais coexistem com o poder que o Estado-nação exerce sobre os cidadãos, além do poder que as corporações, dentro de seus ideais, exercem sobre os trabalhadores e consumidores. Esse poder comunitário serve como vigorosa disciplina sobre as fontes tradicionais de poder. Todas as esferas sociais estão sendo alteradas, por exemplo, religião, economia, arte, mercado de trabalho, política, família, sexualidade, meios de comunicação, redes sociais e até mesmo a própria individualidade.

Surge, então, a pergunta: Como ocorre esse poder disciplinar sobre sistema social? A resposta dada por Jenkins é: “[...] podemos ter maior poder coletivo de barganha se formarmos comunidades de consumo”¹⁰⁷. Poder-se-ia parafrasear o jargão constitucional para “o poder emana do consumidor”.

É indubitável que no ciberespaço, que conforme Pierre Levy “é o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”¹⁰⁸, o poder está no escrutínio dos internautas por intermédio de sua comunicação virtual¹⁰⁹.

Podemos estender a noção de comunicação através de mundo virtual compartilhado a outros sistemas além daqueles que simulam uma interação no centro de um universo físico tridimensional “realista” cujo aspecto visual é calculado de acordo com as leis da perspectiva. Em outras palavras, é possível haver uma comunicação através de mundos virtuais, mesmo em um sentido mais fraco do que o das simulações por imersão

¹⁰⁷ JENKINS, Henry, 2009. p. 332.

¹⁰⁸ LEVY, Pierre, 2010. p. 94

¹⁰⁹ LEVY, Pierre, 2010. p. 108

Ou seja, mesmo que não seja possível habitar em um mundo digital, no sentido estrito da palavra, habita-se em um mundo operado digitalmente. Desde o celular nas mãos que serve para fazer quase tudo no dia-a-dia, até os *data-centers* que monitoram o mundo, tudo é digital.

Esse novo “modo de vida” descrito como *cibercultura* está firmada em três proposições que se complementam: A *cibercultura* é o universal sem totalidade; O universal não é o planetário; Quanto mais universal, menos totalizável.

A primeira proposição é: o universal sem totalidade. Inicialmente, Pierre Levy, separa a universalidade e a totalização através da comunicação. Na medida em que a interconexão e o dinamismo das memórias *online* os agentes virtuais compartilham o mesmo contexto, o mesmo hipertexto vivo.

Qualquer que seja a mensagem abordada, ela encontra-se vinculada (conectada) a outras mensagens. Seja qual for o texto, ele é uma partícula de outro hipertexto vivo, em que esses textos servem como mediador para uma comunicação recíproca, interativa e interrompida ¹¹⁰. Devido a rede mundial de computadores, quase não há mais mensagens fora de contexto (separadas da comunidade virtual) ¹¹¹.

Virtualmente, todas as mensagens encontram-se mergulhadas em banho comunicacional fervilhante de vida, incluindo as próprias pessoas, do qual o ciberespaço surge, progressivamente, como o coração [...] O correio, o telefone, a imprensa, as editoras, as rádios, as inúmeras cadeias de televisão formam a partir de agora a extremidade imperfeita, os apêndices parciais e sempre diferentes de um espaço de interconexão aberto, animado por comunicações transversais, caótico, turbilhonante, fractal, movido por processos magmáticos de inteligência coletiva

Assim a *internet* surge como uma nova forma de universal. A interconexão mundial atinge o nível universal, porém sem escrita estática. Agora, o universal não está mais preso ao contexto semântico. O universal conecta pelo contato e integração geral.

A segunda proposição é: o universo não é planetário. Para o tecno-filósofo francês é “o fator geograficamente bruto da extensão das redes de transporte material e informacional, a constatação técnica do crescimento exponencial do

¹¹⁰ LEVY, Pierre, 2010. p 120.

¹¹¹ LEVY, Pierre, 2010. p.120-121

ciberespaço”¹¹². A participação nesse espaço liga o ser humano a outro em qualquer lugar, permitindo a comunicação entre realidades e comunidades distintas¹¹³.

A cibercultura dá forma a um novo tipo de universal: o universal sem totalidade. E, repetimos, trata-se ainda de um universal, acompanhando de todas as ressonâncias possíveis de serem encontradas com a filosofia das luzes, uma vez que possui uma relação profunda com a ideia de humanidade. Assim, o ciberespaço não engendra uma cultura do universal porque de fato está em toda parte, e sim porque sua forma ou sua ideia implicam de direito o conjunto de seres humanos

A terceira proposição é: quanto mais universal, menos totalizável. As pessoas das mais diversas culturas e realidades podem entrar em contato e unirem-se mãos ao redor do mundo, por intermédio das redes de computadores. O veículo para essa mudança é a imersão, por essa razão, não se fala mais em uma totalização, porém em várias totalizações¹¹⁴.

Quanto mais universal (extenso, interconectado, interativo), menos totalizável. Cada conexão suplementar acrescenta ainda mais heterogeneidade, novas fontes de informação, novas linhas de fuga, a tal ponto que o sentido global encontra-se cada vez menos perceptível, cada vez mais difícil de circunscrever, de fechar, de dominar. Esse universal dá acesso a um gozo do mundial, à inteligência coletiva enquanto ato da espécie. Faz com que participemos mais intensamente da humanidade viva, mas sem que isso seja contraditório, ao contrário, com a multiplicação das singularidades e a ascensão da desordem

Destarte, quanto mais o novo universal torna-se concreto, menos totalizável. Na verdade, vivencia-se o “verdadeiro universal”, afinal, a cultura individual se reveste de um todo cultural. O fundamento disso é “aceitar a perda de uma determinada forma de domínio significa criar uma chance para reencontrar o real”¹¹⁵. Na *cibercultura* o fim das metanarrativas é elucidado, diante das elucubrações da diversidade humana.

A *cibercultura* profetizada por Pierre Levy no final dos anos 90, revela a existência de uma nova forma de instaurar a presença do virtual na humanidade,

¹¹² LEVY, Pierre, 2010. p.121

¹¹³ LEVY, Pierre, 2010. p.122

¹¹⁴ LEVY, Pierre, 2010. p.122

¹¹⁵ LEVY, Pierre, 2010. p.123

que não seja através da identidade do sentido. Não é caos ou desordem, mas um ecossistema múltiplo e inclusivo.

Ao pensar ciberespaço como prática de comunicação interativa e intercomunitária, como mundo virtual, heterogêneo e intotalizável, anseia pela participação e contribuição dos agentes comunitários.

A *cibercultura* formaliza três princípios fundantes: interconexão, comunidade virtuais e inteligência coletiva. O primeiro princípio é uma profecia, que é chamada de interconexão. A conexão é sempre preferível ao isolamento, cada aparelho ou máquina do planeta deve possuir um endereço na *internet*, em que conectam entre si. Tudo se torna um canal interativo, em que a civilização experimenta uma tele presença generalizada. Na interconexão a humanidade não possui fronteiras espaciais, mas conexão além da geografia.

O segundo princípio é uma continuidade do primeiro, são chamadas de comunidades virtuais ¹¹⁶.

Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidade e interesses, de conhecimentos, sobre os projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.

Apesar de não serem palpáveis, os participantes das comunidades virtuais formaram uma moral social, um conjunto de leis consuetudinárias, não escritas, que regulam seu espaço, exemplificativamente, antes de perguntar algo em uma reunião virtual, olhe o histórico de mensagens. Com isso, aquela comunidade não perderá tempo respondendo sobre mesmo assunto, segundo o autor a virtude que rege esse ecossistema é a reciprocidade ¹¹⁷.

De certo modo, uma comunidade virtual não é irreal, imaginária ou ilusória, trata-se simplesmente de um coletivo permanente que se organiza mediante a uma nova forma de comunicação. Portanto, as intituladas comunidades virtuais proporcionam uma atualização de grupos sociais que só possíveis no ciberespaço, é caso de um perfil de *Instagram* para *geeks*, no qual pessoas de todo mundo vivenciam de interesses comuns sobre aquela pauta, podendo assim comentar, curtir e compartilhar ¹¹⁸.

¹¹⁶ LEVY, Pierre, 2010. p.130

¹¹⁷ LEVY, Pierre, 2010. p.130

¹¹⁸ LEVY, Pierre, 2010. p. 132-133.

A *cibercultura* é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre os processos abertos de colaboração. O apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universo por contato

A visão de Levy, é otimista por acreditar que a comunidade virtual não afasta o contato pessoal ou acompanha os contatos e interações múltiplos, entretanto, após mais de vinte anos da escrita de seu livro, percebe-se que ele se “enganou”. Como já tratado no capítulo anterior, as consequências para os *centennials* são preocupantes.

Esse espaço virtual tem cada vez mais se tornado o refúgio existencial para uma grande parcela da sociedade contemporânea, esse provavelmente será o grande desafio das próximas décadas, ressocializar os agentes virtuais.

O terceiro princípio e a real finalidade da *cibercultura* é a chamada inteligência coletiva, que se vincula uma comunidade virtual capaz de aprender e reinventar um coletivo inteligentemente gerenciado.

A interatividade transborda na interconexão dos atores digitais, que devido a subculturas individuais geram um mundo desordenado, em que as comunidades virtuais socializam ambiente do ciberespaço. Por fim, a inteligência coletiva, seria “o modo de realização da humanidade que a rede digital universal felizmente favorece, sem que saibamos *a priori* em que direção a quais resultados tendem as organizações que colocam em sinergia seus recursos intelectuais”¹¹⁹.

Por fim, Pierre Levy conclui¹²⁰

Em resumo, o programa da cibercultura é o universal sem totalidade. Universal, já que a interconexão deve ser não apenas mundial, mas quer também atingir a compatibilidade ou interoperabilidade generalizada. Universal, pois no limite ideal do programa da cibercultura qualquer um deve poder acessar de qualquer lugar as diversas comunidades virtuais e seus produtos. Universal, enfim, já que o programa da inteligência coletiva diz respeito às empresas como às escolas, às regiões geográficas como às associações internacionais. O ciberespaço surge como ferramenta de organização

¹¹⁹ LEVY, Pierre, 2010. p. 132-133.

¹²⁰ LEVY, Pierre, 2010. p. 132-133.

de comunidades de todos os tipos e de todos os tamanhos em coletivos inteligentes, mas também como o instrumento que permite aos coletivos inteligentes articularem-se entre si.

Conclui-se que, não há comunidade virtual sem interconexão, não há inteligência coletiva sem desterritorialização das comunidades no ciberespaço. Portanto, a interconexão condiciona a comunidade virtual, que é em potencial uma inteligência coletiva. Todavia, esse processo é um *loop* infundável, porque não há totalização, poder-se-ia falar sobre um processo inacabado de desenvolvimento desses três princípios (interconexão, comunidades virtuais e inteligência coletiva). Destarte, a *cibercultura* será sempre heterogênea, mutagênica e multiplicadora.

3.2 ASPECTOS CRÍTICOS DA VIDA DIGITAL

Nem todos percebem essa beleza no ciberespaço. Isso é claro quando as reais consequências sociais são desvendadas. Dentre essas pessoas destaca-se Cathy O’Neil, uma professora de Matemática que conheceu a obscuridade da Big Data, em seu livro “Algoritmos de Destruição em Massa”, ela expõe o lado não perceptível pelo mero internauta, por exemplo, como os algoritmos de *Data Center* afetam a publicidade, os seguros de vida, os empregos e até mesmo a vida cívica.

Em um dos capítulos de sua obra a escritora apresenta a relação entre esses algoritmos e as eleições nos Estados Unidos no pleito de 2012. Na época a intenção do *Facebook* era influenciar os não-votantes participarem da festa da democracia, isso aconteceu através de *hashtags* (#ivoted). Os pesquisadores acreditavam que com essa influência silenciosa maior quantidade de votantes participariam. Depois de comparar os históricos de votação, foi estimado que cerca de 340 mil cidadãos a mais exerceram seu direito ¹²¹.

Ao salpicar sua mensagem através da rede, o Facebook estava estudando o impacto do comportamento de amigos sobre o nosso

¹²¹ O’NEIL, Cathy. Algoritmos de destruição em massa: *como a Big Data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia*. Santo André, SP: Editora Rua do Sabão, 2020. p. 280-281.

próprio comportamento. As pessoas seriam capazes de encorajar seus a votar, e isso afetaria o comportamento deles? De acordo com os cálculos dos pesquisadores, ver que os amigos estavam participando fez toda diferença. As pessoas davam muito mais atenção às postagens “Eu votei” quando vinham de amigos, e tinham mais chances de compartilhar essas postagens. Entre aqueles que não receberam o botão a partir de amigos, apenas 18% o fizeram. Não podemos ter certeza que as pessoas que clicaram no botão realmente foram votar, ou que aqueles que não clicaram ficaram em casa. Ainda assim, com 61 milhões de eleitores em potencial na rede, uma diferença possível de dois pontos pode ser enorme ¹²².

O potencial de alterar os rumos da democracia são cada vez mais reais. O poder do *Facebook*, *Instagram* ou *Twitter* de afetar o comportamento é inquestionável. Caso alguém seja mais conservador e procure conteúdos da pauta nas redes sociais, o material que será despejado em seu *feed* é avassalador. Os algoritmos são invisíveis, porém tem resultados visíveis na vida das pessoas.

O poder de manipular as massas por meio de *fake news* é silencioso. As bombas ideológicas são lançadas aos montes, alterando e incentivando eleitores vulneráveis. Até mesmo em questões mais efêmeras como a publicidade modelam o imaginário social, é o exemplo de algumas empresas de *marketing* que reúnem telespectadores em baldes comportamentais, afim de que o público alvo seja direcionado a comprar determinado produto. Imagine em questões passionais como a política e religião? O impacto do ciberespaço na vida comum é incalculável. Diante disso, Cathy afirma: “O resultado dessas campanhas subterrâneas é um desequilíbrio perigoso. Os marqueteiros políticos mantêm dossiês profundos sobre nós, nos dão gotas de informação e medem como respondemos a elas” ¹²³.

Outro autor que apresenta a relação do ciberespaço e a vida cívica é o escritor e filósofo, Andrés Bruzzone. Ao falar sobre o populismo e manipulação das redes sociais e midiáticas por líderes políticos, o escritor demonstra a fragilidade do homem e mulher médios para os ataques cibernéticos ¹²⁴.

Até o final turbulento de seu mandato, o presidente norte-americano Donald Trump tinha disseminado em público ou em redes sociais não

¹²² O'NEIL, Cathy, 2020. p. 283

¹²³ O'NEIL, Cathy, 2020. p. 303.

¹²⁴ BRUZZONE, Andrés. *Ciberpopulismo: política e democracia no mundo digital*. São Paulo: Contexto, 2021. p. 54.

menos que 30.573 mentiras ou informações erradas, segundo o levantamento feito pelo jornal *The Washington Post*.

A comunicação digital tem função estrutural na formação e manutenção do populismo. As redes sociais são uma faísca sobre a palha seca, resultando em uma alienação por parte dos consumidores digitais. A forma de discurso político mudou e expandiu por intermédio da nova comunicação digital no Séc.XXI ¹²⁵.

É o ciberpopulismo, capaz de gerar adesões em identidades narrativas fortes, simples e seguras, usando tecnologias de microsegmentação que somente são possíveis em grande escala com recursos digitais. Sem tecnologia digital, esse populismo não existiria em escala global. O casamento é perfeito. O digital cria a ansiedade e oferece a cura, faz a desordem acontecer e fornece refugio necessário. A informação fragmentada e incerta, excessiva, gera ansiedade e medo; o populismo dá respostas simples que acalmam essa ansiedade e esse medo. E, para garantir a solidez da mensagem e a adesão sem crítica, bloqueia o diálogo e o debate. Quando não sabemos em que acreditar, uma voz firme e de comando pode nos dar segurança

Diante do caos e das incertezas de um mundo em constante transformação, o ciberpopulismo garante repouso e segurança, promovendo uma fé cega por parte de seus adeptos.

Essa é a situação-problema do mundo contemporâneo, ao mesmo tempo que o ciberespaço proporciona uma abertura para várias comunidades virtuais, abre-se espaço para o fim do diferente, criando bolhas comunitárias, em que a homogeneidade é mais importante que o heterogêneo, que a exclusividade fala mais alto que a inclusivo.

As consequências do ciberespaço são reais e serão expostas nas próximas gerações, mais do que uma manipulação cívica, até mesmo a formação dos indivíduos será afetada, por isso, a autora Dr. Elizabeth Kibley propõe uma nova forma de educar os filhos.

O constante uso da internet tem transformado o cérebro da futura geração, desde a forma de brincar, bem como o comportamento, peso e desenvolvimento tem sido afetado. No final de 2016, a Ofcom disponibilizou um relatório revelando que pela primeira vez na história a internet substituiu a televisão como principal entretenimento infantil ¹²⁶.

¹²⁵ BRUZZONE, Andrés, 2021. p. 59.

¹²⁶ ELIZABETH, Kibley, 2018. p.9

Conforme a autora é comum ver crianças não atingindo os marcos do desenvolvimento (incluindo desenvolvimento motor), devido a dependência dos aparelhos digitais. Além de mudanças estruturais no corpo, como uma curvatura anormal no pescoço por causa do uso de *tablets* e celulares ¹²⁷

É irônico, mas uma primeira passada dentro de casa diante de um aparelho digital não capacita as crianças à tarefa de ficar sentadas na escola, ao passo que as crianças que correm e são ativas têm um bom controle muscular e são mais capazes de permanecer sentadas ¹²⁸

Várias outras questões são citadas pela autora, tal como, perda de foco e concentração com maior facilidade, por causa da agilidade de informação proporcionada na *internet*. É discutido também o aprendizado e educação, a autora é psicóloga infantil e demonstra uma grande preocupação com o raciocínio lógico e crítico das crianças nascidas na era digital, conseqüentemente, os *centennials* ¹²⁹.

Minha preocupação em relação ao tempo de tela educacional é que as crianças estão recebendo conhecimento passivamente; elas não conseguem resolver as coisas por conta própria. Podem saber todos os números, letras, fonemas ao entrar na escola, o que é ótimo, mas uma criança em idade latente precisa de uma gama de aprendizado, e número e letras são apenas uma pequena parte disso. Para aprender, é necessário explorar, errar e experimentar por tentativa e erro. Aprender com o tempo de tela não possibilita nada disso. É comum descrevermos crianças pequenas como esponjas, absorvendo tudo ao seu redor. no mundo digital, estamos encharcando a “esponja” em vez de deixar que ela absorva as coisas por conta própria.

Apesar de terem nascido em uma sociedade cibernética, as futuras gerações carecem de uma limitação no uso das ferramentas digitais para que não se tornem reféns, por conseguinte, dependentes desses instrumentos para seu desenvolvimento intelectual ¹³⁰

[...] uma imersão precoce o desviará fatalmente dos aprendizados essenciais que, por conta do fechamento progressivo das “janelas” de desenvolvimento cerebral, se tornarão mais difíceis de alcançar

¹²⁷ ELIZABETH, Kilbey, 2018. p.32

¹²⁸ ELIZABETH, Kilbey, 2018. p. 32

¹²⁹ ELIZABETH, Kilbey, 2018. p.37

¹³⁰ DESMURGET, Michel. A fábrica de cretinos digitais: *Perigos das telas para nossas crianças*. São Paulo: Vestígio, 2021. p. 28.

Os nativos digitais fomentam a expectativa de serem a geração mais avançada da história, afinal de contas, o conhecimento está a poucos *clicks* de distância, entretanto, o mundo digital tem sido explorado não para adquirir conhecimento, mas para consumir entretenimento, conforme Michel Desmurget¹³¹.

O entretenimento exposto não é meramente um passatempo, mas quase um estilo de vida próprio dessa geração. O “entreter” aqui é um programa/problema social, não somente algo episódico, mas crônico, outrossim, a forma de aprendizagem é mutagênica, em que se aprende à medida que experimenta. Destarte, vai muito além do caráter empírico, poder-se-ia dizer que é quase afetivo. Entretenimento não é matar o tempo livre, e sim o próprio tempo dessa geração ¹³².

O entretenimento é, então, muito mais do que uma atividade com a qual se mata o tempo livre. Seria até mesmo um pensável *cognitenimento*. Esse casamento híbrido de saber e entretenimento não está necessariamente ligado com o tempo livre. Ele formula, muito antes, uma relação inteiramente outra com o saber. O *cognitenimento* é oposto ao saber como paixão, ao saber, pois, que seria idealizado, sim, teologizado ou teleologizado como um fim em si mesmo.

Transcende aos episódios livres do cotidiano atarefado, produzindo assim “um novo modo de conduzir a vida”, uma nova experiência do mundo e do tempo¹³³. O entretenimento vivencia um processo de simbiose ao sistema social, em que as fronteiras da realidade e da ficção tornam cada vez mais fluídas. Resultando em uma forma de hipersistema/ecossistema social ¹³⁴.

O entretenimento se eleva a um novo paradigma, a uma nova fórmula de mundo e de ser. Para ser, para pertencer ao mundo, é preciso ser algo que entretém. Apenas aquilo que entretém é real ou efetivo. Não é mais relevante a distinção entre mundo fictício e mundo real [...] A própria realidade parece ser um efeito do entretenimento.

Em outra obra Byung-Chul Han prediz que no futuro o ser humano lidará com o intangível, portanto, não utilizará as mãos, e sim os dedos. O que o autor

¹³¹ DESMURGET, Michel, 2021. p.25

¹³² HAN, Byung-Chul. Bom entretenimento: *uma desconstrução da história da paixão ocidental*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. p. 201.

¹³³ HAN, Byung-Chul, 2019. p. 203.

¹³⁴ HAN, Byung-Chul, 2019. p. 206.

sul coreano quer dizer nessa metáfora é que a sociedade não será mais industrial (laborativa), mas a sociedade da diversão. Diante disso, expõe: “o ser humano do futuro intangível não será um trabalhador, um *homo faber*, mas sim um jogador, *homo digitalis*”¹³⁵.

Uma ligeira digressão é importante para salientar um ponto. O ócio aqui não pode ser visto como inércia ou preguiça, porém como tempo gasto com algo intangível (não-coisa ou não concreto). Pressuposto, então, é que a era digital é a era do desempenho. O ser humano “sem mãos que passa os dedos”¹³⁶.

O *homo laborans* da sociedade industrial vivia escravizado pelo maquinário, entretanto, aqueles eram mais livres que o *homo digitalis* dos dias atuais porque a pseudo-liberdade geográfica acorrentou o indivíduo com algemas no seu próprio *smartphone*. A exploração hoje é mais efetiva, justamente, por causa da mobilidade, transformando todo lugar em local de trabalho e todo tempo em serviço. O ser humano está sufocado na imensidão do digital.

Um dos engenheiros fundadores do *Instagram* ao perceber que estava criando uma máquina de vícios, disse: “Então a rede adquire vida própria, como um organismo, e as pessoas pode ficar obcecadas”. É interessante esse fato, alguns dos tecnocratas são tecnofóbicos na vida familiar, por exemplo, Steve Jobs¹³⁷. As redes sociais são inesgotáveis. O *feed* do *Instagram* é infinito, os episódios de uma série são passados automaticamente na *Netflix* ou vídeos no *YouTube* também são automáticos, isso tudo com o intuito de prender atenção e tornar aquele consumidor viciado naquela sensação de insatisfação, buscando algo novo o tempo todo.

Provavelmente, o grande inimigo do ciberespaço é o autocontrole daqueles que navegam naquele mar de entretenimento e novidade¹³⁸

Os especialistas em tecnologia da matéria de Bilton descobriram também que o ambiente e as circunstâncias da era digital são mais propensos ao vício do que qualquer coisa que os seres humanos tenham experimentado

¹³⁵ HAN, Byung-Chul. No enxame: *perspectivas do digital*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 62

¹³⁶ HAN, Byung-Chul, 2018. p.63.

¹³⁷ ALTER, Adam. Irresistível: *por que você viciado em tecnologia e como lidar com ela*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018. p. 10.

¹³⁸ ALTER, Adam, 2018. p. 11

Vícios podem ser facilmente alimentados na *Web*, sem falar na *Dark Web* ou *Deep Web*. Os novos vícios provocados pela vida digital não precisam da ingestão de alguma substância tóxica, nenhum elemento químico entra na corrente sanguínea, mas produzem os mesmos efeitos.

Não pode ser dito que a tecnologia é má por si mesma, de forma segura, a tecnologia é inerente ao avanço intelectual do ser humano. Entretanto, não pode ser visto com bons olhos os projetos megalomaniacos das grandes corporações, claramente, o intuito é gerar vício nas pessoas.

Conforme Adam Alter o vício comportamental possui seis pilares: Metas, que estejam próximas do alcance; feedback positivo; imprevisibilidade; sensação de progresso; aumento de dificuldade com o passar do tempo; ligações emocionais fortes ¹³⁹.

O *Instagram* vicia, por exemplo, porque algumas fotos atraem muitas curtidas, ao passo que outras deixam a desejar. Os usuários perseguem o próximo grande sucesso postando uma foto atrás de outra e voltam ao site com frequência para apoiar os amigos ¹⁴⁰

O vício no ambiente digital é uma realidade assim como o uso de qualquer outra substância toxicológica. No ecossistema virtual encontra-se espaço para uma imensa abundância de “drogas”, exemplos mais claros seriam a pornografia, as compras *online* e as redes sociais. Entretanto, os números são crescentes. A psicóloga Anna Lembke cancela ¹⁴¹:

O smartphone é a agulha hipodérmica dos tempos modernos, fornecendo incessantemente dopamina digital para uma geração plugada. Se você ainda não descobriu sua droga preferida, ela logo estará em um site perto de você

Apesar dos incontáveis fatores de risco, é incontestável que as substâncias *adictivas* ¹⁴² foram facilitadas pela internet (sendo que a própria

¹³⁹ ALTER, Adam, 2018. p. 15.

¹⁴⁰ ALTER, Adam, 2018. p. 15.

¹⁴¹ LEMBKE, Anna. Nação dopamina: *por que o excesso de prazer está nos deixando infelizes e o que podemos fazer para mudar*. São Paulo: Vestígio, 2022. p. 9

¹⁴² A autora define *adição* como: consumo contínuo e compulsivo de uma substância ou comportamento (jogos de azar, vídeo game, sexo), apesar do mal que fazem para a pessoa e para os outros.

internet é considerada *adictiva*), de tal modo que, o acesso a rede proporciona atitudes compulsivas.

O vício de modo geral decorre através da liberação de hormônios por neurotransmissores, dentre eles a dopamina, que é movimentada pelo desejo de gratificação. De modo simplório, o organismo usa a dopamina como um propulsor, afim de conseguir alguma coisa, isso funciona como um circuito de recompensa cerebral.

Quando o ser humano sente prazer, os neurotransmissores liberam dopamina (dentro do circuito da recompensa), então todo organismo direciona-se ao prazer. A conclusão é: “Quanto mais dopamina, mais prazer é sentido”.

Ao ficar constantemente exposto ao prazer o organismo acaba viciando, de tal modo, que as resposta de compensação que deveriam gerar um contrapeso tornam-se mais fracas e lentas, esse processo é chamado de “neuroadaptação”.

Logo, o sistema autorregulador do cérebro libera mais hormônios com intuito de equilibrar o sistema nervoso (homeoestase). Diante disso, organismo percebe a necessidade mais *adictivos* para garantir o mesmo efeito prazeroso, por conseguinte, surge a dependência ¹⁴³.

A grande verdade, conforme a autora, é que a própria tecnologia é *adictiva*, com luzes pulsantes, conteúdo ilimitado e a promessa de recompensas após o uso desenfreado ¹⁴⁴. Conclui-se que, quanto mais exposto aos benefícios da *cibercultura* (caráter ilimitado proporcionado pelo ciberespaço), mais dependente daquele ambiente se torna o individuo.

As consequências desse vício reverberam na personalidade dos indivíduos, é indubitável que a sociedade atual é mais egocêntrica e individualizada que as gerações passadas. A solidão, ansiedade e depressão são consequências psicológicas que afloraram na *cibercultura*.

Em uma pesquisa de 2018, o Jornal *The Economist* tratou o aumento do sentimento de solidão entre os jovens atrelado ao uso exacerbado de *smartphones* contribui para esse crescimento ¹⁴⁵. Na pesquisa mostra que o

¹⁴³ LEMBKE, Anna, 2022. p.51-57

¹⁴⁴ LEMBKE, Anna, 2022. p.30

¹⁴⁵ The Economist. Daily Chart: *Loneliness is pervasive and rising, particularly among the you Smartphones and social media are blamed, but moderate use can be beneficial*. Londres, 31 de ago 2018. Disponível em: <https://www.economist.com/graphic>

desenvolvimento da “solidão percebida” foi de 9% no Japão, 22% nos Estados Unidos e 23% na Grã-Bretanha.

A pesquisa concluiu que o “grande vilão” é a tecnologia, precisamente, as redes sociais e *smartphones*. O mérito dessa investigação reside no fato dos adolescentes sentirem-se solitários cresceu entre 2003 a 2015, lapso temporal que houve a difusão desses aparelhos. Porém, não seria correto falar que a solidão tem a tecnologia como única culpada, mas sua influência é inquestionável.

Após a pandemia de Covid-19, vivencia-se uma era sem contato, em que os indivíduos preferem o distanciamento do que a proximidade, por motivos óbvios. Houve um momento que o único meio de comunicação entre pessoas eram os aparelhos telefônicos. Todos com as cabeças baixas digitando ou com a câmera ligada fazendo ligações de vídeo.

A infestação do *smartphone* foi tão grande que nas calçadas de Seul na Coreia do Sul, foram instaladas luzes de “pare/siga”, afim de que os pedestres pudessem atravessar a rua sem desviar o olho do aparelho. Nos cruzamentos foram instalados *lasers* que mandam uma notificação para o pedestre avisando que ele está chegando perto de chegar em uma rua com fluxo de carros ¹⁴⁶.

O uso de *smartphones* distanciou a sociedade da vida comum. As pessoas são menos comunicativas e sociáveis ¹⁴⁷

Cada momento que passamos no celular, rolando a tela, assistindo vídeos, lendo tuítes, comentando fotos, é um momento que não estamos presentes para aqueles que nos cercam, privando-nos de múltiplas interações sociais diárias que nos fazem sentir parte de uma sociedade mais ampla – aqueles pequenos momentos quando nos sentimos vistos e validados e que, como vimos, são muito importantes. O simples fato de termos um *smartphone* conosco muda o comportamento e a maneira como interagimos com o mundo ao nosso redor

Não somente das pessoas que transitam no cotidiano, mas as pessoas mais próximas como marido, esposa, filhos, irmãos e pais, ou seja, ao mesmo

detail/2018/08/31/loneliness-is-pervasive-and-rising-particularly-among-the-young. Acesso em: 26 nov 2022.

¹⁴⁶ HERTZ, Noreena. O Século da solidão: *restabelecer conexões em um mundo fragmentado*. Rio de Janeiro: Record, 2021. p. 119.

¹⁴⁷ HERTZ, Noreena, 2021. p. 120.

tempo que aproxima os que estão longe distancia os que estão perto. A mesma tecnologia que leva o indivíduo a Lua não atravessa a porta do quarto.

As pessoas estão cada vez mais distraídas com seus aparelhos eletrônicos. É o caso de uma família reunida no mesmo restaurante, porém cada um com seu celular e com seu “mundo”. A sociedade hoje não é a sociedade da comunicação, mas experimenta-se uma era de solidão e de ausência de relações afetivas mais profundas.

A autora Noreena Hertz resume o aspecto da solidão e o uso de eletrônicos em um parágrafo dizendo ¹⁴⁸

[...] O celular é nosso amor e nosso amante. Hoje, traímos aqueles que nos cercam bem à vista e, de alguma forma, todos passamos a aceitar essa infidelidade. Estamos presentes, mas ao mesmo tempo não estamos, juntos e ao mesmo tempo sozinhos

Há uma espécie de egolatria com fundamento nas redes sociais, tudo que o indivíduo pós-moderno faz está atrelado com suas emoções, sem ao menos atrelar a racionalidade. A sociedade tornou-se refém do afeto, buscando encontrar em si próprio sentido para sua existência, seria uma espécie de auto-escravidão.

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han nomenclatura a sociedade em duas: sociedade imunológica (Séc. XX) e sociedade pós-imunológica (Séc.XXI). Define o autor a sociedade imunológica como ¹⁴⁹:

O século passado foi uma época imunológica. Trata-se de uma época na qual se estabeleceu uma divisão nítida entre dentro e fora. Mesmo na Guerra Fria seguia esse esquema imunológico. O próprio paradigma imunológico do século passado foi integralmente dominado pelo vocabulário dessa guerra, por um dispositivo francamente militar. A ação imunológica é definida como ataque e defesa. Nesse dispositivo imunológico, que ultrapassou o campo biológico adentrando no campo e em todo âmbito social, ali foi inscrita uma cegueira: pela defesa, afasta-se tudo, que é estranho. O objeto da defesa imunológica é a estranheza como tal. Mesmo que o estranho não tenha nenhuma intenção hostil, mesmo que ele não represente nenhum perigo, é eliminado em virtude de sua alteridade.

¹⁴⁸ HERTZ, Noreena, 2021. p.123.

¹⁴⁹ HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. p. 8-9.

A sociedade imunológica é marcada pela alteridade, uma sociedade polarizada, em que as categorizações são o ponto focal identitário. O sujeito imunológico exclui o diferente, assim como os anticorpos agem no organismo.

A sociedade contemporânea não é mais a sociedade disciplinar, pensada por Michael Foucault, mas é fundamentada no desempenho. Não é mais obediência que serve de supedâneo estatal, quem ocupa esse lugar é a produtividade. São o proletariado de si próprios. A distinção entre a sociedade disciplinar e a sociedade do desempenho é ¹⁵⁰:

A sociedade disciplinar é uma sociedade da negatividade. É determinada pela negatividade da proibição. O verbo modal negativo que o domina é o não-ter-o-direito. Também ao dever inere uma negatividade, a negatividade de coerção. A sociedade de desempenho vai se desvinculando cada vez mais da negatividade. Justamente a desregulamentação crescente vai abolindo-a. O poder ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade de desempenho. O plural coletivo *Yes, we can* expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade de desempenho. No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo *não*. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrario, produz depressivos e fracassados

Destaca-se a mudança para o pensamento positivista da sociedade do desempenho, quando o sentimento de onipotência proporcionado pela *cibercultura* (interconexão, comunidades virtuais e inteligência coletiva) e a frustração da obediência coercitiva da sociedade disciplinar se entrelaçaram. Quando o ciberespaço prometeu o inalcançável e o medo da sanção mostrou insuficiente, foi nesse exato momento que o humanidade passou a ser escrava dela mesmo, vislumbrando o sonho da autonomia.

O dever de êxito presente na sociedade de desempenho problematizou a vida hodierna, desencadeando na patologia de “medo do fracasso”. Os indivíduos com doenças psicossomáticas como a depressão, ansiedade, síndrome do pânico, síndrome de *burnout* ou TDAH, são o afloramento desejo por conquista nas segmentações da vida. Outrossim, vaticina Han: “o que torna doente, na realidade, não é o excesso de responsabilidade e iniciativa, mas o

¹⁵⁰ HAN, Byung-Chul, 2017. p. 24-25.

imperativo do desempenho como novo mandato da sociedade pós-moderna do trabalho”¹⁵¹. Por fim, isso desencadeia na sociedade do cansaço.

A sociedade ativa (desempenho) resulta no esgotamento excessivo ou sociedade do cansaço, em outras palavras, “o excesso da elevação de desempenho leva um infarto da alma”¹⁵².

O cansaço aqui é solitário e individualizante, nas palavras de Byung-Chul Han: “O cansaço de esgotamento não é um cansaço da potência positiva. Ele nos incapacita de fazer qualquer coisa. O cansaço que inspira é um cansaço da potência negativa, a saber, do não-para”¹⁵³. O cansar é o desaguar do não ter tempo para descansar.

Aqui está a última consequência da vida digital, o ser humano esqueceu o “prazer da vida” fora da tela. Na imensa busca por produtividade com o reforço da máquina de trabalho nas mãos de cada cidadão (o *smartphone*). As pessoas perderam a importância do descanso, do não-produzir, do ócio. Não é preguiça, mas é aproveitar a vida fora da bolha digital, é ver que o verde do parque é mais verde que o verde da foto. É viver sem tela.

3.3 A FRAGMENTAÇÃO DO “EU”

Conclui-se então que, diante das inúmeras ofertas e perigos a vida digital tem resultado em uma fragmentação do indivíduo. Por exemplo, na comunicação, em que a atenção está dividida entre uma realidade física através de uma conversa íntima e uma sala de bate-papo com dezenas de pessoas interagindo com *emojis*.

Do mesmo modo que a calculadora facilitou a aritmética, essa ferramenta destruiu a habilidade das pessoas fazerem contas por si só usando um papel e uma caneta. A revolução digital criou um ser multifacetado despreparado da vida em comunidade. A universidade de Bristol criou um projeto chamado PEACH, que revelou crianças de 10 e 11 anos, que passavam mais de 2 horas por dia em uma tela de computador tinham mais dificuldade em expressar suas

¹⁵¹ HAN, Byung-Chul, 2017. p.27.

¹⁵² HAN, Byung-Chul, 2017. p.71

¹⁵³ HAN, Byung-Chul, 2017. p. 76.

emoções ¹⁵⁴. O resultado é simples: mais tempo de tela resulta em maior dificuldade de comunicação social.

O grande problema é a onipresença digital, porque está em todo lugar (no bolso, na mochila, no carro ou no *smartwatch*), ainda pode ser falado em onipotência, justamente, pelo fato dos dispositivos abrirem caminho para um mundo de possibilidades. O grande problema é quando a vida digital se torna mais atraente que a vida real, quando o “eu” digital é mais bonito, comunicativo e inteligente que o “eu” real de carne e osso.

O que acontece quando a realidade é menos interessante que a vida digital ou quando o “avatar” é mais atraente que as pessoas atrás da tela? Quando a foto no *Instagram* é mais entusiasmante do que a imagem diante dos olhos?

A sociedade vive hoje em um grande palco, todo instante é uma oportunidade de encenação, em que os “eu’s” atores digladiam para usurpar o lugar do “eu” real. Os atores digitais querem ser os verdadeiros. Cada vez mais, a *persona online* é compartilhada ao invés da pessoa real. A irrealidade tem tomado espaço da realidade.

Desde o início das redes sociais as pessoas foram encorajadas a distorcerem o que são para obterem validação social. Possivelmente, conectar o mundo fosse a intenção, mas pouco importa se nesse processo as imagens de si próprios fossem mais superficiais ou distorcidas. As mídias sociais não só estão transformando o ser humano em mercadoria, como também estão alienando o indivíduo, criando um mutante ou melhor “frankenstein” social, completamente fragmentado e retorcido.

As plataformas de mídias sociais foram conscientemente pensadas para manter constantemente navegando, assistindo, curtindo e atualizando, com a finalidade de obter mais tempo e até mesmo comprometimento. Cada pixel, layout ou animação foi planejada para o consumidor não desconectar.

As *Big Tech's* não estão importando com os prejuízos sociais e psicológicos que podem causar nas futuras gerações. Afinal de contas, mais dependência mais dinheiro. Por isso, constantemente, é necessário lembrar do enorme potencial de dano da vida/alienação digital.

¹⁵⁴ HERTZ, Noreena, 2021. p. 129.

Mais do que nunca, é fundamental para o bem-estar psicológico da sociedade repensar a vida ordinária, evitando uma miscelânea digital, mas colocando limites e parâmetros entre realidade e irrealidade. É urgente a conscientização das pessoas a fim de que saibam viver nessa atual simbiose cultural, que aprendam viver entre esses dois mundos, mas sendo a mesma *persona*.

As consequências da vida digital não só dividem o ser humano em dois mundos, mas também corrobora para formação de uma sociedade mais individual, afetiva e até desorientada.

4 QUESTÕES INTRODUTÓRIAS DA ESPIRITUALIDADE DIGITAL

Ao visitar uma cidade interiorana no Brasil pode-se perceber alguns elementos comuns àquela realidade. As cidades de interior são marcadas pela presença religiosa na vida comunitária, em que indo ao culto ou missa semanal, as pessoas dialogam sobre as situações da vida, de modo que todos conhecem todos.

A forma como essas cidades são pensadas revela muito sobre as inclinações da humanidade nos séculos passados. A Igreja Católica está no centro da cidade, conjuntamente, com algum banco estatal. Não é mera coincidência, mas aquele monumento histórico (normalmente o prédio mais alto da cidade), a Igreja, apresenta uma sociedade normatizada pela religião. Simbolicamente, significa para os construtores dessas cidades que, a religião era detentora do centro da visão de mundo daquelas pessoas. Não é um mero efeito arquitetônico, mas existencial.

Não só no Brasil, mas na Europa, esse fato é idêntico. A cidade de Barcelona, por exemplo, tem como prédio mais alto e central o Templo Expiatório da Sagrada Família. É certo que essa obra ainda não está completa, porém essa centralidade geográfica fala muito das bases sociais daquele país.

Entretanto, na Europa as grandes igrejas históricas têm se tornado um espetáculo turístico e nada mais que isso. O número de cristãos não-praticantes tem aumentado, bem como de agnósticos e ateus. As grandes catedrais que outrora foram símbolos de uma sociedade hermética, nos dias atuais, transformaram-se em cafés, livrarias e até spa's ¹⁵⁵.

A realidade das grandes cidades brasileiras e europeias é a mudança do centro da vida religiosa, apesar dos belos templos espalhados pelas cidades de

¹⁵⁵ LOSEKANN, Marcos. Antigas catedrais abrigam hotéis, livrarias e até discotecas na Europa: Na República Tcheca, a igreja do século 13 virou um spa no começo do terceiro milênio. Em uma esquina em Londres, o velho templo anglicano virou um moderníssimo estúdio musical. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/09/antigas-catedrais-abrigam-hoteis-livrarias-e-ate-discotecas-na-europa.html>. Acesso em: 12 jan .2023

todo o país, o prédio mais frequentado é o *shopping center*. Nisto consiste o panorama contemporâneo, os templos religiosos vazios, mesmo com toda sua importância histórica e cultural, e o *shopping* abarrotado de pessoas. Será que as pessoas estão menos religiosas ou a espiritualidade está menos institucionalizada?

4.1 ASPECTO CULTURAL: PÓS-MODERNIDADE

Os tempos são diferentes do que costumava ser para não dizer os tempos são estranhos. Essa sensação de estranhamento se deve ao fato, pelos menos em parte, ao pensamento pós-moderno, que talvez seja mais próximo de um movimento cultural do que intelectual.

A pós-modernidade não abarca uma faixa social, mas todas as esferas da sociedade contemporânea, da arte aos relacionamentos, tudo foi afetado por esse fenômeno. Digo fenômeno, porque ainda não chegou a um consenso do que de fato é a pós-modernidade, bem na verdade, nem mesmo o termo “pós-modernidade” é totalmente aceito. Alguns preferem denominar como as consequências da modernidade ou modernidade líquida ou modernidade tardia ou pós-estruturalismo ou sociedade em rede ou sociedade do cansaço ou sociedade da informação ou sociedade do consumo, a gama de vocativos é consideravelmente extensa e abrangente. Por questões de publicidade e familiaridade, o termo mais usado nesse trabalho será pós-modernidade, porém, será intercambiado com os demais.

Entretanto, falar desse fenômeno é impossível sem ajuda da sociedade moderna do Séc.XIX e início do Séc.XX. A pós-modernidade coloca-se indiferente aos conceitos e certezas da era moderna, esse novo de “estado de espírito” é resultado de uma decepção com os efeitos da sociedade arraigada na razão humana.

Inicialmente, sabe-se que a modernidade é consequência de inúmeras mudanças socioeconômicas e intelectuais. Não é um evento que delimita o início da modernidade, mas um processo de modernização.

No âmbito das transformações econômicas poder-se-ia citar dois períodos decisivos: Revolução Industrial e Revolução Francesa. Primeiramente, Revolução Industrial no Séc.XVIII, inicia-se com a transformação dos meios de

produção através de um maquinário mais tecnológico, em que a sociedade rural migra para a cidade na oferta de melhores condições de vida. O aumento nos meios de produção acelerou a consolidação do capitalismo tornando assim a sociedade mais expansionista. Em segundo lugar, a Revolução Francesa no Séc.XVII, por sua vez, rompeu com a estrutura social e política do antigo regime e lançou as bases da política moderna.

Outrossim, é no campo da intelectualidade que a modernidade se firma. Inquestionavelmente, a mente moderna está munida dos ideais iluministas. O Iluminismo é quase uma espécie de conversão do Ocidente. No Séc. XVIII, a Europa ferveu diante das crenças iluministas. Michael Goheen e Craig Bartholomew, delimitam quatro crenças fundamentais do iluminismo: fé no progresso; fé na razão; fé na tecnologia; fé em um mundo social racionalmente ordenado ¹⁵⁶.

Francis Schaeffer em seu livro “Como viveremos?” traz um apanhado histórico do pensamento Ocidental. No capítulo que ele trata sobre o Iluminismo, assim delimita o sonho utópico do Iluminismo em cinco palavras: razão, natureza, felicidade, progresso e liberdade. Mas o que diz no restante do paragrafo é o prisma da visão iluminista de mundo ¹⁵⁷.

Seu modo de pensar era totalmente secular. Os princípios humanistas que surgiram durante a Renascença tornaram-se uma onda avassaladora no Iluminismo. Aqui estava o homem partindo absolutamente para si mesmo. E, se os princípios humanistas da Renascença forem comparados aos princípios da Reforma, o Iluminismo acabará se revelando como antítese total. As duas correntes representavam e estavam assentadas sobre as bases total e absolutamente divergentes entre si de maneira absoluta, gerando resultado absolutamente diferentes.

Na ótica de Schaeffer, considera-se duas tangentes: Reforma e Iluminismo. Enquanto, a Reforma trazia novamente a religião para o centro social, apesar de uma ligeira dicotomia do pensamento. O Iluminismo apontava a razão como centro da sociedade. A reforma falando que o justo viveria pela fé. O Iluminismo falando que o progresso seria alcançado pela racionalidade.

¹⁵⁶ GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G. Introdução à Cosmovisão Cristã: *vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea*. São Paulo: Vida Nova, 2016. p. 142

¹⁵⁷ SCHAEFFER, Francis A. *Como viveremos?* São Paulo: Cultura Cristã, 2013. p. 66

A certeza na lei divina foi substituída pela certeza dos sentidos, a providencia divina foi substituída pela tecnologia. Sendo que tudo isso estava enraizado e edificado na razão.

Razão essa definida em primeiro lugar como autônoma, que significa estar liberta da fé cristã. Segundo lugar, instrumental, que seria a capacidade de controlar e moldar o mundo. Por último, universal, onde transcenderia a cultura e história, fornecendo leis adaptáveis a todas as épocas ¹⁵⁸.

A racionalidade tomou conta do ideário a partir de então. Todavia, só há um organismo capaz de providenciar isso ao homem moderno, afinal, naquela altura, a razão já havia tomado o lugar da religião na mentalidade social (devido ao Iluminismo). Não obstante, o mundo moderno tem o Estado como a principal força motriz, sendo o mais notório propulsor de transformações sociais. Apesar da descrença na transcendência a sociedade moderna, bem como a sociedade contemporânea, ainda bebe do imaginário judaico-cristão ¹⁵⁹

[...] o humanismo moderno continua vivendo à custa do capital acumulado do evangelho, pois a cosmovisão cristã tem desempenhado um papel importante na formação de muitas daquelas coisas que hoje consideramos extremamente atraentes, o que inclui os direitos humanos, a liberdade, a igualdade, o aumento na produtividade e a educação. Esses aspectos nunca foram desenvolvimentos exclusivamente humanistas.

Ao longo do século passado, o sonho moderno degingolou entre os dedos do Ocidente. O sonho de uma sociedade em amplo avanço se desfez primeiro na Europa, afinal, os horrores de duas guerras mundiais e o genocídio seis milhões de judeus, colocaram um ponto final na utopia de paz e prosperidade profetizado pelo Iluminismo. O psicólogo Carl Jung expressou grande desapontamento devido os efeitos do pós-guerra “[...] percebo muitíssimo bem que estou perdendo a fé na possibilidade de uma organização racional do mundo; o velho sonho de do milênio, em que a paz e a harmonia deveriam dominar, se esvaneceu” ¹⁶⁰.

Os resultados da Segunda Guerra são ainda mais sérios, que vaticina o declínio da Modernidade e da razão humana: a pobreza por causa dos custos

¹⁵⁸ GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G, 2016. p. 144.

¹⁵⁹ GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G, 2016. p. 153-154

¹⁶⁰ JUNG, Carl. Modern man in search of a soul. Nova Iorque: Hartcourt and Brace, 1933. p.235

da guerra, a degradação do ser humano, os traumas psicológicos do pós-guerra e inúmeros problemas sociais.

Herman Dooyweerd filósofo e jurista holandês deixa claro a esperança em um juízo escatológico sobre os facínoras nazistas ¹⁶¹

Espero que agora tenha ficado claro que é possível uma resposta bíblica bem fundamentada, e que essa resposta conterà também um juízo histórico sobre as tendências totalitárias que ainda ameaçam nosso desenvolvimento cultural depois da queda do nacional-socialismo [...] o nacional-socialismo só pode ser explicado como o fermento venenoso de um historicismo sem rumo, que perdeu toda a consciência de distanciamento histórico em face dos vestígios mortos da tradição

Conclui-se que, a sociedade racionalmente pensada foi um fracasso devido o uso da razão, ordem e tecnologia para fins de extermínio racial. O Séc. XX, abriu espaço para o ser humano buscar sentido não na razão, mas em outro objeto. A partir dessa desilusão surge a Pós-Modernidade.

O debate sobre o rompimento com a Modernidade teve início nas décadas de 50 e 60, inicialmente, falava-se em “pós-modernismo” com maior evidência nas artes, porém logo se ampliou a discussão tornando uma crítica a cultura como um todo ¹⁶². A ideia de progresso e avanço que conduziria a humanidade ao tempo de harmonia, ruiu. Diante disso, popularizou a nomenclatura de “pós-modernidade”.

O grande promotor desse termo foi o filósofo francês Jean-François Lyotard. Em sua obra “Condição Pós-Moderna” Lyotard resume o pensamento na frase “[...] considera-se “pós-moderna” a incredulidade em relação aos metarrelatos” ¹⁶³. Conforme o autor essa incredulidade se deve a crise da filosofia metafísica e da dependência universitária ¹⁶⁴

A função narrativa perde seus atores, os grandes heróis, os grandes perigos, os grandes périplos e o grande objetivo. Ela se dispersa em nuvens de elementos de linguagem narrativos, mas também denotativos, prescritivos, descritivos etc., cada um veiculando consigo validades pragmáticas *sui generis*. Cada um de nós vive em muitas encruzilhadas. Não formamos combinações de linguagem

¹⁶¹ DOOYEWEERD, Herman. Raízes da Cultura Ocidental. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. p.97, 103

¹⁶² GOHEEN, Michael W. e BARTHOLOMEW, Craig G, 2016. p. 165.

¹⁶³ LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021. p.18.

¹⁶⁴ LYOTARD, Jean-François, 2021. p.18

necessariamente estáveis, e as propriedades destas por nós formadas não são necessariamente comunicáveis

As metanarrativas são visões de mundo totalizantes ou narrativas abrangentes que objetivam explicar todos os acontecimentos históricos e perspectivas socioculturais. Portanto, Lyotard estava criticando a Modernidade pela confiança na razão como veículo de progresso. A tentativa de organizar a sociedade sob razão científica, assim libertar a humanidade de algum tipo de amarra foi um fracasso.

Quem coopera para elucidação dessa sociedade multifacetada e rizomática é o sociólogo britânico Anthony Giddens, apesar de não concordar completamente com o termo “pós-modernidade”, ele afirma ¹⁶⁵

Deslocar a narrativa evolucionária, ou desconstruir, seu enredo não apenas ajuda a elucidar a tarefa de analisar a modernidade, como também muda o foco de parte do debate sobre o assim chamado pós-moderno. A história não tem forma “totalizada” que lhe é atribuída por suas concepções evolucionárias – e o evolucionismo, em uma ou outra versão, tem sido bem mais influentes no pensamento do que as filosofias teleológicas da história [...] Desconstruir o evolucionismo social significa aceitar que a história não pode ser vista com uma unidade, ou como refletindo certos princípios unificadores de organização e transformação.

Giddens acrescenta ¹⁶⁶

[...] descobrimos que nada pode ser conhecido com alguma certeza, desde que todos os “fundamentos” preexistentes da epistemologia se revelaram sem credibilidade; que a “história” é destituída de teleologia e conseqüentemente nenhuma versão de progresso pode ser plausivelmente defendida; e que uma nova agenda social e política surgiu com a crescente proeminência de preocupações ecológica e talvez novos movimento sociais em geral

Portanto, a dissolução do progresso social, o desaparecimento das metanarrativas, formação de uma verdade relativa e a evaporação do Ocidente como força motriz de transformação global são características claras desse fenômeno chamado de “pós-modernidade”.

¹⁶⁵ GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 1991. p. 15.

¹⁶⁶ GIDDENS, Anthony, 1991. p. 56-57

Conforme o filósofo neocalvinista Herman Dooyeweerd, a sociedade sem pontos estruturantes é abstrata e arbitrária ao hermeneuta da realidade ¹⁶⁷

A eliminação de uma perspectiva normativa da realidade social levou, necessariamente, à eliminação de todos os aspectos da realidade que, de acordo com a estrutura modal, carregavam um caráter normativo. Como já foi enfatizado, depois dessa eliminação, fica-se com uma realidade social empírica, mas com uma construção arbitrária, abstrata e sem base científica dessa realidade.

Zygmunt Bauman fornece com maestria uma imagem da desconstrução das estruturas sociais na contemporaneidade. A metáfora usada em seu livro é a liquidez ¹⁶⁸. Os fluidos se adaptam facilmente, eles fluem, vazam, inundam e moldam. Já os sólidos em contrapartida não possuem essa variação, permanecem intactos e coesos. Ou seja, a sociedade dos dias atuais é representada pela leveza, fluidez e liquidez.

O sociólogo polonês divide a modernidade em duas: modernidade sólida e modernidade líquida. A modernidade sólida (Séc.XVII até o Séc.XX) construiu uma nova ordem sob a ruína da ordem defeituosa anterior, assim reestruturam os pontos consolidados e os pontos instáveis foram esquecidos.

A modernidade líquida é consequência do “derretimento” das estruturas da modernidade sólida. Todas as estruturas e sentimentos foram afetados, por exemplo, o capitalismo, o trabalho, a liberdade, a educação, a espiritualidade, o governo, a segurança, a individualidade e até a ideia de crítica ¹⁶⁹

O “derretimento dos sólidos, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais do que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro.

¹⁶⁷ DOOYEWEERD, Herman, 2015. p. 241.

¹⁶⁸ ZYGMUNT, Bauman. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 8-9

¹⁶⁹ ZYGMUNT, Bauman, 2001. p. 13.

A vida líquida é instável, vivida em circunstâncias de incerteza permanente. Os incontáveis reinícios tendem formar uma geração inquieta e insegura ¹⁷⁰

Chegou a vez da liquefação dos padrões de dependência e interação. Eles agora são maleáveis a um ponto que as gerações passadas não experimentaram e nem poderiam imaginar; mas, como todos os fluidos, eles não mantêm a forma por muito tempo. Dar-lhes forma é mais fácil que mantê-los nela. Os sólidos são moldados para sempre. Manter os fluidos em uma forma requer muita atenção, vigilância constante e esforço perpétuo – e mesmo assim o sucesso do esforço é tudo menos inevitável.

Essa liquidez social tem influência direta na forma de viver-ser das pessoas do Séc.XXI, podendo ser exemplificado através do tempo e até nos relacionamentos. A fluidez cria uma cultura imediatista (curto prazo), ou seja, as necessidades e desejos devem ser satisfeitos instantaneamente. No livro “vida para consumo” Bauman afirma: “Um ambiente líquido moderno é inóspito ao planejamento, investimento e armazenamento de longo prazo” ¹⁷¹.

O tempo não é mais visto como algo cíclico muito presente nas mitologias, nem como algo linear percebido no Ocidente. Nessa mesma obra o autor vê o tempo como algo “pontilhista”, que seria uma realidade fragmentada em uma multiplicidade de instantes que não apresentam uma coesão. Ou seja, o tempo não é algo contínuo, mas cheio de rupturas e discontinuidades. Cada momento encerra-se em si mesmo não havendo relação com o passado ou presente. Por fim, essa fragmentação do tempo resulta em uma sociedade de consumidores, importando, somente a sensação do “aqui e agora” ¹⁷².

O consumo pode ser visto até nas relações pessoais, principalmente, nas redes sociais e relacionamentos *online*. A tendência de procurar um companheiro na *internet* para alguns é semelhante a uma compra *online*. Caso alguém queira comprar um tênis novo, ele vai no *site* de sua preferência e abre o catálogo. Pensando em algo “contemporâneo”, caso aquela pessoa use o *Tinder*, por exemplo, a ideia de catálogo é a mesma. O modelo da relação entre cliente e mercadoria tornou-se a mesma relação entre as pessoas.

¹⁷⁰ ZYGMUNT, Bauman, 2001. p.15

¹⁷¹ ZYGMUNT, Bauman. *Vida para Consumo: A Transformação das Pessoas em Mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. p. 45

¹⁷² ZYGMUNT, Bauman, 2018. p. 45

O ambiente em rede proporciona a conexão e a desconexão entre os semelhantes. É, justamente, a facilidade em desconectar que caracteriza a liquidez nas relações. As pessoas “bloqueiam” umas as outras, como se daquele momento em diante deixassem de existir, com isso, as relações humanas derretem instantaneamente. Em suma, os vínculos tornaram-se frágeis e voláteis.

É a partir dessa nova “sociedade em rede” que escreve Manuel Castells. No final da década de 90 e início do novo Milênio, houve uma revolução tecnológica voltada para informação, em que o mundo foi transformado com enorme celeridade, desde a economia até os meios de comunicação foram afetados ¹⁷³

[...] um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela

Uma questão levantada por Castells é a capacidade adaptabilidade dos meios de comunicação em relação a sociedade. Os meios de comunicação são moldados pelas preferências de um determinado grupo, de certo modo, experimenta-se hoje uma sociedade *self-service* e *fast-food* ao mesmo tempo.

A sociedade *self-service* é marcada pela afetividade muito presente nas redes sociais. Por exemplo, o algoritmo de pesquisa compreende as preferências daquele perfil, diante disso, as recomendações de conteúdo serão relacionadas com aquelas preferências.

Uma pessoa gosta de *skate* e seus históricos de pesquisa são as várias modalidades de *skate*, as pessoas que ela procura são ícones do esporte e os vídeos que ela vê são manobras.

Não há nada de errado em gostar de *skate*, a grande questão é que nem todas as pessoas que se convive tem as mesmas preferências. Portanto, a comunicação entre essas duas pessoas fica emaranhada. Logo, aquela pessoa que “respira” *skate* ao lidar com o diferente percebe que o mundo real não é o mundo fictício das redes sociais.

¹⁷³ CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. 23ªEd. p. 63

A rede social cria um círculo existencial, onde somente as predileções são levadas em conta. É como comer em um restaurante *self-service*, que o consumidor escolhe aquilo que aprecia. Porém, a sociedade não dá a possibilidade de viver somente com escolhas pessoais. A vida é vivida em comunidade, justamente, a busca por harmonia deve ser uma das bases da comunicação. É importante pensar esse “isolacionismo”, porque caso não seja tratado, as próximas gerações poderão ser intolerantes com o diferente ou frágeis sentimentalmente não suportando aos diálogos.

A sociedade *fast-food* é demarcada pelo imediatismo sem filtro. Quando alguém vai uma franquia de “comidas rápidas”, conhecidas como *fast-food's*, espera duas situações: qualidade e velocidade. Obviamente, muitas vezes a velocidade fala mais alto que a qualidade.

Essa cultura é percebida através da agilidade providenciada pelo ciberespaço. A agilidade na aquisição de conhecimento é algo sem precedentes na história, caso alguém deseja saber sobre qualquer assunto basta ir ao *site* de busca e procurar. Isso não leva mais que cinco minutos.

A facilidade na procura popularizou o conhecimento, mas também resultou em pessoas mais inquietas e impacientes. Assim como alguém que come no *fast-food* deixa de lado a saúde em prol da velocidade. A sociedade hodierna adquire velozmente muitas informações, porém sem o filtro moral conscientemente ativado.

Albert Mohler, atual Presidente do *Southern Baptist Theological Seminary*, em Dallas no Texas, escreveu no livro “Deus não está em silêncio” sobre a morte da moralidade na pós-modernidade ¹⁷⁴

Ivan, no romance *Os Irmãos Karamázov*, de Fiódor Dostoiévski, estava certo — se Deus está morto, tudo é permissível. O deus tolerado pelo pós-modernismo não é o Deus da Bíblia, e sim um conceito vago de espiritualidade [...] Um relativismo moral amplo é marca da cultura pós-moderna. Isso não significa que os pós-modernistas relutam em usar linguagem moral. Pelo contrário, a cultura pós-moderna está repleta de discurso moral. Mas as questões de interesse moral são arbitrarias e, em muitos casos, representam uma reversão da moralidade bíblica.

Visto que a cultura dita como pós-moderna está amplamente comprometida com uma desconstrução de todas grandes narrativas, logo, toda

¹⁷⁴ MOHLER JR. Richard Albert. Deus não está em silêncio: *Pregando em um mundo pós-moderno*. São Paulo: Editora Fiel, 2011. p. 133.

“autoridade” que seja moral ou intelectual foi deposta. Diante disso, experimenta-se a relativização quaisquer absolutos que possam existir.

Toda autoridade foi erodida e posta “em cheque”. Justamente, porque a verdade é feita e não achada. Para os pós-modernos, a verdade tida como absoluta nos grandes círculos sociais como a religião, foi colocada sob os olhares atentos da relativização.

Em suma, para grande parte dos pós-estruturalistas a verdade bíblica, por exemplo, foi criada por um grupo daquele contexto. Os grupos sociais constroem a sua “própria” verdade para servir seus interesses. Isto posto, aquilo que é verdadeiro para um grupo não é necessariamente verdadeiro para o outro grupo. E com isso, desconstrói valores até então vistos como absolutos ¹⁷⁵

Michael Foucault, um dos mais importantes teóricos pós-modernos, argumentou que todas as afirmações quanto à verdade são construídas para servir àqueles que estão no poder. Assim, o papel do intelectual consiste em desconstruir as afirmações quanto à verdade para libertar a sociedade.

Retornando a Manuel Castells, que diante da *Self Age* e constantes mudanças provocadas pela anulação dos absolutos sociais e morais, acaba prevendo o fortalecimento da afetividade e identidade primária, tais como: religião, etnia, territorial e nacional ¹⁷⁶

Os movimentos sociais tendem a ser fragmentados, locais, com o objetivo único e efêmeros, escolhidos em seus mundos interiores ou brilhando por apenas um instante em torno de um símbolo da mídia. Nesse mundo de mudanças confusas e incontroladas, as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais. O fundamentalismo religioso – cristão, islâmico, judeu, hindu e até budista – provavelmente é a maior força de segurança pessoal e mobilização coletiva nestes tempos conturbados. Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca da identidade, coletiva ou individual atribuída ou construída torna-se fonte básica de significado social. Essa tendência não é nova, uma vez que a identidade e, em especial, a identidade religiosa e étnica têm sido a base do significado desde os primórdios da sociedade humana. No entanto, a identidade está se tornando a principal, e às vezes, única fonte de significado em um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras. Cada vez mais, as pessoas organizam seu

¹⁷⁵ MOHLER JR. Richard Albert, 2011. p. 127

¹⁷⁶ CASTELLS, Manuel, 2021. p. 62-63

significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são. Enquanto isso, as redes globais de intercâmbios instrumentais conectam e desconectam indivíduos, grupos, regiões e até países, de acordo com sua pertinência na realização dos objetivos processados na rede, em um fluxo contínuo de decisões estratégicas. Segue-se uma divisão fundamental entre o instrumentalismo universal abstrato e as identidades particularistas historicamente enraizadas. Nossas sociedades estão cada vez mais estruturadas em uma posição bipolar entre a Rede e o Ser.

A medida que as identidades tornam mais peculiares são mais difíceis de compartilhar, sendo assim, ocasionam de certa forma “o fim da razão” como supedâneo social. Abrindo espaço para a individualização do comportamento como força motriz do imaginário. O mundo globalizado está se tornando um choque de inúmeros micro-cosmos.

Uma pequena digressão é necessária, ocorre atualmente uma renovação do conservadorismo entre os jovens e adolescentes como resposta ao relativismo criado na pós-modernidade, é quase uma espécie de “neo-fundamentalismo”, em que a rigidez se opõe a liquidez da contemporaneidade. Isso reforça o conflito ideológico presente na sociedade.

Aqui reside o ponto defendido por Castells, justamente, devido as mudanças incontroláveis da atualidade, as pessoas tendem a buscar fontes primárias de construção identitária, por exemplo, a religião, etnia e nacionalidade. Isso significa que a ascensão do conservadorismo é consequência da desenfreada pós-modernidade.

A cultura, a identidade, a economia, as ideologias, a família, a profissão, a religião e todos os demais círculos sociais precisarão abrir espaço para o questionamento. A liberdade proporcionada pelos afetos está gerando “desorientação social”, em que os indivíduos na ausência de pontos estruturantes estão adaptando-se em cada círculo que convivem.

Apesar de já ter sido tratado no capítulo anterior sobre *cibercultura* e seus princípios: interconexão, comunidades virtuais e inteligência coletiva ¹⁷⁷. Porém, Castells vai no cerne da questão ao apontar que as mudanças virtuais são consequência da mudança cultural, ao mesmo tempo, que as mudanças culturais são alteradas pela vida digital ¹⁷⁸

¹⁷⁷ Conceito de Pierre Levy já tratado no capítulo anterior.

¹⁷⁸ CASTELLS, Manuel, 2021. p. 80

Quando a Rede desliga o Ser, o Ser, individual ou coletivo, constrói seu significado sem referencia instrumental global: o processo de desconexão torna-se recíproco após a recusa, pelos excluídos, da lógica unilateral de dominação estrutural e exclusão social

Diante da nova sociedade criada pelo digital percebe-se mais claramente a ausência das narrativas (fator primordial da pós-modernidade). Entretanto, o que mais é evidenciado na contemporaneidade é a interpretação da narrativa ao bel-prazer do ator social. O hermenêuta agora tem liberdade de ler a história pelos óculos das suas idiossincrasias.

O abandono total do conceito de verdade objetiva, possivelmente, esteja atrelado a suspeição de interesses ocultos de algum grupo na história. A pós-modernidade revelou que a verdade objetiva (buscada na modernidade), na verdade, estava carregada de ideologia ¹⁷⁹.

A consequência dessa suspeita é formação do pluralismo, ou seja, para a contemporaneidade o conceito de verdade não é evidente ou acessível, porque verdade deve ser pensada dentro de um grupo social específico. Nada vai além de uma rede de crenças, desejos e emoções, não há um fundamento único concedido, mas uma mera construção por agentes sociais históricos. Como Michael Foucault disse: “o homem é apenas uma invenção recente, um personagem que ainda não tem dois séculos, um novo desdobramento de nosso conhecimento” ¹⁸⁰.

Ao estudar a pós-modernidade a sensação de desconforto, insegurança e questionamento é inevitável. Porém, o grande desafio da Igreja na vida hodierna é como demonstrar que a negação de metanarrativas, na verdade, esconde uma narrativa por detrás. Esse niilismo exuberante pregado nos “palcos públicos” não passa de um compromisso do coração, assim como qualquer outra visão de mundo.

Até mesmo a negação de valores absolutos parte de um pressuposto, afinal, todo silogismo recai em um conhecimento herdado ¹⁸¹

¹⁷⁹ GOHEEN, Michael W. e BARTHOLOMEW, Craig G, 2016. p. 166.

¹⁸⁰ FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: *uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 25

¹⁸¹ BAUCKHAM, Richard apud GOHEEN, Michael W. e BARTHOLOMEW, Craig G, 2016. p. 173

A suposta incredulidade para com as metanarrativas tem certa plausibilidade na sociedade ocidental contemporânea, mas pode desviar a atenção da poderosíssima grande narrativa do modernismo tardio do individualismo consumista e da globalização de livre mercado, a qual [...] enriquece os ricos e ao mesmo tempo deixa os pobres mais pobres e destrói o meio ambiente. Dessa forma, ela perpetua o tipo de opressão que as metanarrativas modernas de progresso sempre legitimaram

A pós-modernidade propaga o ideal de mundo globalizado que alimenta a cultura do consumo e subjetividade. Nesse contexto a Igreja como testemunha fiel vive na encruzilhada da fidelidade a Escritura e a narrativa cultural. Herman Dooyeweerd é profético em apontar ¹⁸²

O homem perdeu o verdadeiro autoconhecimento desde que perdeu o verdadeiro conhecimento de Deus. Todos os ídolos do ego humano, que o homem projetou em sua apostasia, se quebrem quando confrontados com a Palavra de Deus, que lhes desmascara a vaidade e o vazio. Somente esta Palavra, por meio de sua influência radical, pode gerar uma verdadeira reforma de nossa visão do homem e de nossa visão do mundo temporal

Ao enfrentar os compromissos do coração pós-moderno, é importante o verdadeiro apego ao Evangelho e ao Senhorio de Cristo sobre todas as esferas, de modo que assim a Igreja poderá dialogar diante das investidas da cultura.

4.2 A INEGABILIDADE DA COSMOVISÃO

Apesar do conceito de cosmovisão ser anacrônico, devido a não estruturação de outra terminologia que exprime ideia semelhante, será utilizado o termo “cosmovisão” para representar o caráter emocional dos *centennials*, haja vista que a definição de cosmovisão expõe o sentimento pré-teórico do ser humano.

O conceito de Cosmovisão foi inicialmente pensando por Immanuel Kant, em meados do Século XVII. Na obra “Crítica do Juízo” de 1790, aparece pela primeira vez a palavra *Weltanschauung* (cosmovisão) ¹⁸³. David Naugle afirma

¹⁸² DOOYEWEERD, Herman. No crepúsculo do pensamento ocidental: *estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico*. Brasília, DF: Monergismo, 2018. p. 244-245.

¹⁸³ NAUGLE, David K. *Cosmovisão: a história de um conceito*. Brasília, DF: Monergismo, 2017. p. 93.

que para Kant *Weltanschauung* (cosmovisão) significava “simplesmente a percepção do mundo pelos sentidos”¹⁸⁴.

Desde do esboço da ideia por Kant, o conceito de cosmovisão tem se tornado uma das principais concepções intelectuais da cultura e pensamento contemporâneo. A penetração dessa ideia/conceito no discurso demonstra amplitude de aplicação no cotidiano do ser humano.

Heber Campos Jr., expressa a influência da ideia de cosmovisão nos estudos humanos¹⁸⁵

[...] cosmovisão passou a nortear o raciocínio de diferentes segmentos da empreitada científica. Seja o “ethos” da sociologia, a “cultura” da antropologia, “ordem mundial” das ciências políticas, os “paradigmas” das ciências naturais, o “consciente coletivo da psicologia, todos esses termos refletem a consciência de uma cosmovisão em seu aspecto público, compartilhado”.

O que pode ser inferido é que “a mente não está passivamente recebendo impressões do mundo externo, mas ativamente constrói uma imagem do objeto de acordo com suas categorias *a priori*”¹⁸⁶. Toda experiência humana é moldada conforme o imaginário e cargas históricas do indivíduo.

De modo simplório, uma mulher usa óculos com a lente de cor verde, logo, tudo que ela enxergar será com a tonalidade de esverdeada. Por outro lado, outra mulher usa óculos com a lente vermelha, ou seja, tudo percebido será avermelhado. Mesmo que as duas mulheres estejam olhando para o mesmo objeto as impressões serão distintas, porque as lentes dos óculos são diferentes.

As pessoas moldam o mundo de acordo com suas idiossincrasias, sejam experiências de vida, cultura, laços familiares, sentimentos ou sensibilidade cognitiva. Entretanto, essa multiplicidade não é defendida por Kant, e sim por Wilhelm Dilthey.

Kant acreditava que uma cosmovisão poderia ser compartilhada por todos os seres humanos, porque todos utilizavam a razão, diante disso, é clara a influência iluminista no pensamento kantiano. Dilthey, em outra perspectiva, defendia que a cosmovisão surge a partir de diferentes circunstâncias históricas¹⁸⁷.

¹⁸⁴ NAUGLE, David K, 2017. p. 93

¹⁸⁵ CAMPOS JUNIOR, Heber Carlos de. *Amando a Deus no mundo: por uma cosmovisão reformada*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2019. p. 85

¹⁸⁶ CAMPOS JUNIOR, Heber Carlos de, 2019. p. 80

¹⁸⁷ GOHEEN, Michael W. e BARTHOLOMEW, Craig G., 2016. p. 38.

Ainda sobre forte ataque do racionalismo, provavelmente, James Orr foi o primeiro a dialogar sobre uma cosmovisão bíblica como principal meio de defesa da fé cristã. Obviamente, James Orr não vê com tamanha abrangência o conceito de cosmovisão, entretanto, é o início de uma utilização cristã do termo cosmovisão.

David Naugle afirma que James Orr via a fé cristã como um todo. Não seria meramente uma crença, mas um sistema de vida. A cosmovisão proposta por Orr é uma resposta ao racionalismo, que segundo o pensador cristão era a melhor defesa contra os espíritos da época ¹⁸⁸.

A oposição que o cristianismo encontra não está mais confinada a doutrinas especiais ou pontos de suposto conflito com as ciências naturais... mas se estende ao modo inteiro de conceber o mundo e o lugar do homem nele, ao modo de conceber o sistema total das coisas, naturais e morais, do qual fazemos parte. Não se trata mais de uma oposição acerca de detalhes, mas de princípios. Essa situação requer idêntica extensão na linha de defesa. É a visão cristã das coisas em geral que é atacada, e é por uma exposição e defesa da visão cristã das coisas como um todo que o ataque poderá se tornar mais bem-sucedido ¹⁸⁹.

Para James Orr o cristianismo deveria ser defendido, de tal forma que, a mentalidade daquela sociedade seria afetada. Não podendo apresentar o cristianismo de modo fragmentado, mas através da sistematização da visão cristã de Deus e do mundo ¹⁹⁰.

Para o caráter apologético James Orr baseia-se na pessoa de Jesus Cristo. A crença fiel na pessoa de Jesus Cristo transformaria a *Weltanschauung* (cosmovisão) do indivíduo, ou seja, uma visão de mundo inteira estava ligada a uma cristologia histórica ortodoxa ¹⁹¹

Aquele que todo o coração crê em Jesus Cristo como o Filho de Deus está, ato contínuo, comprometido com muitas outras coisas também. Está comprometido com uma visão de Deus, uma visão do homem, uma visão de pecado, uma visão de redenção e uma visão de destino humano que só são encontradas no cristianismo. Isso forma uma *Weltanschauung* ou visão cristã de mundo que está nítido contraste com as teorias desenvolvidas sob um ponto de vista puramente filosófico e científico.

¹⁸⁸ NAUGLE, David K, 2017. p. 33.

¹⁸⁹ ORR, James *apud* NAUGLE, David K, 2017. p. 33.

¹⁹⁰ NAUGLE, David K, 2017. p.34

¹⁹¹ NAUGLE, David K, 2017. p. 34

Após James Orr muitos outros pensadores cristãos observaram a cosmovisão em caráter mais apologético e missional, dentre eles: Gordon H. Clark, Carl F. Henry, Abraham Kuyper, Herman Dooyeweerd, Francis A. Schaeffer, Nancy Pearcey, além de vários outros.

Com o passar dos séculos o conceito de cosmovisão foi cada mais refinado e contemplado com outros desafios. A medida que novas fronteiras foram descobertas o conceito de cosmovisão foi ligeiramente afetado.

Para compreender a cosmovisão cristã é fundamental crer na revelação especial de Deus através da Escrituras Sagradas. Partindo desse supedâneo percebe-se que o cristianismo genuíno vai além de um relacionamento pessoal com Deus demonstrado através da fé e das obras. Vai além de um sistema doutrinário. O cristianismo genuíno é uma maneira de ver e encarnar toda a realidade.

Essa ideia abrangente de cristianismo é necessária, primeiramente, para dar sentido a vida das pessoas. Em segundo lugar, para a defesa da fé diante dos ataques da cultura e por último, como instrumento de evangelização. Comumente, essas três colunas norteiam o conceito de cosmovisão no mundo evangelical.

De acordo com Charles Colson e Nancy Pearcey no livro “O cristão na cultura de hoje”¹⁹²

Uma fraqueza debilitadora no “evangelicalismo” é que temos lutado contra o conflito cultural em todos os lados sem saber do que trata a guerra em si. Não identificamos as visões de mundo que residem na raiz do conflito cultural – e esta ignorância condensa nossos melhores esforços

Diante disso, buscar-se-á definir cosmovisão, e a primeira definição a ser destacada é dada por Ronald Nash¹⁹³

Uma cosmovisão é, portanto, um esquema conceitual que tem nossas crenças fundamentais (acerca de Deus, da metafísica, da

¹⁹² COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. O cristão na cultura de hoje: *desenvolvendo uma visão de mundo autenticamente cristã*. Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006. p. 10-11

¹⁹³ NASH, Ronald. Questões Últimas da Vida: *Uma Introdução à Filosofia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. p. 14.

epistemologia, da ética e da antropologia), sendo o meio pelo o qual nós interpretamos e julgamos a realidade

Ronald Nash apresenta a cosmovisão como um conjunto de crenças, isso traduz a dimensão religiosa do conceito. Logo, cosmovisão não pode ser vista como algo meramente intelectual e frio.

Brian Walsh e Richard Middleton no livro “Visão Transformadora” afirmam que ¹⁹⁴

[...] não são sistemas de pensamento, como teologias e filosofias. Pelo contrario, cosmovisões são estruturas perceptivas. São formas de se ver... uma cosmovisão nunca é meramente uma visão de vida. É sempre uma visão, também, para a vida... Uma cosmovisão, então, proporciona um modelo de mundo que direciona seus adeptos o mundo. Ela estipula como o mundo deve ser, e assim nos adverte a respeito do modo como seus partidários devem se conduzir no mundo.

O destaque de Walsh e Middleton está no fato de vaticinarem que cosmovisão não são teologias ou filosofias, justamente, porque nem sempre a teologia será usada como parâmetro normativo. Mas isso não significa que a teologia não tem lugar na formação de uma visão de mundo do individuo.

Albert Wolters, por sua vez, define cosmovisão como “a estrutura compreensiva da crença de uma pessoa sobre as coisas” ¹⁹⁵. Porém, ele acrescenta ¹⁹⁶

Cosmovisão é uma questão de experiência diária da humanidade, um componente inescapável de todo o saber humano e, como tal, é não científica ou preferivelmente (visto que o saber científico é sempre depende do saber intuitivo de nossa experiência diária pré-científica, em natureza. Ela pertence a uma ordem de cognição mais básica do que a ciência e a teoria. Assim como a estética pressupõe algum sentido inato de beleza e a teoria legal, uma noção fundamental de justiça, a teologia e a filosofia pressupõem uma perspectiva pré-teórica do mundo. elas fornecem uma elaboração científica da cosmovisão.

No conceito de Wolters é observado que a cosmovisão é algo prático, para ser usado mesmo que de modo imperceptível no cotidiano. Por exemplo, no exercício de uma atividade laboral ou na reação diante de um fato que causa

¹⁹⁴ WALSH, Brian e MIDDLETON, J. Richard. *A Visão Transformadora*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019. p.25.

¹⁹⁵ WOLTERS, Albert. *A Criação Restaurada: A base bíblica da Cosmovisão Reformada*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019. p. 14.

¹⁹⁶ WOLTERS, Albert, 2019. p.21

estranhamento. Outro ponto chave é “um componente inescapável de todo ser humano”, ou seja, ainda que uma pessoa nunca tenha ouvido falar sobre esse assunto ou nunca se atentado para essa definição, ela possui uma cosmovisão. Todos possuem uma cosmovisão mesmo que não saibam ou chamem por outro nome.

Michael Goheen e Craig Bartholomew definem ¹⁹⁷

Cosmovisão é uma anunciação das crenças básicas embutidas em uma grande narrativa compartilhada, as quais arraigadas em um compromisso de fé e dão forma e sentido à totalidade de nossa vida individual e coletiva.

Os autores apresentam a grande narrativa bíblica fundamentada no enredo Criação, Queda e Redenção (outros autores trazem a Consumação como quarto elemento). Destaca-se que ainda que aqueles que rejeitarem a metanarrativa bíblica não vivem sem uma cosmovisão, pelo contrário, eles se apegarão a outra metanarrativa. Afinal de contas, “até mesmo a concepção pós-moderna de que não existe uma grande narrativa é ela mesma um embuste de uma grande narrativa” ¹⁹⁸.

Outro ponto levantado na definição de Michael e Craig é o caráter coletivo da cosmovisão. O ser humano apesar de toda sua individualidade é um ser comunitário. A liberdade individual pregada no pensamento contemporâneo é compartilhada por milhões de pessoas em todo mundo, outrossim, toda cosmovisão possui conexão outras cosmovisões. Não existe uma cosmovisão completamente asceta ¹⁹⁹.

Por último e mais complexo, James Sire redefine cosmovisão depois de vários anos. A primeira definição dada pelo autor foi na obra “Universo ao Lado” de 1976, porém em 2004, no livro “Dando nome ao Elefante” Sire repensou o conceito ²⁰⁰

Uma cosmovisão é um comprometimento, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expressa como uma história ou conjunto de pressuposições (hipóteses que podem ser total ou parcialmente verdadeiras ou totalmente falsas), que detemos

¹⁹⁷ GOHEEN, Michael W. e BARTHLOMEW, Craig G., 2016. p. 52.

¹⁹⁸ GOHEEN, Michael W. e BARTHLOMEW, Craig G., 2016. p.53

¹⁹⁹ GOHEEN, Michael W. e BARTHLOMEW, Craig G., 2016. p. 53

²⁰⁰ SIRE, James. Dando nome ao Elefante: *cosmovisão como um conceito*. Brasília, DF: Monergismo, 2012. p. 179.

(consciente ou subconscientemente, consiste ou inconsistente) sobre a constituição básica da realidade e que fornece o alicerce sobre o qual vivemos, movemos e possuímos nosso ser

Dissecar a definição de James Sire é necessário para compreensão do assunto. Em primeiro lugar, o autor diz que é “um compromisso”. Isso significa que é mais que uma questão intelectual ou de linguagem, obviamente, esses elementos estão presentes. Esse compromisso significa “residir nos recônditos interiores do eu humano”²⁰¹. Seria uma espécie de disposição espiritual, é uma questão do coração.

Em segundo lugar, a expressão “orientação fundamental” significa dizer que a cosmovisão é pré-teórica, está abaixo da mente consciente. Ou seja, “ela direciona a mente consciente a partir de uma região normalmente não acessada pela mente consciente”²⁰². Existe uma disposição abaixo do nível da razão consciente que caracteriza o coração do indivíduo. Diante dessa disposição os hábitos, condutas e caráter da pessoa é formado.

Em terceiro lugar, a “constituição básica da realidade”. Para James Sire a cosmovisão está interessada com o modo que as coisas são. Isso significa que existe um compromisso ontológico²⁰³.

Em quarto e último lugar, o “fundamento no qual vivemos”. A cosmovisão forma o comportamento. Se uma cosmovisão não altera o comportamento do indivíduo, ela não é cosmovisão daquele indivíduo. Não é algo meramente intelectual, mas é um elo que deságua no cotidiano das pessoas (como já expresso por Albert Wolters).

A grande questão é como conciliar a cosmovisão cristã na pós-modernidade, visto que, ambas visões de mundo são antagônicas. É imprescindível que o cristianismo apresente uma resposta narrativa a desilusão pós-moderna.

Todas as teorias são profundamente influenciadas pelas tradições, valores e hábitos dos pensadores. A formação intelectual de qualquer indivíduo é arraigada na cosmovisão do mesmo, simplesmente, não existe a chamada

²⁰¹ SIRE, James, 2012. p.180

²⁰² SIRE, James, 2012. p.182

²⁰³ SIRE, James, 2012. p. 193

“neutralidade” por parte do pensador. O primeiro pressuposto da defesa contra a pós-modernidade é que todos estão condicionados a uma visão de mundo ²⁰⁴.

De fato à luz da nossa análise histórica, não restam dúvidas que o idealismo de Hegel, o teísmo de Kierkegaard, o historicismo de Dilthey, o ateísmo de Nietzsche, a fenomenologia de Husserl, o existencialismo de Jaspers, o ontologismo de Heidegger, o linguisticismo de Wittgenstein e o ceticismo dos pós-modernistas afetaram profundamente as hipóteses desses autores sobre “cosmovisão”.

Citando William V. Rowe, David Naugle dispõe sobre os “deuses” da pós-modernidade ²⁰⁵

Sendo constructos pessoais antiquados de culturas ou “eus” míopes, o status da “cosmovisão” se torna ainda mais questionável no contexto da pós-modernidade. As cosmovisões caem para assumir o status de uma história pessoal numa era caracterizada pela “incredulidade para com meta-narrativas”. uma “hermenêutica de suspeição” coloca todas as interpretações finais de mundo em xeque. A “morte do eu” elimina a confiança em qualquer sujeito humano para formar uma visão coerente da vida. Uma “metafísica da ausência” nega acesso à realidade e afirma que todos os sistemas de “verdade” são meramente socialmente construídos e epistemologicamente reificados. Uma “metafísica da violência” implica em qualquer visão da realidade que aspire à dominância cultural contém as sementes da opressão que não devem germinar. “Tolerância” é o valor mais elevado nesta era de pluralismo radical em que todas as perspectivas sobre a vida devem ser aceitas, a maioria das quais até sendo interessantes, mas nenhuma sendo verdadeira. Como meta-narrativas concorrentes, as cosmovisões são totalmente “desconstruídas” e consideradas agora micronarrativas privatizadas que possuem pouca, se mesmo alguma, autoridade pública

Como afirma Santo Agostinho é importante “apossar do ouro dos egípcios” e usá-lo com fins sagrados. Assim como qualquer área do conhecimento humano, é fundante para o futuro da Igreja reformar o conceito de cosmovisão. Após isso os ministros conseguiram fluir a apologética e missiologia da comunidade sagrada. Resultando, em uma visão de mundo que consiga responder as questões da sociedade hodierna.

O testemunho fiel da Igreja para a sociedade contemporânea consiste na abrangência da mensagem do Evangelho. As boas-novas de Cristo não podem ser um compartimento da vida humana, mas a verdade fundante da existência.

²⁰⁴ NAUGLE, David K, 2017. p. 328.

²⁰⁵ ROWE, William V. apud NAUGLE, David K., 2017. p. 330

O Evangelho não é um departamento dentro da espiritualidade da Geração Z, porém os *centennials* devem arraigar os departamentos de sua vida na pessoa e obra de Cristo Jesus. Talvez assim consigam respostas para suas arguições.

Um mecanismo muito útil para essa finalidade é a proposta de “Estrutura e Direção” de Albert Wolters. A intenção do autor não é transformar ou influenciar, mas propor um instrumento que coopere para uma cosmovisão cristã dialogal.

Albert Wolters, como já dito, parte do enredo bíblico da Criação, Queda e Redenção. O mundo criado por Deus é perfeitamente bom. A Queda (pecado) de Adão e Eva corrompeu criação de Deus, o pecado afetou todos os âmbitos criacionais (relação de Deus com a humanidade, relação da humanidade com seu semelhante e a humanidade com a Criação). Porém, apesar da Queda, Deus promete a Redenção através da semente da mulher, que desagua na Pessoa e Obra de Jesus Cristo. Agora em Cristo todas as coisas são reconciliadas e redimidas.

Partindo desse enredo, Wolters expõe o binômio “Estrutura e Direção”. A Estrutura “denota a essência de algo criado, o tipo de criatura que é pela virtude a lei criacional de Deus” ²⁰⁶. A Direção, por sua vez, se refere “[...] ao desvio pecaminoso dessa ordenança estrutural e conformidade renovada a ela em Cristo” ²⁰⁷. Em suma, uma cosmovisão bíblica segundo o autor colocará em destaque a criação (estrutura) e na antítese espiritual (direção), germinando em toda a Criação.

O binômio “Estrutura e Direção” deve ser visto como um caminho de discussão e investigação de acordo com a revelação do Criador a respeito de todas as coisas.

Ao moldar a visão da vida privada, pública, pessoal e cultural do indivíduo, todas as esferas humanas, por exemplo, a visão da Igreja, espiritualidade, casamento, família, profissão, Estado, escola, artes e ciências submeterão ao Senhorio de Cristo. Como diz Wolters “O que foi formado na criação tem sido historicamente deformado pelo pecado, deve ser reformado em Cristo” ²⁰⁸.

²⁰⁶ WOLTERS, Albert, 2019. p. 86.

²⁰⁷ WOLTERS, Albert, 2019. p. 86-87

²⁰⁸ WOLTERS, Albert, 2019. p. 90

Conclui-se que a cosmovisão é um sistema narrativo pelo o qual modela-se a variedade práticas humanas determinantes da vida. Ela cria e estabelece uma hermenêutica da realidade, em que todas as coisas são compreendidas e conhecidas. Como diz o sábio em Provérbios 4.23: “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida”. Nenhuma cosmovisão é pré-existente. Tudo é conhecido a partir de algum lugar e onde uma pessoa habita determinará as fontes da sua existência.

5 ESPIRITUALIDADE DIGITAL

O caráter missional da Igreja não pode ser esquecido (Mc 16.15), e o conflito entre várias cosmovisões é inevitável. Quando questões pré-teóricas são aventadas trabalhasse com estruturas existenciais. Francis Schaeffer escreve sobre esse desafio e embate ²⁰⁹

Cada geração cristã defronta com este problema de aprender como falar ao seu tempo de maneira comunicativa. É um problema que se não pode resolver sem uma compreensão da situação existencial, em constante mudança, com que se defronta. Para que consigamos comunicar a fé cristã de modo eficiente, portanto, temos que conhecer e entender as formas de pensamento de nossa geração. Diferirão elas ligeiramente de lugar para lugar, e em maior grau de nação para nação. Contudo, características há de uma época tal que vivemos que são as mesmas onde quer que nos achemos

Shaeffer escreveu isso no século passado e ainda faz sentido hoje. Duas coisas devem ser observadas. Primeiramente, a necessidade de diálogo com a cultura “falar ao seu tempo de maneira comunicativa”. Isso significa que a comunidade de fé não pode ser vista como um “clube para sócios”, ou melhor dizendo, um local de alienação cultural. A Igreja precisa anunciar de modo claro e eficiente “Aquele chamou-a das trevas para sua maravilhosa luz” (1Pe 2.9).

Em segundo lugar, a Igreja não pode depreender que todos possuem uma moralidade e pensamento semelhante ao dela “[...] Diferirão elas ligeiramente de lugar para lugar, e em maior grau de nação para nação”. A pregação deve apontar e falar de Cristo porque esse é o fio condutor de toda narrativa, entretanto, falar dos imperativos sem explicar os indicativos causa mais prejuízos do que benefícios.

²⁰⁹ SCHAEFFER, Francis. A morte da Razão. São José dos Campos, SP: ABU, 1993, 6º Ed. p. 5

5.1 A SOCIEDADE EM REDE E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS RELIGIOSOS

Inicialmente, a “Sociedade em Rede” carece de uma definição. Segundo o sociólogo espanhol, Manuel Castells, rede é “um conjunto de nós interconectados” ²¹⁰. Sendo que nó é espaço de entrecorte, ou seja, o nó é um ponto de intersecção. Logo, a sociedade em rede é conjunto de “nós” sociais promovidos pela tecnologia (o autor entende tecnologia como todo e qualquer avanço humano).

Redes são estruturas com potencial ilimitado de expansão e integração. A medida que novos “nós” são incluídos a rede aumenta. A dinâmica é simples quanto maior integração maior será a rede. Em nível mais profundo, as bases significativas da sociedade, como espaço e tempo, estão sendo modificadas e transformadas conforme o fluxo integrativo da vida em rede ²¹¹.

Castells expõe ²¹²

Cada vez mais, a nova ordem social, a sociedade em rede, parece uma metadesordem social para a maior parte das pessoas. Ou seja, uma sequência automática e aleatória de eventos, derivada da lógica incontrolável dos mercados, tecnologia, ordem geográfica ou determinação biológica

As redes constituem “a nova morfologia social” da sociedade hodierna e a difusão das redes altera substancialmente os processos da experiência, da autoridade e da cultura ²¹³.

A *internet* é a espinha dorsal da comunicação global ²¹⁴. Hoje existem milhões de usuários da *web*, de modo que, que a comunicação por outro meio se tornou inviável. Todo o espectro da comunicação foi afetado desde a política até a religião. Portanto, a sociedade em rede é espontânea, aparentemente não organizada, diversificada e aderente.

²¹⁰ CASTELLS, Manuel, 2021. p. 553.

²¹¹ CASTELLS, Manuel, 2021. p. 559.

²¹² CASTELLS, Manuel, 2021. p. 560

²¹³ CASTELLS, Manuel, 2021. p. 553.

²¹⁴ CASTELLS, Manuel, 2021. p. 430.

A proposição consolida-se como: quanto maior a diversidade de usuários, maior será a rede interativa proporcionada, resultando maior transformação cultural dentro e fora da *internet*.

Manuel Castells afirma que ²¹⁵

O preço a pagar por uma participação tão diversa e difundida é deixar que a comunicação espontânea, informal prospere simultaneamente. A comercialização do espaço cibernético estará mais próxima da experiência histórica das ruas comerciais emergente da palpitante cultura urbana que dos *shoppings centers* espalhados dos subúrbios anônimos.

A metáfora utilizada pelo autor revela a expectativa sobre a vida digital. Os *shoppings centers* são centros de compras como a própria tradução propõe, ou seja, em um ambiente a pessoa encontra tudo que procura em um espaço específico. Todavia, o ecossistema digital é mais semelhante a uma rua comercial, em que o indivíduo percorre longas distâncias e presencia inúmeras diversificações culturais. Não é ambiente distante e autocentrado, mas amplo e diverso.

O processo de formação e expansão da *internet* moldou a estrutura da comunicação, a cultura de seus usuários e os padrões de relacionamento. O ambiente digital esforça-se continuamente para melhorar a produtividade de cooperação tecnológica.

Vale salientar que essa transformação social não é unilateral. Isso significa que a medida que sociedade interage com o ambiente digital ambos são modificados. Seria mais apropriado dizer que ocorre uma espécie de “simbiose”.

A interatividade é fundamental para vida em rede. Um dos principais avanços proporcionados pela *web* é a interação global, uma nova forma de sociabilidade é germinada através da tecnologia.

Sherry Turkle, autora de livros sobre a tecnologia da informação e suas consequências sociais, afirma que há uma confusão identitária entre os usuários gerando uma sensação de alívio e autoexpressão ²¹⁶

²¹⁵ CASTELLS, Manuel, 2021. p 438.

²¹⁶ TURKLE, Sherry apud CASTELLS, Manuel, 2021. p. 441

[...] Quem vive vidas paralelas na tela está, não obstante ligado pelos desejos, pela dor e pela moralidade de suas personalidades físicas. As comunidades virtuais oferecem um contexto novo e impressionante, no qual pensar sobre a identidade humana na era da internet

Por outro lado, Barry Wellman afirma que as comunidades virtuais não precisam estar em oposição as comunidades reais, porque são formas de comunidade com dinâmicas e leis distintas. Podendo o indivíduo existir *offline* independentemente da vida *online* ²¹⁷.

A sociedade em rede favorece a criação de laços sociais frágeis e múltiplos. Ao mesmo tempo que as pessoas tem milhões de seguidores, caso haja um “cancelamento” esse quantitativo desaparece em questão de minutos. Da mesma forma que há conexão imediata, há a desconexão instantânea.

Os *centennials* expandiram os horizontes da sociabilidade conhecida até então. A *internet* contribuiu para rápida individualização e ruptura cívica. As pessoas dentro ecossistema digital são mais sinceras e desinibidas, porém são altamente distantes emocionalmente.

As comunidades na rede não são simplesmente fictícias ou irreais. São comunidades com comunicação e interação diferentes, justamente, devido a inexistência do contato físico. Porém, existe a interpessoalidade, na maioria das vezes, com laços afetivos frágeis e diversificados, mas com capacidade de reciprocidade ²¹⁸.

A estruturação de várias formas de expressões culturais no sistema de comunicação integrado tem consequências na formação de processos sociais. O que acontece do outro lado da tela do celular afeta diretamente as pessoas.

Por esse motivo os símbolos tradicionais de formação da personalidade como religião, moralidade, autoridade e valores estão enfraquecidos diante da vida na rede. Tem sido demonstrado que a alternativa para esse degrading das antigas estruturas é a adaptação aos novos meios de comunicação e interação.

Entretanto, a crescente racionalização do Ocidente nos séculos passados levaram o homem e a mulher ocidentais à intelectualização, por fim um verdadeiro abandono de aspectos sobrenaturais. Max Weber na famosa obra

²¹⁷ WELLMAN, Barry apud Castells, Manuel. 2021. p. 441.

²¹⁸ CASTELLS, Manuel, 2021. p. 443

“Ética protestante e o espírito do capitalismo” trata com péssimo a espiritualidade das futuras gerações ²¹⁹

Ninguém sabe quem viverá, no futuro, nesta prisão ou se, no final deste tremendo desenvolvimento surgirão profetas inteiramente novos, ou se haverá m grande ressurgimento de velhas ideias e ideias, ou se, no lugar de tudo, uma petrificação mecanizada ornamentada com um tipo de convulsiva autossignificância. Neste último estágio de desenvolvimento cultural, seus integrantes poderão de fato ser chamados de “especialista sem espírito, sensualistas sem coração”; nulidades que imaginam ter atingido um nível de civilização nunca antes alcançado.

Na Geração Z, por óbvio, na contemporaneidade a percepção religiosa foi completamente transformada. Devido a sociedade em rede e desconstrução pós-moderna. Os vínculos religiosos passaram por um processo de reconfiguração. Com a crescente influência da globalização, do pluralismo cultural e da diversidade religiosa, as pessoas estão cada vez mais expostas a diferentes crenças e práticas religiosas.

Por um lado, isso pode levar a um enfraquecimento dos vínculos religiosos tradicionais, especialmente em sociedades ocidentais, onde a secularização tem sido uma tendência dominante nas últimas décadas. Muitos indivíduos se afastaram das tradições religiosas de seus pais e avós, adotando um estilo de vida mais “secular” e menos preocupado com a religião.

Em contrapartida, o pluralismo religioso também pode levar a uma maior diversidade de vínculos religiosos, com indivíduos que procuram novas formas de conexão espiritual e religiosa que melhor se adequem às suas necessidades e perspectivas individuais. Isso pode incluir a busca por formas mais inclusivas e progressistas de religião, bem como a exploração de práticas religiosas menos convencionais, como o esoterismo e zen-budismo.

Além disso, a crescente conectividade global proporcionada pela tecnologia também pode permitir novas formas de conexão religiosa, como comunidades virtuais e a possibilidade de acessar recursos e práticas religiosas de todo o mundo.

²¹⁹ WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 86

O espaço anteriormente considerado como encontro com o sagrado foi reconfigurado com a tecnologia. Isso foi demonstrado na pandemia de Covid-19.

Durante o período de *lockdown* as reuniões e cultos religiosos ocorreram *online*. O pregador pregava da sala de sua casa ou ficava falando a uma enormidade de bancos vazios na igreja. Diante dessa nova expressão de culto, muitos abandonaram o costume de ir a paróquia ou ao templo religioso.

Obviamente, a religião não desapareceu na sociedade em rede ou no mundo pós-pandêmico. Porém, no presente momento percebe-se a tentativa de abrir os horizontes para novas espiritualidades.²²⁰

O elogio às relações virtuais, que é parte do projeto de desmaterialização do mundo, levou ao triunfo da crença de que se pode prescindir das condições concretas da vida, e isso acarretou, de certo modo, a crescente destruição das comunidades de origem e das relações *religare* que nelas se estabeleciam. Em seu lugar, entra o sonho de encontrar nas medições novas formas de religião [...]

Os meios eletrônicos de comunicação e formação social tornaram-se condição fundamental da existência e manutenção das atividades religiosas da sociedade atual.

Os meios de comunicação eletrônicos interativos revelam o caráter peregrinatório do ser humano. Os deslocamentos virtuais (assistir sequencialmente várias pregações ou cânticos na *internet*) são a exposição do espírito inquieto da sociedade em rede que imbrica na expressão de fé das pessoas.

O ambiente virtual não é mais um mero espaço ou instrumento de comunicação, mas um novo contexto existencial. A *cibercultura* determina o pensamento, cria novos territórios, novas formas de educação, novos meios de relacionamento, de certo modo, reorienta o mundo em todas suas facetas. A vida digital não é mais separada da vida física, devido o avanço tecnológico houve uma simbiose, em que *offline* e *online* não existem mais.

²²⁰ MIKLOS, Jorge. *Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2012. p. 27.

Quem coopera para a compreensão desse fenômeno é Stewart Hoover, segundo o autor a relação entre a fé e a vida midiática tem resultado em uma espiritualidade sem paradigmas tradicionais.²²¹

Entretanto, hoje, as forças poderosas da mediação tornam tais projetos cada vez mais problemáticos. A centralidade da esfera midiática em relação às identidades religiosas é um fato social que deve ser considerado. Muitas pessoas hoje não distinguem entre a sua fé e as suas vidas midiáticas, pelo menos não de qualquer forma que afete seus comportamentos midiáticos. Ao contrário: as mídias hoje oferecem o contexto para a participação em culturas em comum em nível local, nacional e até mesmo global, de ideias compartilhadas, símbolos, questões e valores. As pessoas querem fazer parte daquela conversação cultural comum; desejam participar de interações no trabalho, em suas vizinhanças, em suas famílias, até mesmo nas igrejas, mesquitas ou templos, que sejam sobre os problemas, as questões e as experiências que são compartilhadas em comum, isto é, por meio das mídias. O conhecimento do que está acontecendo na cultura em comum se torna um tipo de moeda de troca que define identidades na vida contemporânea.

O padre jesuíta Antonio Spadaro também enxerga do mesmo modo ao afirmar que:²²²

Na verdade um dos maiores desafios, especialmente para os que não são “nativos digitais”, é aquele de não enxergar na rede uma realidade paralela, isto é, separada em relação à vida de todo o dia, mas um espaço antropológico interconectado na fonte com os outros espaços da nossa vida. Em vez de nos fazer sair de nosso mundo para singrar para o mundo virtual, a tecnologia fez entrar o mundo digital dentro do nosso mundo ordinário. As mídias digitais não são portas de saída da realidade, mas “alongadas” extensões capazes de enriquecer a nossa capacidade de viver as relações e trocar informações.

A rede é necessariamente uma realidade que influi na capacidade de compreensão da realidade da pessoa, portanto, da fé e o modo de como vivê-la. A vida digital proporcionada pela tecnologia está alterando a finalidade do cristianismo. O apelo comunitário das Escrituras está desvanecendo em meio as demandas da *web*.

Spadaro continua essa análise propondo que a rede não é um novo meio de evangelização, mas “um contexto no qual a fé é chamada a se exprimir não

²²¹ HOOVER, Stewart. *Mídia e religião: premissas e implicações para os campos acadêmico e midiático*. C&S – São Bernardo do Campo, v. 35, n. 2, p. 41-68, jan./jun. 2014. pdf. p. 57

²²² SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: pensar cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 18

por uma mera vontade de presença, mas por uma conaturalidade do cristianismo com a vida dos homens”²²³.

Nos dias atuais é fundamental pensar a espiritualidade manifesta na e através da *internet*, bem como suas representações sobre o sagrado. Por esse motivo, o autor propõe o estudo da ciberteologia, que é definida como: “a inteligência da fé em tempos de rede, isto é, a reflexão sobre a “pensabilidade” da fé à luz da lógica da rede”²²⁴.

A rede contribui para a construção da identidade religiosa das pessoas nos Séc. XXI. Portanto, a ciberteologia não é uma reflexão sobre a religiosidade na *internet*, mas o “resultado da fé que libera de si mesma um impulso cognitivo num tempo em que a lógica da rede assinala o modo de pensar, conhecer, comunicar, viver”²²⁵.

Em contrapartida, o autor Jorge Miklos faz uma séria crítica a nova espiritualidade digital²²⁶

Sem o lugar da imanência, abolido pela ciber-religião, a experiência religiosa converte-se em consumo e não resulta em transcendência, mas apenas em consumo de imagens [...]. A ciber-religião sacrifica, silenciosamente, o *religare*, a transcendência e o humano que há em todos os que buscam o encontro com o sentido maior [...]. A ciber-religião fundada na comunicação à distancia aboliu o corpo físico e o espaço material, promovendo a desmaterialização e o sacrifício do corpo. Sai o corpo entra a imagem que é devorada e, simultaneamente, devora seus interlocutores

Apesar do avanço tecnológico e facilitação através da rede de computadores, as pessoas vivem uma incomunicação pessoal e religiosa. A esfera comunitária da espiritualidade vive uma verdadeira desconexão, não somente o homem e a mulher com seu próximo, mas a pessoa com as instituições religiosas tradicionais experimenta o *status offline*. E isso, está claro entre os *centennials*.

²²³ SPADORO, Antonio, 2012. p. 25

²²⁴ SPADORO, Antonio, 2012. p. 40

²²⁵ SPADORO, Antonio, 2012. p.41

²²⁶ MIKLOS, Jorge, 2012. p. 146, 149.

5.2 ESPIRITUALIDADE DIGITAL

Para fins de entendimento, o termo espiritualidade será pensado a partir do prisma cristão.

Francis Shaeffer, em seu livro “Espiritualidade Verdadeira”, faz um comentário sobre a Epístola de Paulo aos Romanos. O autor reformado propõe uma definição mais dogmática e afirma que a verdadeira espiritualidade é marcada pela “passividade ativa progressiva”.

Esses três termos são importantes para delimitar uma espiritualidade cristã, que servirá de paradigma para a espiritualidade dos *centennials*. A passividade está ligada a esperar nas promessas divinas, não uma espera ociosa, mas um esperar de esperar. A passividade, por outro lado, está vinculada ao reconhecimento da pecaminosidade do ser humano e o apossar da graça salvadora de Cristo, juntamente, com os efeitos da obra redentora da cruz. A progressividade está voltada para a vida cristã desfrutada de “momento a momento”, de modo que, cada circunstância do dia deve ser abastecida pela comunhão pessoal com Deus ²²⁷.

Nas palavras do próprio Schaeffer ²²⁸

[...] é óbvio que não existe solução mecânica para a verdadeira espiritualidade ou à verdadeira vida cristã. Qualquer coisa que tenha a marca de ser mecânico é um erro [...] Porque o fato é que a vida cristã, a verdadeira espiritualidade, nunca poderá ter uma solução mecânica. A solução verdadeira é ser lançado ao alto para a comunhão de momento em momento, a comunhão pessoa com o próprio Deus, e deixar a verdade de Cristo fluir por meio de mim pela ação do Espírito Santo.

É indubitável que a verdadeira espiritualidade cristã está vinculada a um relacionamento pessoal com Deus por meio do Espírito Santo. A espiritualidade é dinâmica, portanto, não está ataviada com dogmas, mas é desfrutada por meio de relacionamento. Porém, isso não significa que o relacionamento pessoal com Deus invalide a comunhão cristã dentro do corpo de Cristo e a obediência aos seus mandamentos.

²²⁷ FRANCIS, Shaeffer. A verdadeira espiritualidade. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. p. 118-124.

²²⁸ FRANCIS, Shaeffer, 2008. p. 124

Esse aspecto relacional da pessoa com o divino é percebido por André Droogers ao afirmar que “para praticar espiritualidade teríamos que praticá-la em vez de discursar sobre ela” ²²⁹, justamente, porque “Teremos que estar conscientes da impossibilidade de darmos uma definição perfeita de espiritualidade, pois o caráter existencial do fenômeno ultrapassa os limites de uma abordagem racional” ²³⁰.

Com o auxílio de Hermann Brandt o autor ainda vaticina o caráter comunitário da fé: “Espiritualidade tem a ver com a pessoa toda e a vida toda. Isso exclui também uma espiritualidade individualista, pois o homem é um ser social” ²³¹.

André Droogers conclui o artigo propondo uma definição de espiritualidade ²³²

[...] a espiritualidade é o processo de produção simbólica pelo qual a pessoa e o grupo religioso se comprometem numa relação existencial com uma realidade sagrada e, como consequência disso, com outras pessoas e outros grupos de pessoas. Espiritualidade é a vivência de um relacionamento inspirado pela religião

Logo, a espiritualidade deve ser pensada a partir daquilo que se ouve; daquilo que se fala; daquilo que se experimenta. A visão de mundo precisa ser moldada sob a espiritualidade do indivíduo, sendo que essa espiritualidade não é racionalista, e sim experiencial, ou seja, experimentada através dos sentidos, bem como, vivencial, portanto, desfrutada por meio de uma fé caminhante.

Diante disso, torna-se possível dialogar sobre a espiritualidade da geração *pós-millennials*.

Em caráter introdutório, os *centennials*, também conhecidos como Geração Z, são a geração nascida entre meados dos anos 1997 e meados dos anos 2010. Como geração, eles possuem características e valores únicos, incluindo à espiritualidade.

²²⁹ BOBSIN, Oneide; SILVA, Marcelo Ramos Saldanha (Orgs.). *Ciência da Religião: Uma hóspede impertinente*. DROOGERS, André. *Espiritualidade: O problema da definição*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2020. p. 43.

²³⁰ DROOGERS, André, 2020. p. 45.

²³¹ DROOGERS, André, 2020. p. 54.

²³² DROOGERS, André, 2020. p. 61.

Em termos gerais, a espiritualidade dos *centennials* tende a ser menos ligada a religião institucionalizada comparando-a às gerações anteriores. Muitos *centennials* se consideram espirituais, mas não religiosos. Eles podem acreditar em uma divindade, forças transcendentais, energias cósmicas ou alguma forma de conexão com o universo, mas preferem buscar essas experiências fora das estruturas organizadas das religiões.

Além disso, muitos *centennials* valorizam a autonomia e a individualidade da sua espiritualidade. A geração *pós-millennials* tende a vivenciar um tipo de abordagem personalizada e única para suas crenças e práticas espirituais. Em vez de seguir uma religião estabelecida ou uma comunidade espiritual específica, eles procuram criar sua própria jornada espiritual, sem uma espécie de sacerdócio ou liderança.

O professor Stewart M. Hoover faz um diagnóstico profundo dessa nova expressão de fé vivenciada nos dias atuais.²³³

Pessoas estão cada vez mais desconfortáveis em se identificar com “religião” – o que definem como um pacote que combina autoridade institucional e clerical – e mais confortáveis com “espiritualidade”, que para elas representa puro significado e prática não diluídos por essa associação com ideias e histórias recebidas e determinantes. Essas “espiritualidades” emergentes buscam símbolos e outros recursos fora das fronteiras de religiões e tradições específicas, procurando criar algo novo, sintético e significativo que funcione para elas. Enquanto alguns desses recursos necessariamente vêm de religiões históricas, é a aquisição e a combinação deles (a “busca”, como é frequentemente descrita) em formas singulares singularmente significativas a tarefa do ser individual autônomo.

Os *centennials* também se inclinam a ser mais inclusivos em relação à diversidade espiritual. Eles são mais propensos a valorizar e respeitar as crenças e práticas de outras pessoas, mesmo que sejam diferentes das suas próprias. A Geração Z valoriza a diversidade como fonte de riqueza cultural e espiritual.

Em suma, a espiritualidade dos *centennials* é caracterizada pela predisposição na valorização da individualidade, autonomia e diversidade espiritual, ao invés de seguir uma religião organizada, institucionalizada ou dogmática.

²³³ HOOVER, Stewart, 2014. p. 50

A psicóloga Jean M. Twenge coopera para entender essa nova dinâmica. Não só os *centennials*, mas o *millennials* são menos religiosos do que as gerações Baby Boomer e Geração X. Baseada em dados, a autora afirma que os *millennials* são menos propensos a frequentar cultos do que as gerações anteriores²³⁴. Por terem pais menos religiosos, inevitavelmente, os *centennials* são ainda menos religiosos que seus antecessores.

A pesquisadora norte-americana fundamenta a espiritualidade dos *centennials* em três pilares: religião mais privada; abertura a novas religiões; religião menos dogmática.

Apesar da secularização da fé em todo mundo, a religião para os *centennials* toma proporções jamais vistas na história. A espiritualidade não é mais privada e individual, na verdade, ela é menos importante para a construção da identidade²³⁵

O declínio nas crenças religiosas privadas significa que a rejeição à religião por parte de gerações mais jovens não tem a ver apenas com a desconfiança em instituições; um número crescente desses jovens está se desligando totalmente da religião, tanto em casa quanto em seus corações.

A autora finaliza afirmando o desinteresse religioso da Geração Z²³⁶

A maioria dos *centennials* ainda participa de um modo na religião. Mas agora há um segmento relativamente grande de descrentes totalmente seculares que jamais frequenta cultos religiosos, não reza e não crê em Deus.

Quem previu esse fenômeno foi o filósofo canadense Charles Taylor em seu tratado “Uma era Secular”. Taylor diferencia Sociedade Secular, Pessoa Secular e “Era Secular”²³⁷.

A Sociedade Secular, argumenta Taylor, é a separação entre a religião e o Estado. Em uma Sociedade Secular, as instituições e as estruturas políticas são desvinculadas de qualquer religião específica. A vida e o poder são compartilhados entre religiosos e não-religiosos.

²³⁴ TWENGE, Jean M., 2018. p. 146

²³⁵ TWENGE, Jean M., 2018. p. 149

²³⁶ TWENGE, Jean M., 2018. p. 151

²³⁷ TAYLOR, Charles. Uma era Secular. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2010. p. 15-37.

Porém, o secularismo não é apenas uma separação entre religião e Estado, mas também uma transformação profunda da maneira como as pessoas entendem sua identidade, sua relação com a sociedade e seu lugar no universo.

A Pessoa Secular é aquela pessoa que não crê em Deus ou na existência de um domínio transcendente. As verdades morais que outrora eram encontrados na religião, agora são encontrados nos “valores” deste mundo (cientificismo). Taylor denomina essa realidade como “humanismo autossuficiente”²³⁸.

Por fim, a “Era Secular” é aquela em que toda realidade recai sobre o “aqui e o agora”, sem que haja qualquer concepção de eternidade. O sentido da vida e felicidade são buscados na prosperidade econômica, conforto material e realização emocional²³⁹.

Uma Era Secular é aquela na qual o eclipse de todas as metas que vão além do florescimento humano se torna concebível, ou melhor, enquadra-se na variedade de uma vida inimaginável para a multidão de pessoas.

Nas sociedades religiosas a fé era presumida. De modo que, a vida religiosa não era facultativa. Na cultura contemporânea, a religião tornou-se eletiva, podendo o indivíduo ser inserido em novo vínculo religioso ou abandonado a fé dos seus pais.

A secularização não significa simplesmente a diminuição da religiosidade ou a ausência de crenças religiosas, mas uma transformação na forma de relacionamento com a religião.

No mundo pré-moderno, a religião era uma parte integrante da vida cotidiana e da identidade das pessoas. Na era moderna, no entanto, as pessoas começaram questionar e desafiar a autoridade da religião, além de buscar outras fontes de significado e orientação. Na pós-modernidade, por outro lado, a religião não passa de um mero acessório identitário, sendo que sua principal função é a provisão terapêutica.

Taylor, então, propõe uma abordagem que ele chama de "nova era de busca espiritual". Nessa abordagem, as pessoas são encorajadas a explorar

²³⁸ TAYLOR, Charles, 2010. p. 34.

²³⁹ TAYLOR, Charles, 2010. p. 34

uma ampla gama de tradições espirituais e filosóficas, a fim de encontrar um sentido ou conexão com o mundo e com as pessoas. O pensador canadense, ainda argumenta que essa abordagem pode ser mais inclusiva e mais satisfatória do que as religiões tradicionais, que muitas vezes são baseadas em doutrinas rígidas e em exclusões.

Obstante, o autor, reconhece que a secularização pode levar a uma perda de sentido e significado, todavia, expõe uma abordagem mais aberta e exploratória para encontrar esses valores.

A individualidade marcante da espiritualidade hodierna é consequência da enorme influência digital, como já exposto nessa dissertação, a tecnologia tem transformado a sociedade em micro-cosmos individuais. Quanto mais vinculado as redes sociais, normalmente, maior será a busca pela autonomia do ser em relação ao todo.

A ampla gama de possibilidades religiosas encontradas na *internet* é um veículo dessa migração religiosa vista em todo o globo terrestre. As religiões estão cada vez mais fundadas nos desejos da pessoa. Como James K. A Smith ventila: “Eu desejo algo e o desejo acima de tudo. São meus desejos que me definem. Em resumo, você é aquilo que ama”²⁴⁰.

Jean M. Twenge afirma que os *centennials* são “espirituais, mas não religiosos”. Apesar do desligamento da religião institucionalizada a vida espiritual é profunda e dinâmica²⁴¹. Uma nova forma de pensar a fé está desabrochando.

A socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger propõe seis complexidades do cristianismo para os dias atuais.

A primeira é denominada de cristianismo afetivo, que seria a “reação pela intensificação emocional do sentimento de pertença comunitária”²⁴². Essa imagem pode ser facilmente vista nos ajuntamentos de jovens nas conferências e congressos denominacionais. Durante os dias de evento os participantes sentem-se pertencentes ao grupo e creem na capacidade de causar mudanças sociais através da relevância de sua fé. Porém, ao fim dos dias de ajuntamento essa chama se esvai rapidamente.

²⁴⁰ SMITH, James K. A. *Você é aquilo que ama: o poder espiritual do hábito*. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 29

²⁴¹ TWENGE, Jean M., 2018. p.152

²⁴² HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O convertido e o peregrino: a religião em movimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 76

A segunda complexidade é o cristianismo patrimonial. Que se cristaliza através de maior radicalização, em que “conjuga a consciência de pertença comunitária e a possessão de uma herança cultural que estabelece separação entre os herdeiros e os demais”²⁴³.

A terceira expressão é o cristianismo humanitário. A formação dessa realidade religiosa está presente devido união da dimensão emocional e a ética. O cristianismo humanitário é uma resposta a injustiça social que convida as pessoas a desenvolverem uma caridade prática²⁴⁴. Um ponto levantado por Danièle é a não confessionalidade desse grupo, ou seja, são cristãos, mas não vinculados a uma confissão de fé propriamente dita.

A quarta forma de manifestação é uma “evolução” do cristianismo humanitário. É a chamado cristianismo político. Essa expressão religiosa é marcada pela intervenção ativa da comunidade na esfera pública em favor da defesa, promoção e realização de valores daquele grupo. O grande perigo é quando a pauta comunitária é oposta a comunidade da fé²⁴⁵.

A quinta forma de identificação é o cristianismo humanista (humanismo de substrato cristão). Essa construção identitária coloca a cultura acima da confessionalidade. De acordo com a autora, as crenças basilares do cristianismo (p.ex Deus, pecado, salvação, divindade de Jesus) são relativizadas e até completamente suprimidas. A dimensão religiosa ou pertencimento a uma comunidade de fé corrobora para nada além da moralidade do indivíduo²⁴⁶.

A última modalidade identificação é formada através da dimensão cultural e emocional, intitulado de cristianismo estético, que seria a atração pelos monumentos históricos e cultura por detrás daquela arquitetura, levando a juventude a percorrer o universo simbólico da fé²⁴⁷.

A intenção da autora não é formalizar essas identidades, de modo que as expressões religiosas da comunidade jovem sejam definitivas, justamente, porque a religiosidade contemporânea está em constante movimento.

A espiritualidade sem religião já tem alcançado o Brasil. O país vivencia um fenômeno jamais visto na história da nação. Se não bastasse a preocupante

²⁴³ HERVIEU-LÉGER. Danièle, 2015. p. 76

²⁴⁴ HERVIEU-LÉGER. Danièle, 2015. p. 77

²⁴⁵ HERVIEU-LÉGER. Danièle, 2015. p. 78

²⁴⁶ HERVIEU-LÉGER. Danièle, 2015. p. 79

²⁴⁷ HERVIEU-LÉGER. Danièle, 2015. p. 79

criação do fenômeno “evangélico não-praticante”, o real problema consiste no aumento desse número.

O portal de notícias “Guiame” com fontes da Revista “Isto É” no ano de 2017, chancela esse crescimento de evangélicos não-praticantes. A reportagem diz que “os evangélicos que já nasceram na fé e que não permaneceram com vínculos a crença saltaram, em seis anos, de 0,7% para 2,9%. Transformando isso em números mais concretos temos cerca de 4 milhões de brasileiros nessa condição”²⁴⁸.

David Kinnaman e Gabe Lyons revelam outra faceta desse desânimo com a religião. De acordo com dados do Instituto Barna, os autores demonstram que o cristianismo e o termo “evangélico” estão em descrédito²⁴⁹

Existem aproximadamente 24 milhões de observadores externos entre 16 e 29 anos, nos Estados Unidos. Destes, quase 7 milhões têm impressão negativa dos evangélicos; outros 7 milhões dizem não ter nenhuma opinião a respeito deles; e 10 milhões nunca ouvirão o termo “evangélico”. Com isso, menos de meio milhão de observadores externos jovens – de um total de 24 milhões – veem os evangélicos sob uma luz positiva

O principal motivo elencado para essa oposição aos cristãos é a “arrogância”, em outras palavras o modo de viver dos crentes. A visão de mundo cristã está em claro confronto com os padrões de vida contemporâneos, esse fato causa um senso de presunção aos não-crentes²⁵⁰.

As pessoas não-cristãs acreditam que os cristãos não gostam delas devido as práticas, aparência e crenças que possuem. Os observadores sentem-se diminuídos e até demonizados. Essa é a impressão dos *centennials* sobre os religiosos, precisamente, é a forma como os evangélicos são vistos.

Os pesquisadores David e Gabe observam seis objeções levantados pelos observadores externos: hipocrisia, inconvenientes (focados em converter

²⁴⁸ Portal Guiame. Brasil tem mais de 4 milhões de ‘evangélicos não praticantes’, segundo pesquisa. Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/brasil-tem-mais-de-4-milhoes-de-evangelicos-nao-praticantes-segundo-pesquisa.html>. Acesso em: 21 de fev. 2023.

²⁴⁹ KINNAMAN, David; LYONS, Gabe. *Descrente: o que a nova geração pensa sobre o cristianismo e por que isso é importante*. Pompeia: Universidade da Família, 2012. p. 28.

²⁵⁰ KINNAMAN, David; LYONS, Gabe, 2012. p.29

peçoas), anti-homossexuais, fechados (percepção da realidade de modo simplista), políticos (conservadores) e julgadores²⁵¹.

Infelizmente, muitos *centennials* renegam a fé em Jesus, afirmando que a vida cristã é simplista e restrita para os problemas contemporâneos, ou seja, não veem a vida cristã de modo holístico, mas meramente moralista e conservador.

A religião institucionalizada não tem mais hegemonia na formação da ética e cultura da Geração Z, o cotidiano das pessoas não é mais regulado pela esfera do “crer”.

Onde antes os modelos institucionais da religião dominavam, agora há coisas que substituem a “igreja”. Isto não significa, necessariamente, menos religião, mas um re-alocamento do religioso, sua recolocação de forma diferente na contemporaneidade.

O individualismo fomentado pelo *smartphone* e outras ferramentas digitais formou o que os autores Christian Smith e Melinda Denton denominaram de “deísmo terapêutico moralista”²⁵².

Em termos introdutórios, o deísmo se baseia na crença em um Deus que criou o universo, mas que não está ativamente envolvido em suas atividades cotidianas ou na vida humana. Em outras palavras, entende-se de modo mais amplo, que os deístas acreditam em um Deus que é visto como um criador, porém distante e impessoal, em vez de um Ser pessoal que intervém na vida dos indivíduos.

O terapêutico está vinculado com a “sociedade terapêutica”, trata-se de definição usada para descrever uma sociedade em que a busca pela felicidade pessoal, pelo bem-estar emocional e pela saúde mental é considerada prioridade central.

Obviamente, a sociedade carece de preocupação e cuidado com as emoções, principalmente, entender o sofrimento, não parametrizar o sofrimento alheio e aceitar a pedagogia do lamento.

Entretanto, o sobejar do terapêutico pode promover a ideia de que a felicidade e o bem-estar emocional são objetivos individuais a serem alcançados

²⁵¹ KINNAMAN, David; LYONS, Gabe, 2012. p. 32-33

²⁵² SMITH, Christian & DENTON, Melinda Lundquist. *Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers*. Londres: Oxford University Press, 2009.

a todo custo, em vez de valores sociais mais amplos, como a justiça e a solidariedade.

O moralismo, por sua vez, está mais ligado a meritocracia religiosa. Diante de uma perspectiva positiva que incentiva os indivíduos agirem de acordo com seus valores, princípios pessoais e fazerem escolhas morais que são benéficas para si e para a sociedade. O moralismo pode ser força motivadora para a ação, levando pessoas a promoverem o bem comum.

Todavia, é importante notar que tanto o deísmo, quanto o terapêutico, como o moralista são ressignificações subjetivas da espiritualidade tradicional.

A psicóloga Jean M. Twenge traça um paralelo entre a religião e a cultura do individualismo, fomentada pela literatura, redes sociais e mídia. A conclusão que ela chega é: “O aumento desses fatores individualistas marchou no mesmo ritmo do declínio da religião: épocas mais individualistas era menos religiosas”²⁵³.

Devido uma mestiçagem religiosa muito presente na cultura pós-moderna, a religião também é parte do *self-service* cultural dos dias atuais. A igreja para nada mais serve senão um lugar em que as pessoas expressam suas crenças. Diante disso, formam-se igrejas para todos os tipos de pessoas. Logo, a confessionalidade acaba se tornando marginalizada.

A espiritualidade hoje é adornada no foro íntimo na construção identitária, uma vez que o agente religioso não precisa mais se adequar as normas institucionais, basta encontrar uma comunidade de fé que acredite nas mesmas coisas. A bricolagem religiosa parece ser um caminho sem retorno.

O excesso de individualização é a primeira característica provocado pelas redes sociais que desaguou na espiritualidade dos *centennials*, poder-se-ia dizer que hoje experimenta-se uma espiritualidade digital.

O caráter digital está vinculado com experiência provocada pelo ciberespaço, em que o indivíduo está no ambiente remoto e individualizado, e isso o coloca momentaneamente fora do espaço-tempo real.

Portanto, a espiritualidade é digital porque não é vivenciada amplamente, mas experimentada em momentos sacros-individuais, de tal forma que o agente religioso não passa de um consumidor de uma realidade última.

²⁵³ TWENGE, Jean M., 2018. p. 160.

Outra característica é o aumento da fragilidade emocional provocada pela “vida na bolha” da *internet*. Ao se deparar com uma vida real “fora da caixa” os *centennials* demonstram uma hipervalorização da experiência cúllica, em que o templo se torna espaço terapêutico.

Até a arquitetura do ambiente coopera para essa experiência emotiva. Desde ambientes mais escuros, com jogo de luzes, músicas que despertam as emoções, máquinas de fumaça e pregações *coach's*. Tudo é utilizado para tocar nos afetos dos membros.

Obviamente, a comunidade cristã deve estar atenta para a saúde mental das pessoas, porém proporcionar surtos emocionais não pode ser a intenção do culto cristão.

A espiritualidade da Geração Z é cada vez mais performática, simbólica e subjetiva. Porém, laços de coesão comunitária são enfraquecidos, pois o individualismo em sua subjetividade religiosa mina a instituição no senso de solidariedade coletiva, bem como imperativos religiosos.

Danièle Hervieu-Léger trata sobre a questão da emocionalidade da espiritualidade *pós-millennials* ²⁵⁴

[...] à experiência cotidiana que os indivíduos fazem da complexidade de um mundo em que eles não encontram mais suas referências, em que experimentam o sentimentalismo de ser tomados por forças que os transcendem e sobre as quais não tem qualquer influência.

O excesso da racionalidade na idade moderna, tem resultado em uma valorização da experiência. Inquestionavelmente, a experiência é importante para a construção da espiritualidade, mas não pode ser finalidade da espiritualidade.

A socióloga conclui ²⁵⁵

Esta afinidade paradoxal das crenças flutuantes contemporâneas de caráter mágico com o mito moderno do poder das técnicas é digno de atenção: ela pode explicar como indivíduos providos de uma cultura moderna, às vezes sancionada por diplomas, podem, contra qualquer expectativa, aderir a elas.

²⁵⁴ HERVIEU-LÉGER. Danièle, 2015. p. 49.

²⁵⁵ HERVIEU-LÉGER. Danièle, 2015. p. 49-50

O que resta é a venda da fé por meio das instituições religiosas, que no mercado da afetividade e na busca por relevância, oferecem produtos ao gosto do freguês. A religião no Séc. XXI tem como principal dogma as emoções, sentimentos e o desvendar do propósito de vida dos seus adeptos. O pastor não passa de guia espiritual que proporciona a evolução do indivíduo diante das circunstâncias da vida.

Não se pode mais pensar em instituições com confissões de fé históricas do protestantismo, em que a comunidade preza pela pregação cristocêntrica, a correta administração dos sacramentos e fidelidade na disciplina eclesiástica.

Na Geração Z, esse elemento *pístico* é cada vez mais interiorizado, emocional e individual. No mundo contemporâneo não há mais absolutos, irradiando para a perda da autoridade das instituições religiosas.

As âncoras culturais formadas pela religião tradicional se esvaíram dando lugar ao mosaico espiritual, de modo que, forma-se uma enorme multiplicidade de movimentos religiosos e adesões místicas.

Mais uma vez Stewart Hoover acerta ao afirmar que ²⁵⁶

Por uma variedade de razões, as pessoas hoje estão assumindo mais a responsabilidade pelas próprias crenças, as próprias espiritualidades e identidades religiosas. Ao lado do enfraquecimento na confiança pública nas instituições em geral, as instituições religiosas também perderam a notoriedade, e a autoridade clerical é menos importante em determinar o que as pessoas creem e a forma com que elas vivem suas vidas. Religião e espiritualidade hoje são, portanto, mais de terminadas por indivíduos e por processos de escolha individual.

A conclusão é que a religião dos *centennials* está fragmentada, assim, a espiritualidade não significa mais, necessariamente, o pertencimento a uma comunidade de fé. Cada vez mais, a Geração Z se reveste de desafeição, desfiliação e desagregação religiosa ²⁵⁷.

5.3 PREGAÇÃO AFETIVA

²⁵⁶ HOOVER, Stewart, 2014. p. 50

²⁵⁷ MARTIN, David apud PORTELLA, Rodrigo. A Religião na Sociedade Secularizada: *Urdindo as Tramas de um Debate*. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 11, n. 1 e 2, p. 33-53. p. 45

A expressão pregação será utilizada, preferencialmente, porquanto ao falar sobre pregação não será tratado somente o *kerygma* ou prédica, mas também a liturgia.

A psicóloga norte-americana propõe uma luz no fim do túnel “a religião sobreviverá, mas será flexível, aberta e igualitária, dando as pessoas um senso de pertencimento e sentido”²⁵⁸. Caso isso não ocorra, essa contextualização, os *centennials* substituirão a religião pelas redes sociais ou relações interpessoais que tenham interesse.

É justamente esse “senso de pertencimento e sentido” que carece atenção na pregação. Timothy Keller, pastor presbiteriano e norte-americano, talvez tenha mostrado uma possibilidade de diálogo, afinal a igreja que era por ele pastoreada funciona o centro de *Manhattan*.

No livro “Pregação: Comunicando a fé na Era do Ceticismo”, Keller apresenta a exposição do Evangelho de modo mais afetivo. Em nota de rodapé o autor escreve²⁵⁹

Eu acrescentaria que “pregar ao coração” não é algo apenas bíblico, mas também é uma maneira importante de adaptação à nossa era secular, em que a religião herdada está em declínio. As pessoas irão à igreja não porque devem fazê-lo, pelo fato de ser uma das implicações de fazer parte de um corpo ou comunidade social; elas irão unicamente porque decidiram fazê-lo de coração

A importância de “pregar ao coração” já está demonstrada. Porém, James K. A. Smith contribui para melhor entendimento do que é o coração na narrativa bíblica. Com supedâneo na sabedoria escriturística o professor de filosofia contraria o pensamento cartesiano “penso, logo existo”, transformando em “amo, logo existo”²⁶⁰

Por isso precisamos rejeitar a ideia reducionista que inconscientemente absorvemos na era moderna segundo a qual somos exclusivamente coisas pensantes. Em vez disso, precisamos adotar um modelo mais holístico e bíblico da pessoa humana que situe nosso pensamento e conhecimento em relação a outro aspecto mais fundamental [...] Em lugar do modelo racionalista e intelectualista que

²⁵⁸ TWENGE, Jean M., 2018. p. 165.

²⁵⁹ KELLER, Timothy. *Pregação: Comunicando a fé na Era do Ceticismo*. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 224

²⁶⁰ SMITH, James K. A., 2017. p. 25,26

implica que “você é aquilo que pensa”, a oração de Paulo (Fp 1.9-11) sinaliza uma convicção bastante diferente: “você aquilo que ama”

O coração na sabedoria bíblica é o centro do homem interior, quando os autores sagrados falam sobre “coração” o sentido não é meramente a emoção do personagem, mas um sentido mais profundo da sua existência, como chancela o autor “pense no coração como o sustentáculo de seus anseios mais fundamentais: uma orientação visceral e subconsciente para o mundo” ²⁶¹.

Aqui está a grande questão para eficácia da pregação na era digital. A prédica pela autoridade do Espírito Santo deve desnudar os anseios mais encovados do ser humano. Os *centennials* precisam perceber o vazio latente da efêmera existência ²⁶²

Ser humano é ser para algo, direcionado para, voltado para. Ser humano é estar em movimento, em busca de algo, atrás de algo. Somos como tubarões existenciais: precisamos nos mover para viver. Não somos apenas recipientes estáticos de ideias, e sim criaturas dinâmicas voltadas para um fim.

Mais uma vez Timothy Keller contribui para proporcionar fissura na mente blindada pela virtualidade da Geração Z. Na obra supracitada ele trabalha em “como pregar ao coração pós-moderno”, por conseguinte, ao coração dos *centennials*.

Ao falar sobre a contextualização da pregação para a cultura presente, ele afirma que pregar ao coração envolve afeições verdadeiras, de forma imaginativa, maravilhada, memorável, cristocêntrica e prática.

Primeiro lugar, pregar com afeições verdadeiras. O pregador precisa demonstrar que seu próprio coração foi alcançado pelas verdades do Evangelho, é necessário evidenciar com transparência a realidade que está apresentando. A Geração Z tem narizes treinados para a hipocrisia, portanto, “você não tocará os corações porque seu coração não foi tocado” ²⁶³.

Segundo lugar, pregar de forma imaginativa. É fundamental o pastor engajar a imaginação dos ouvintes. Isso ocorre através do uso de “ilustrações”

²⁶¹ SMITH, James K. A., 2017. p. 28

²⁶² SMITH, James K. A., 2017. p. 28.

²⁶³ KELLER, Timothy, 2017. p. 206

durante o sermão. Jonathan Edwards disse que devido a Queda, as realidades espirituais não são tão reais para o ser humano quanto as experiências sensoriais, por isso, a ilustração deve estar presente para provocar a imaginação²⁶⁴.

Assim como a educação tem passado por uma *metamorfose*, em que as preleções estão sendo substituídas por discussões mais interativas, as instituições religiosas podem promover reuniões que estimulem as pessoas a participarem mais ativamente.

Em uma das entrevistas relatadas por Twenge, certa jovem disse “A Igreja deveria fazer coisas mais interativas para manter as pessoas refletindo bastante, em vez de só fazer pregações para as pessoas escutarem”²⁶⁵.

Terceiro lugar, pregar de modo maravilhado. É expor as verdades do enredo bíblico: Criação, Queda, Redenção, Consumação. Mesmo depois do desconstrucionismo pós-moderno, em uma perspectiva cristã, o sentimento mais profundo da humanidade percebe uma realidade espiritual subjacente²⁶⁶.

Quarto lugar, pregar de maneira memorável. É fundamental que as pessoas que escutam a prédica lembrem-se daquela exposição durante a semana, para que isso aconteça é necessário de boa aplicação, tempo de pesquisa, linguagem clara e inteligível, além de recursos retóricos, por exemplo, aliteração, assonância e paralelismo²⁶⁷.

Quinto lugar, pregue de forma cristocêntrica. Cristo é Aquele para quem todos princípios e narrativas apontam²⁶⁸

Aqui devo dizer que pegar a Cristo não é apenas a maneira mais excelente de compreender o texto em sua totalidade, não é apenas a melhor maneira de alcançar simultaneamente aqueles que não creem e os que creem, mas também a maneira de garantir que seu discurso vá além da preleção árida e se torne a proclamação genuína da verdade que alcança o coração.

²⁶⁴ EDWARDS, Jonathan apud KELLER, Timothy, 2017. p. 207.

²⁶⁵ TWENGE, Jean M., 2018. p.164.

²⁶⁶ KELLER, Timothy, 2017. p. 212-213.

²⁶⁷ KELLER, Timothy, 2017. p. 215.

²⁶⁸ KELLER, Timothy, 2017. p. 215.

Sexto e último lugar, pregue de modo prático. Timothy Keller não está tratando da contextualização do sermão, mas, a aplicação da pregação em caráter mais prático, oferecendo luz ao cotidiano do ouvinte.

O autor ainda propõe demandas práticas de como aplicar melhor o sermão: a) “converse com pessoas diferentes e leia autores de diferentes confissões”, isso abrirá a mente para os vários “pontos de vista”; b) “pense em pessoas diferentes na preparação daquele sermão”, isso fará com que a mensagem do Evangelho fique mais pessoal; c) “entremear a aplicação ao longo do sermão”, isso tornará o pregação mais flexível (menos parecida com um monólogo), o que é importante, principalmente, na sociedade de hoje marcada pela rapidez de informações; d) “recorra a variedade de aplicações”, a conclusão da parênese deve consolar, edificar, admoestar, advertir, exortar e encorajar, mas quem deve delimitar esse apelo é o próprio texto e teor do sermão; e) “esteja emocionalmente ciente”, com isso, o autor fala da importância de observar a resposta emocional que as pessoas estão dando durante o culto ²⁶⁹.

A igreja do Séc.XXI, enfrenta um inimigo jamais observado na história do cristianismo. A igreja luta pela atenção das pessoas, se não bastasse a humanidade ser mais cética do que antes, agora a busca é por alguns minutos preciosos dentro do mercado dos sentidos.

Tudo carece ser repensado para a missionalidade da comunidade, desde as disposições arquitetônicas até a forma de discipulado cristão; da iluminação e mídia até a pregação; da secretaria até os grupos de *WhatsApp* dos departamentos. Tudo deve ser contextualizado e reestruturado.

Conclui-se com uma constatação de Antonio Spadaro ao falar sobre a ciberteologia: “o homem de hoje mantém ativas as conexões comunicativas que o ligam ao mundo e às outras pessoas uma “aura eletrônica” que constitui a forma de seu testemunho no ambiente digital” ²⁷⁰. É importante para a comunidade cristã um maior entranhamento no mundo virtual dos *centennials*, por intermédio da real preocupação com os afetos e emoções dessa geração, quem sabe as energias serão renovadas. Porém, se a igreja falhar nessa demanda, infelizmente, irá sobrar somente lamento.

²⁶⁹ KELLER, Timothy, 2017. p. 216-223.

²⁷⁰ SPADARO, Antonio, 2012. p. 89.

6 CONCLUSÃO

A racionalidade moderna caiu por terra em meados do Séc.XX, concedendo sua primazia para afetividade, isso é claramente apontado pelas revoluções afetivas. Essa mudança cultural está associada à crescente valorização da individualidade e liberdade pessoal.

O mundo não é mais cartesiano como costumava ser. Nas palavras de Nietzsche a pessoa é dionisíaca, ou seja, mais passível as emoções. Já que a racionalidade não resolveu os problemas da humanidade, nada mais justo que cada um pensar nos seus próprios problemas.

A individualidade e a afetividade têm transtornado estruturas até então sólidas. A subjetividade tem sido palavra de ordem na atualidade resultando em maior relativismo ideológico. O desconstrucionismo afetou todas as áreas do conhecimento humano. O ambiente de *metamorfoses* sociais em que os *centennials* foram e estão sendo formados: sem pressa, com uma “vida digital”, baixo contato pessoal, inseguros, descrentes, isolados socialmente, inseguros financeiramente, indefinidos, inclusivos e independentes politicamente.

Se não bastasse as transformações culturais, os avanços tecnológicos têm proporcionado novas experiências para essa geração. Diferente dos *Baby Boomers*, Geração X e *Millennials*, os *Centennials* de fato são nascidos digitais. O primeiro contato com *smartphone* acontece antes mesmo de terem consciência disso. A educação, a cidadania, a comunicação e a interatividade estão vinculadas com as novas mídias digitais.

Formados pelo ciberespaço, agora a Geração Z encontra dificuldade em viver fora do ambiente virtual. Alguns dos problemas emocionais dessa geração estão imbricados com a facilidade de interação proporcionada pela *internet*.

A religião está se transformando em “espiritualidade digital”, sendo edificada em três pilares: individualidade, afetividade e não institucionalidade. A crescente integração entre religião e *internet* demonstram novos desafios no pensamento e na ética eclesial. A esfera digital tem desempenhado um papel preponderante na formação e na evolução da religião, da espiritualidade e da crença, além de uma nova compreensão sobre a comunidade de fé.

Diante disso, é possível perceber que o mundo digital através da sua infinidade de possibilidades e a pós-modernidade desconstruindo os eixos sociais tem afetado a forma como os *centennials* tem enxergado a religião.

A igreja precisa dar as mãos com as demais áreas do saber, a fim de dialogar com as novas realidades da vida contemporânea que está em constante mutação. Infelizmente, muitas das pesquisas estão comprometidas com abordagens metodológicas que estão aparentando como insuficientes, justamente, devido aos novos horizontes vivenciados dentro da Geração Z.

A boa notícia é que o Evangelho de Jesus Cristo tem as respostas para os *pós-millennials*. A sabedoria cristã para o mundo pós-moderno pode ser encontrada nas vozes do passado, que nunca foram aprisionadas pelo reducionismo moderno. O pessoa moderna definida como ser meramente racional, foi destronada pelo *homo sentimentalis* da contemporaneidade.

A falta de metanarrativas está cristalizada no ambiente digital e tem provocado confusão nos *centennials*, logo, procuram sentido em absolutamente tudo, desde relacionamentos líquidos até experiências místicas. Estão naufragando em meio ao caos de suas múltiplas identidades.

A religião que ocupava o espaço central na vida da pessoa através do sentimento de robustez na identidade está cada vez mais esquecida. A fé que outrora foi o baluarte do propósito da existência agora é vista como um acessório na formação do “eu”. Por isso, o espaço da espiritualidade na Geração Z é meramente complementar na construção identitária desse grupo social.

É válido a comunidade cristã achegue aos *centennials* e demonstre a possibilidade de uma vida satisfeita em Deus, de modo que, uma vez experimentando a Cristo Jesus, como diz Santo Agostinho de Hipona “[...] Tu nos despertaste para o prazer de te louvar, pois nos criaste para ti, e nosso coração não tem sossego enquanto não repousar em ti”²⁷¹. A humanidade poderá ver uma esperança para suas inquietações, de tal forma que a incompletude será transformada em plenitude.

Inicialmente, o que não pode ser esquecido é a responsabilidade de cada geração apoiar a geração posterior, não pode ser pensado em momento algum o abandono da Geração Z. O que vem a mente é a necessidade de todos darem

²⁷¹ Clássicos da Literatura cristã: *pais apostólicos; confissões; imitação de Cristo*. São Paulo: Mundo Cristão, 2015. p. 219.

as mãos e unidos buscarem compreender sem preconceitos o que de fato acontece no íntimo dessa geração. Mais do que um sentimento meramente soteriológico, deve haver uma procura por diálogo. Obviamente, a intenção não será proporcionar uma resposta hermeticamente pensada, mas gerar uma ebulição de ideias.

É importante interpretar as formas como a religião interage com outras dimensões da vida social, política e cultural. A partir disso, buscar uma compreensão mais ampla de como a religião e a era digital se influenciam nos dias atuais. Será que é possível entender completamente a espiritualidade sem entender as novas mídias digitais e as quais serão verdadeiras consequências para o futuro da comunidade cristã?

Por mais que inúmeras elucubrações sejam feitas, não é possível alcançar uma resposta simples e definitiva. Claramente, uma dissertação não é capaz de responder essas inquietações. Talvez em uma tese de Doutorado, porém, provavelmente, só com muita persistência e com o passar dos anos poderá ser desnudado onde houveram acertos e erros.

REFERÊNCIAS

ALTER, Adam. Irresistível: *por que você viciado em tecnologia e como lidar com ela*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018

BAUMAN, Zygmunt; LEONCINI, Thomas. Nascidos em tempos líquidos: *transformações no terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018

BENTON, John. O Cristão em uma Sociedade de Consumo. São Paulo: Cultura Cristã, 2002

BOBSIN, Oneide; SILVA, Marcelo Ramos Saldanha (Orgs.). Ciência da Religião: *Uma hóspede impertinente*. DROOGERS, André. Espiritualidade: *O problema da definição*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2020

BOORSTIN, Daniel J. *The image: A guide to Pseudo-Events in America*. New York: Vintage. 2012

BORDIEU, Pierre. A produção da crença: *contribuições para a economia dos bens simbólicos*. São Paulo, Zouk; 3º Ed, 2004.

BORELLI, Silvia. H. S; FILHO, João Freire (orgs). *Culturas juvenis no Século XXI*. São Paulo: EDUC, 2018.

BRUZZONE, Andrés. *Ciberpopulismo: política e democracia no mundo digital*. São Paulo: Contexto, 2021

CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2014.

CAMPOS JUNIOR, Heber Carlos de. *Amando a Deus no mundo: por uma cosmovisão reformada*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2019

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

Clássicos da Literatura cristã: *pais apostólicos; confissões; imitação de Cristo*. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. *O cristão na cultura de hoje: desenvolvendo uma visão de mundo autenticamente cristã*. Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006.

DAM, Andrew Van. *The unluckiest generation in U.S. history: Millennials have faced the worst economic odds, and many will never recover*. Washington, 5 jun 2020. Disponível em:

<https://www.washingtonpost.com/business/2020/05/27/millennial-recession-covid/>. Acesso em 1 mar 2022

DESMURGET, Michel. *A fábrica de cretinos digitais: Perigos das telas para nossas crianças*. São Paulo: Vestígio, 2021

DIMOCK, Michael. Defining generations: *Where Millennials end and Generation Z begins*. Washington, 17 jan. 2019. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2019/01/17/where-millennials-end-and-generation-z-begins/>.

DOOYEWEERD, Herman. No crepúsculo do pensamento ocidental: *estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico*. Brasília, DF: Monergismo, 2018.

DOOYEWEERD, Herman. Raízes da Cultura Ocidental. São Paulo: Cultura Cristã, 2015

DULCI, Pedro. Identidade e sexualidade: *Reformando nossa visão de conceitos fundamentais*. Brasília: Editora Monergismo, 2020.

ELIZABETH, Kilbey. Como criar filhos na era digital. São Paulo: Fontanar, 2018.

EMANUEL, Simone. Geração Z: *quem são e como se comportam os jovens nascidos na era digital*. Rio de Janeiro, 2020. E-pub.

FARIAS, Adriana. Movimento 'hype': *jovens gastam 3 000 reais em moletom e 6 000 em tênis Eles buscam peças raras de marcas da moda 'streetwear' e sustentam o "vício" revendendo itens com lucros que atingem os 350%*. São Paulo, 19 jun 2018. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/consumo/movimento-hype-outfit-roupas-caras/>

FINE, Cordelia, Testosterona Rex: *Sexo, ciência e sociedade*. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2018.

FOUCAULT, Michael. A história da sexualidade: *a vontade de saber*, vol 1. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FRANCIS, Shaeffer. A verdadeira espiritualidade. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G. Introdução à Cosmovisão Cristã: *vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

GRUBB, Valerie M. Conflito de Gerações: *desafios e estratégias para gerenciar quatro gerações no ambiente de trabalho*. São Paulo: Autêntica Business, 2018. E-pub.

GUY, Debord. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

HABIGZANG, Luísa Fernanda I.; DINIZ, Eva; KOLLER, Sílvia H. (Orgs.). *Trabalhando com Adolescentes: teoria e intervenção psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

HAN, Byung-Chul. *Bom entretenimento: uma desconstrução da história da paixão ocidental*. Petropólis, RJ: Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. *Hiperculturalidade: cultura e globalização*. Petropólis, RJ: Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. *No exame: perspectivas do digital*. Petropólis, RJ: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petropólis, RJ: Vozes, 2017

HERTZ, Noreena. *O Século da solidão: restabelecer conexões em um mundo fragmentado*. Rio de Janeiro: Record, 2021.

HERVIEU-LÉGER. Danièle. *O convertido e o peregrino: a religião em movimento*. Petropólis, RJ: Vozes, 2015

HOOVER, Stewart. *Mídia e religião: premissas e implicações para os campos acadêmico e midiático*. C&S – São Bernardo do Campo, v. 35, n. 2, p. 41-68, jan./jun. 2014. pdf.

HOROVITZ, Bruce. *After Gen X, Millennials, what should next generation be?*. New York, 04 mai 2012. Disponível em: <https://abcnews.go.com/Business/gen-millennials-generation/story?id=16275187>.

HOWE, Neil. *Introducing the Homeland Generation (Part 1 of 2)*. New York, 27 out 2014. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/neilhowe/2014/10/27/introducing-the-homeland-generation-part-1-of-2/?sh=657d76bc2bd6>.

IDOETA, Paula Adamo. *O que deu errado com os millennials, geração que foi de ambiciosa a 'azarada'*. São Paulo, 25 jul 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57938082>.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.

JUNG, Carl. *Modern man in search of a soul*. Nova Iorque: Hartcourt and Brace, 1933.

Kaiser Family Foundation. *Generation M2: Media in the Lives of 8- to 18-Year-Olds*. Disponível em: <https://www.kff.org/other/event/generation-m2-media-in-the-lives-of/>. 20 jan 2010

KELLER, Timothy. *Pregação: Comunicando a fé na Era do Ceticismo*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KINNAMAN, David; LYONS, Gabe. *Descrente: o que a nova geração pensa sobre o cristianismo e por que isso é importante*. Pompeia: Universidade da Família, 2012.

LEMBKE, Anna. *Nação dopamina: por que o excesso de prazer está nos deixando infelizes e o que podemos fazer para mudar*. São Paulo: Vestígio, 2022.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010.

LOAIZA, Melissa Velásquez e MELO, CAROLINA. Carência por like está quimicamente relacionada ao vício, alerta especialista. São Paulo, 30 out 2021. Disponível <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/carencia-por-like-esta-quimicamente-relacionada-ao-vicio-alerta-especialista/>.

LOSEKANN, Marcos. Antigas catedrais abrigam hotéis, livrarias e até discotecas na Europa: *Na República Tcheca, a igreja do século 13 virou um spa no começo do terceiro milênio. Em uma esquina em Londres, o velho templo anglicano virou um moderníssimo estúdio musical*. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/09/antigas-catedrais-abrigam-hoteis-livrarias-e-ate-discotecas-na-europa.html>.

LUKIANOFF, Greg; HAIDT, Jonhatan. *The coddling of the American Mind*. The Atlantic, 2015.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021

MASNICK, George. *Defining the Generations*. Cambridge, 28 nov. 2012. Disponível em: <https://www.jchs.harvard.edu/blog/defining-the-generations>.

MESQUITA, Lígia. Pablio Vittar quer mirar público adolescente em 2018 - e diz não temer críticas. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-42513721>.

MIKLOS, Jorge. *Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2012.

MOHLER JR. Richard Albert. *Deus não está em silêncio: Pregando em um mundo pós-moderno*. São Paulo: Editora Fiel, 2011.

NASH, Ronald. *Questões Últimas da Vida: Uma Introdução à Filosofia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

NAUGLE, David K. *Cosmovisão: a história de um conceito*. Brasília, DF: Monergismo, 2017.

NERY, Carmen; BRITTO, Vinícius. Internet já é acessível em 90,0% dos domicílios do país em 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de>

noticias/noticias/34954-internet-ja-e-acessivel-em-90-0-dos-domicilios-do-pais-em-2021. Rio de Janeiro, 16 set 2022.

NOVO, Benigo Nuñez. *O mundo virtual: As mídias sociais são os meios que garante a comunicação virtual, são os programas instalados no computador ou acessíveis na internet que por meio dos navegadores, permitem seu funcionamento*. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/curiosidades/o-mundo-virtual.html>

O'NEIL, Cathy. *Algoritmos de destruição em massa: como a Big Data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia*. Santo André, SP: Editora Rua do Sabão, 2020.

OLIVEIRA, Sidnei. *Gerações: encontros, desencontros e novas perspectivas*. São Paulo: Integrare Editora, 2016. E-pub.

Portal Guiame. Brasil tem mais de 4 milhões de 'evangélicos não praticantes', segundo pesquisa. Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/brasil-tem-mais-de-4-milhoes-de-evangelicos-nao-praticantes-segundo-pesquisa.html>

PORTELLA, Rodrigo. *A Religião na Sociedade Secularizada: Urdindo as Tramas de um Debate*. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 11, n. 1 e 2, p. 33-53. p. 45

Redação BBC Brasil. Billie Eilish diz que exposição à pornografia aos 11 anos a deixou com pesadelos. São Paulo, 15 dez 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59665609>.

Redação Pew Research Center. *In Debate Over Legalizing Marijuana, Disagreement Over Drug's Dangers In Their Own Words: Supporters and Opponents of Legalization*. Washington, 14 abr 2015. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/politics/2015/04/14/in-debate-over-legalizing-marijuana-disagreement-over-drugs-dangers/>

REINKE, Tony. *A Guerra dos Espetáculos: o cristão na era da mídia*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2020

REINKE, Tony. *Deus, tecnologia e a vida cristã (livro eletrônico)*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2022. E-pub.

SCHAEFFER, Francis A. *Como viveremos?* São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

SCHAEFFER, Francis. *A morte da Razão*. São José dos Campos, SP: ABU, 1993.

SCHUURMAN, Derek C. *Moldando um mundo digital: Fé, cultura e tecnologia computacional*. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2019.

- SIMONATO, Marcelo. *Liderando juntos: um novo olhar para a gestão das gerações atuais*. São Paulo: Literare Books Internacional, 2020. E-pub.
- SIRE, James. *Dando nome ao Elefante: cosmovisão como um conceito*. Brasília, DF: Monergismo, 2012.
- SMITH, Christian & DENTON, Melinda Lundquist. *Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers*. Londres: Oxford University Press, 2009.
- SMITH, James K. A. *Você é aquilo que ama: o poder espiritual do hábito*. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- SPADORO, Antonio. *Ciberteologia: pensar cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- TAYLOR, Charles. *As fontes do Self: a construção da identidade moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 4º Ed, 2013.
- TAYLOR, Charles. *Uma era Secular*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2010.
- The Economist. Daily Chart: *Loneliness is pervasive and rising, particularly among the you Smartphones and social media are blamed, but moderate use can be beneficial*. Londres, 31 de ago 2018. Disponível em: <https://www.economist.com/graphic-detail/2018/08/31/loneliness-is-pervasive-and-rising-particularly-among-the-young>
- TWENGE, Jean M. *iGen: por que as crianças superconectadas de hoje estão crescendo menos rebeldes, menos felizes e completamente despreparadas para a idade adulta*. São Paulo: nVersos, 2018.
- WALSH, Brian e MIDDLETON, J. Richard. *A Visão Transformadora*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- WOLTERS, Albert. *A Criação Restaurada: A base bíblica da Cosmovisão Reformada*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019
- ZYGMUNT, Bauman. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- ZYGMUNT, Bauman. *Vida para Consumo: A Transformação das Pessoas em Mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018